

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**PRISCILA DA SILVA OLIVEIRA**

**Significações constituídas por professoras e alunos do ensino fundamental  
sobre o racismo na escola**

**Mestrado em Psicologia da Educação**

**SÃO PAULO  
2019**

**PRISCILA DA SILVA OLIVEIRA**

**Significações constituídas por professoras e alunos do ensino fundamental  
sobre o racismo na escola**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Educação: Psicologia da Educação, sob a orientação do Professor Doutor Antônio Carlos Caruso Ronca.

**SÃO PAULO  
2019**

Nome: OLIVEIRA, Priscila da Silva

Título: Significações constituídas por professoras e alunos do ensino fundamental sobre o racismo na escola

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Educação: Psicologia da Educação, sob a orientação do Professor Doutor Antônio Carlos Caruso Ronca.

Aprovada em: \_\_\_\_\_

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Antonio Carlos Caruso Ronca (orientador) - PUC São Paulo

---

---

## **AGRADECIMENTOS**

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Número de financiamento 88887.165667/2017-00. Obrigada pelo apoio financeiro para a realização deste trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me agraciado com vida.

À minha mãe e irmãos que sempre estiveram ao meu lado, cuidando dos meus filhos e dando apoio para a realização deste mestrado.

Aos meus filhos Pietro e Rafael que foram e sempre serão o principal combustível para a continuidade de todos os meus projetos de vida. Sem a existência deles, nada disso teria sentido.

Ao Ronca, orientador desta dissertação, pelo apoio, paciência e confiança depositada a mim. Compartilhar seus conhecimentos foi fundamental para a minha evolução durante o mestrado.

Aos colegas com que convivi durante as disciplinas, que compartilharam suas dificuldades e angústias, permitindo que eu me sentisse acolhida e com o sentimento constante de que não estava sozinha.

Aos professores e funcionários da PUC, que estiveram sempre presentes, contribuindo direta ou indiretamente para a realização dessa pesquisa.

Às amigas Elenir e Sara, pelo apoio, companheirismo e conversas durante toda a trajetória do curso.

Aos amigos Ana Claudia, Bruno, Felipe e Simone por sempre estarem comigo e ouvirem, lerem, dar opiniões e até mesmo escutarem meus desabafos.

Às professoras da banca examinadora, Ana Bock e Iracema Nascimento, pelas importantes contribuições para a realização deste trabalho.

Às professoras, alunas e alunos entrevistados, por aceitarem e contribuírem com essa pesquisa.

*“As discriminações que já sofri  
Quem me olhou com os maus olhos  
Não pode me impedir  
Pois eu reflito, viajo em meus pensamentos  
E aprendi que tudo tem o seu momento.”*

Pensamentos- SNJ

OLIVEIRA, P. S. **Significações constituídas por professoras e alunos do ensino ensino fundamental sobre o racismo na escola**. 2019. 158f. Dissertação (mestrado) – Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

## RESUMO

O racismo é um fenômeno social que consiste no preconceito e discriminação com base nas diferenças étnicas entre os povos. O negro brasileiro ainda sofre com a herança do período escravocrata em que, durante séculos, africanos e seus descendentes foram condenados à escravidão, impedindo que tivessem as mesmas condições de humanização que brancos europeus. A presente pesquisa tem como objetivo analisar as significações constituídas por professoras e alunos sobre o racismo na escola, tendo como lócus uma escola municipal localizada na zona norte de São Paulo. Para esse estudo foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro professoras e quatro alunos autodeclarados brancos e negros. O estudo foi delineado a partir da literatura de autores como: Gomes (2002), Munanga (2004), Bento (2009), Rosemberg (2014) e Ronca (2016) e ancorado no pressuposto metodológico da psicologia socio-histórica, fundamentada no materialismo histórico dialético. Durante as entrevistas, discorre-se sobre as significações que professoras e alunos constituem sobre o fenômeno do racismo no ambiente escolar, como ele é percebido em sala de aula, qual o tipo de visibilidade dada às questões raciais na escola e quais intervenções são realizadas diante das práticas racistas que ocorrem no cotidiano escolar. A análise foi realizada através de indicadores e pré-indicadores estruturados para a formação de núcleo de significações, conforme estudos de Aguiar e Ozella (2016). A partir das narrativas, identificou-se que o racismo se manifesta no espaço escolar explicitamente por meio de xingamentos e brincadeiras discriminatórias, velado, naturalizado ou confundido e reduzido a *bullying*. Apesar de a escola pesquisada ser considerada centro de referência de cultura afro e possuir um projeto específico para a promoção da igualdade racial, há ausência de reflexão sobre como tratar as crianças que sofrem com o racismo no ambiente escolar. A importância que professoras e alunos brancos dão ao tema também foi contemplada, assim como a lei 10.639/03. Foi, ainda, discutida a parceria entre gestão escolar e professores para o combate do racismo.

**Palavras-Chave:** Relações étnico-raciais. Psicologia Socio-Histórica. Práticas racistas.

OLIVEIRA, P. S. **Racism in school: meanings made by teachers and students.** 2019.158f. Dissertation (masters) - Education: Psychology of Education, Pontifícia Universidade Católica of São Paulo, São Paulo, 2019.

### **ABSTRACT**

Racism is a social phenomenon that consists of prejudice and discrimination based on ethnic differences between peoples. The African-Brazilian still suffers from the inheritance of the slave-owning period, in which, for centuries, Africans and their descendants were condemned to slavery, preventing them from having the same conditions of humanization as European whites. The present research aims to analyze the meanings of racism made by teachers and students in a school located in the north of the city of São Paulo. For this study, semi-structured interviews were conducted with four self-declared white and black female teachers and four self-declared white and black students. The study was based on the literature of authors such as Gomes (2002), Munanga (2004), Bento (2009), Rosemberg (2014) and Ronca (2016), anchored in the methodological assumption of Sociohistorical Psychology, based on Dialectical and Historical Materialism. During the interviews, teachers and students discuss the meaning-making process on the phenomenon of racism in the school environment, how it is perceived in the classroom, what kind of visibility is given to racial issues in the school and what interventions are carried out against racist practices that occur in everyday school life. The analysis was carried out through indicators and pre-indicators structured to form the nucleus of meanings, as proposed by Aguiar and Ozella (2016). From the narratives, it is possible to state that racism is expressed in the school space explicitly by means of cursing and discriminatory jokes, veiled, naturalized or confused and reduced to bullying. Although the school is considered a center of reference for African culture and has a specific project for the promotion of racial equality, there is no reflection whatsoever on how to treat children who suffer from racism in the school environment. The importance that white teachers and students give to the subject has also been addressed, as well as law 10.639 / 03, which reinforces the teaching of African and African-Brazilian cultures in school. A partnership between school management and teachers to combat racism is also discussed.

**Keywords:** Ethnic-racial relations. Socio-Historical Psychology. Racist practices.

## LISTA DE ABREVIACÕES

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
FGL	Fundação Gol de Letra
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
CEFAI	Centro de Formação e Acompanhamento  Inclusão
PPP	Projeto Político Pedagógico
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
EMEI	Escola Municioal de Educação infantil
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
GELEDÉS	Instituto da Mulher Negra
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
ONU	Organização das Nações Unidas
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
CONAE	Conferência Nacional de Educação
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
EJA	Educação de Jovens e Adultos

## APRESENTAÇÃO

Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.

(Nelson Mandela, 1994)

Na intenção de apresentar minha trajetória formativa e profissional na educação, encontro na citação de Nelson Mandela, acima, memórias nostálgicas que me remetem às ações racistas que durante anos me causaram dor.

Adquirindo maturidade durante todas as experiências que vivi, sempre procuro me reinventar para seguir caminhos e ideias que colaborem para a superação do racismo e ódio. A disputa de poder entre as classes sociais traz, como consequência, a reprodução das desigualdades, que são algumas das heranças deixadas pelo processo de escravidão (SOUZA, 2017).

O interesse em atuar na área da educação com participação ativa, para entender e intervir nas práticas em que o racismo persiste, está ligado às memórias afetivas ainda presentes de quando eu era aluna do Ensino Fundamental I. Admito ter recordações boas das amizades que fiz, do aroma gostoso da comida que havia na cantina, das brincadeiras, das músicas, entre outras atividades que me proporcionaram alegria. Entretanto, o racismo estava sempre presente de modo a incomodar-me, a me causar desconforto e constrangimento.

Desde criança já sentia o quanto a pele mais escura era um fardo a ser carregado. Aluna de escola pública, eu tinha consciência de que a cor da minha pele estava sempre relacionada com piadas de amigos brancos e negros de pele mais clara, que, apesar da pouca idade, já reproduziam o racismo explícito e naturalizado.

Geralmente, ações de discriminação racial ocorriam em sala de aula, com xingamentos dos quais me apelidavam de “neguinha do cabelo duro” ou “Saci-Pererê”. No momento do intervalo era pior. Sem que houvesse adultos por perto, era frequente eu merendar sozinha e aceitar as negativas de quando solicitava participar das brincadeiras das demais crianças mais claras que eu.

Diante dos constantes ataques racistas a mim dirigidos, acreditava de fato que era culpada por ter nascido negra e recebia as ofensas de maneira anestesiada. Minha dor sofria tantas mutações ao ponto de eu não saber mais distinguir meus

sentimentos, e, como saída, me silenciava frente a tantos estereótipos negativos apontados a mim.

Não havia professores negros na escola em que estudava, portanto não me sentia representada por nenhum docente. Os poucos negros que lá estavam faziam parte do quadro de funcionários em cargos como merendeiros ou auxiliares de limpeza. Contudo, era comum que as crianças apontassem esses funcionários como sendo meus familiares, provavelmente, pelo fato de serem negros e talvez por eles possuírem cargos considerados subalternos, de menor remuneração e vistos como inferiores aos funcionários brancos.

Eu, enquanto criança, nada podia fazer, já que os professores de alguma forma consentiam tais ações, preferindo silenciarem-se diante dos fatos, dando continuidade às aulas, como se nada estivesse ocorrendo.

O silêncio dos professores me causava tanto desconforto que tinha vontade de desaparecer e não ser percebida por ninguém. Até meus movimentos corporais eram os mínimos possíveis, pois, se não percebessem a minha presença na sala, os xingamentos poderiam ser esquecidos.

O que me chamava atenção diante das ações racistas que presenciei, não somente comigo, mas com outras crianças de pele escura, era o modo seletivo que os professores adotavam ao se relacionar afetivamente com os educandos. Era evidente a preferência por crianças de pele clara. Essas recebiam beijos, eram mais tocadas, e as falas valorativas dos professores eram sempre para elas.

Tinha o perfil esperado pelos professores: era boa aluna, assídua, caprichosa, com o comportamento desejado por eles; além de ter extremo cuidado com os materiais escolares. Quando observava o tratamento dado às crianças de pele clara, não entendia o motivo de não ter o mesmo carinho e trato valorativo da parte dos docentes.

Na adolescência, as discriminações perduraram. O tom da minha pele era motivo para as discriminações que me cercavam. Meus colegas me atacavam explicitamente por eu ser negra, possuir cabelos crespos, nariz largo e lábios grossos. Para evitar tamanho sofrimento, me esforçava para me embranquecer utilizando processos químicos para o alisamento dos meus cabelos ou maquiagens que davam um tom mais claro para minha pele.

Posso dizer que, a partir das atitudes que tinha para camuflar o que realmente eu era, comecei a me questionar se realmente eu teria que viver com a negação da

minha própria existência ao ponto de ser algo que não sou e até quando isso iria durar. Qual era realmente a minha identidade? Por que esconder minha história e o que realmente sou? Por que me sentia culpada por ser negra? E os professores? Por que não faziam nada para me ajudar?

Tinha sempre o sentimento de ser menos que outras pessoas. Perguntas acompanhadas de angústias cercaram-me até a vida adulta, sem que ninguém pudesse dar respostas que justificassem as discriminações raciais sofridas em diferentes espaços sociais. Gradativamente, pude perceber que a culpa de todas as práticas de racismo que sofria não era minha.

Eu carregava o desejo de fazer algo para que os mais jovens não sofressem e nem se culpassem pelas ações racistas que sofriam. Desejava fazer algo que pudesse elevar a autoestima deles. Portanto, iniciei, voluntariamente, minha trajetória profissional na Educação ainda muito nova.

Com 16 anos, realizava oficinas de dança para crianças e jovens na Fundação Gol de Letra (FGL). Logo surgiu o convite para que eu fizesse parte de um dos programas que lá existia. Comecei a atuar como mediadora de leitura, trabalho esse que tinha como objetivo incentivar a leitura de crianças de 06 a 14 anos. Permaneci no projeto por dois anos, que foram importantes para que eu tivesse o despertar para pensar e amadurecer a ideia de atuar na área da educação, com o objetivo de promover ações que contribuíssem para a aceitação da diversidade étnico-racial, já que, muitas vezes, presenciava práticas racistas entre as crianças.

Para a realização das atividades, havia à minha disposição uma professora formadora para auxiliar no planejamento pedagógico a fim de contribuir com a evolução do aprendizado das crianças, de modo a oferecer uma espécie de complementação escolar. Diante de situações de angústias e de não saber conduzir o cessar da agressividade das crianças, realizávamos relatórios para a discussão com os demais educadores sociais, focando reduzir os conflitos expostos.

Nas conversas, as crianças que sofriam atitudes racistas nos ambientes escolares admitiam, como defesa, ser agressivas, motivo esse que as levavam para a sala da coordenação pedagógica. Eram vistas como as erradas da história. E, em momentos de socialização, ao conversar com algumas delas, pude testemunhar comentários expondo suas preferências em ficar fora da sala, na "zoeira", ao terem que entrar e serem cobradas a realizar atividades contra a vontade delas. Quando

questionavam qualquer assunto, sendo ele relevante ou não à temática da aula, eram silenciadas pelos professores.

Lamentavam a invisibilidade durante as aulas, e esse era um dos motivos de não terem vontade de frequentar a escola. Além de não serem ouvidos, sentiam diferenças no tratamento que professores ofereciam aos alunos de pele mais clara e que, geralmente, tinham situação financeira melhor.

Com essa experiência, não podia seguir a achar que essas informações adquiridas eram mera coincidência do acaso. Sentia que tinha compromisso de atuar nessa realidade, mas, antes de tudo, era urgente conhecer melhor tal fenômeno que fez parte da minha infância e perdura na infância de outras crianças numa ótica naturalizada e imutável.

Em 2010 decidi ingressar na faculdade com o objetivo de realizar a graduação no curso de pedagogia. Preocupei-me em frequentar uma instituição que tivesse comprometimento com a diversidade étnico-racial. Por esse motivo, escolhi a Faculdade Zumbi dos Palmares, que tem como objetivo contribuir com o fim das desigualdades sociais ainda presentes na sociedade brasileira, possibilitando a inserção e interação da população afro-brasileira no meio em que vive. Posso dizer que a escolha em cursar pedagogia contribuiu para que eu pudesse iniciar a minha construção de senso crítico, viabilizando a perspectiva de uma sociedade e o papel de cada indivíduo para transformá-la.

Durante o período que permaneci na Faculdade, os problemas começaram a ser vistos com maior compreensão. Estagiei em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI), num programa da Prefeitura de São Paulo: o Centro de Formação e Acompanhamento à Inclusão (CEFAI). Além de receber capacitação, atuava na escola com a incumbência de acompanhar as turmas que tinham alunas ou alunos com deficiência. Sob a supervisão da coordenadora pedagógica e conforme o plano de trabalho do professor da sala, minha função era adaptar as atividades pedagógicas de modo a promover a inclusão dos alunos considerados especiais.

O estágio no CEFAI permitiu que eu tivesse um olhar pedagógico cuidadoso e preocupado em relação aos alunos com deficiência. Assim, tornou-se ponte para a percepção das crianças negras e suas relações com crianças de pele mais clara, professores e suas relações com crianças negras e, principalmente, para a observação de conflitos gerados em relação às diversidades étnico-culturais durante os momentos de socialização das crianças e eventuais intervenções de seus

professores.

No estágio realizado em colégio particular, tive uma experiência mais direta com as crianças. Logo nas primeiras semanas, fui convidada a lecionar na Educação Infantil.

Era difícil juntar a teoria do curso com as práticas nos estágios em ambas as escolas e eram notáveis as dificuldades encontradas por professoras e professores para contemplar a cultura afro-brasileira. Por meio das observações, percebia que apresentar nas escolas temáticas que valorizassem a igualdade racial causava muitas tensões. As coordenadoras tinham interesse em abordar o tema. Porém, tinham dificuldades e receios, já que era necessário explicar aos pais a importância de trabalhar a diversidade na escola sem que causasse certa estranheza e questionamentos.

Durante o curso de graduação, pude desenvolver a construção de uma postura crítica e reflexiva a respeito das ações naturalizadas em que o racismo não era notado por aqueles que o cometiam. Nas leituras, buscava temas que se aproximavam com as possíveis problemáticas encontradas nas salas de aula como indisciplina, aprendizagem de crianças de comunidades, afetividade, racismo e suas manifestações no âmbito educacional, entre outros.

Como na Faculdade Zumbi dos Palmares o maior percentual de alunos é composto por negros, tive uma boa formação em relação à valorização da cultura afro-brasileira por meio de disciplinas que abordavam a diversidade e relações humanas, políticas públicas e ensino da História da África.

Diante de tal formação, percebi a importância dos docentes enquanto formadores de futuros professores e o grande desafio de incluir nos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) um plano de ação contendo as práticas que contribuem para que a comunidade escolar possa ter o despertar para colaborar na valorização da diversidade étnico-racial no interior da escola. Percebi, também, o quanto isso pode contribuir positivamente no empoderamento dos alunos afro-brasileiros.

Tive bons professores no curso de pedagogia que, pela primeira vez, me enxergavam e me valorizavam. Conheci conceitos de autoras e autores como Paulo Freire, Mario Sérgio Cortella, Kabengele Munanga, Eliane Cavalleiro, Antonio Novoa, Emilia Ferrero, Maria Aparecida Silva Bento entre outros, que permitiram minha evolução e o entendimento dos conceitos estudados. O tema racismo e suas especificidades eram sempre presentes. Eu aproveitava a oportunidade para

compreender melhor tanto o que sofri na infância quanto o impacto desse sofrimento causado pelo racismo na minha vida atual. Ter visibilidade me incentivou, mesmo com todas as dificuldades, a realizar o curso até sua finalização.

Após minha graduação, tive maior segurança em me posicionar criticamente. Porém, ao iniciar minha docência em colégio privado, me deparei com práticas que me causaram desconforto, já que não conseguia contornar situações em que o racismo, em suas diversas vertentes, se manifestava fortemente no ambiente escolar.

Presenciei muitas vezes o racismo velado de alguns funcionários com alunos negros. Inclusive, fui vítima desse racismo quando fui confundida como sendo a faxineira do colégio. Encontrei pais surpresos quando me apresentava como professora de seus filhos e falas carregadas de discriminação quando funcionários diziam que eu era uma “neguinha metida”, talvez pelo fato de acreditarem que eu estava ocupando um lugar que não me pertencia. Em determinada situação, me senti perseguida por uma funcionária da limpeza que dizia repetidas vezes que eu era uma negra metida, sem motivo aparente. Até que um dia, ela substituiu a palavra negra metida por negra feia.

O racismo sempre esteve presente na minha vida pessoal e, conseqüentemente, na profissional. São inúmeras as situações em que me sinto inibida ou invisível na exposição de ideias nos processos sociais.

Na realidade da nossa sociedade, o racismo existe em diversas vertentes. Há, principalmente, o racismo estrutural, que se manifesta tanto para inibir, invisibilizar e excluir negros de determinados lugares de sociabilidade. Foram inúmeras as situações em que fui vetada e ignorada pelos meus parceiros de trabalho quando tentava inserir minhas ideias no contexto escolar.

Portanto, ao iniciar o mestrado, tive como proposta pesquisar o racismo na escola e como ele é constituído por professores e alunos. Escolher esse tema para a pesquisa vai além do que sofri nas experiências pessoais. Busco contribuir com a história afro-brasileira de modo a seguir com propostas de valorização, identidade e autoestima de crianças negras.

Por todas essas razões aqui mencionadas, através das minhas experiências, seja no âmbito pessoal ou profissional, e observando as ações de racismo se perpetuando em outras gerações, é que me propus a, neste trabalho, pesquisar o racismo no Ensino Fundamental. Este estudo privilegia a ótica de professores e

alunos que, desde muito cedo, sofrem cruelmente pelo fato de terem a pele mais escura e estereótipos considerados inferiores aos dos não negros.

O sentimento de tristeza e solidão vivido por crianças vítimas de ataques racistas é acompanhado de insegurança. Na tentativa de encontrar confiança em adultos próximos, se deparam, em sua maioria, com seu silenciamento. Silêncio esse que os tornam cúmplices das ações racistas cometidas por crianças que, se fossem ensinadas o quanto isso é perverso, certamente não iriam produzir tais práticas discriminatórias. É urgente a mudança de tal realidade.

Esta breve apresentação possibilita o resgate da trajetória que percorri até agora na minha história pessoal e profissional. Os caminhos que deixaram marcas durante meu processo construtivo como ser social, histórico e singular, permitindo aflorar sentimentos, atrelados às experiências adquiridas na área da educação, contribuíram de modo decisivo para a realização desta pesquisa.

Para finalizar, volto às palavras de Nelson Mandela, com a esperança de que, por meio da educação, o ódio deixe-nos de ser ensinado, deixando espaço ou sendo substituído pelo sentimento do amor. Só assim será possível viver em uma sociedade na qual o tom da pele mais escura não signifique exclusão e humilhação na mudança do tratamento de um ser humano para outro.

## SUMARIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>18</b>
<b>1 RAÇA, RACISMO E SUAS CONCEPÇÕES</b> .....	<b>22</b>
1.1 Raça e racismo na realidade brasileira .....	22
1.2 Igualdade e equidade .....	27
1.3 Tolerância racial e o mito da democracia racial .....	31
1.4 Direitos humanos e legislação .....	34
<b>2 EDUCAÇÃO E RACISMO</b> .....	<b>40</b>
2.1 A ideologia do branqueamento .....	40
2.2 A educação branqueadora.....	42
2.3 A formação do racismo na escola .....	45
2.4 O papel da escola.....	48
<b>3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>52</b>
3.1 Fundamentos Epistêmicos da Psicologia Socio-Histórica: Materialismo Histórico-Dialético .....	54
3.2 Categorias do Materialismo Histórico-Dialético e da Psicologia Socio-Histórica: contribuições para a análise.....	56
<b>4 A PESQUISA</b> .....	<b>59</b>
4.1 Abordando o racismo na escola: descobertas de pesquisas .....	59
4.2 O problema da pesquisa e seus desdobramentos .....	61
4.3 Objetivo geral e específicos .....	61
4.4 Local da pesquisa .....	61
4.5 Sujeitos da pesquisa e caracterização .....	62
4.6 Instrumento: pesquisa qualitativa .....	64
4.7 Entrevista semiestruturada .....	64
4.8 Procedimentos de análise .....	65
<b>5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS</b> .....	<b>67</b>
5.1. Núcleo 1.....	67
5.1. Núcleo 2 .....	72
5.1. Núcleo 3 .....	79
5.1. Núcleo 4 .....	84
<b>CONSIDERAÇÃO FINAL</b> .....	<b>94</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>100</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>106</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>153</b>

## INTRODUÇÃO

Embora o Brasil seja reconhecido como país acolhedor de diferentes povos e possuir ampla diversidade cultural, tem marcado em sua história o legado da escravidão dos povos africanos e afrodescendentes, que durou mais de trezentos anos. Mesmo com medidas de políticas de ação afirmativa para a reparação pelos anos de escravidão, quando se trata da valorização da cultura africana e afro-brasileira, historicamente, percebemos que o corpo e a beleza na sociedade têm cor.

Completando 15 anos da implementação da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o Ensino da História da África e da Cultura Afro-Brasileira nos currículos escolares, podemos constatar que ainda há certa restrição dos docentes para elaborar atividades que promovam a igualdade racial nas escolas. O tema racismo na Educação ainda é acompanhado de crenças e ideias que insistem na irrelevância dessa temática no processo de socialização das crianças.

Durante décadas o espaço escolar se mostrou como ambiente harmônico. Um lugar onde todos são bem-vindos e a cordialidade está sempre presente, de modo a não dar espaço às tensões relacionadas às diversidades culturais, pertencimentos étnicos, religiosos, entre outros embates que fazem parte da convivência humana.

Sabemos que, logo ao nascerem, crianças são expostas a incontáveis informações que possibilitam o aprendizado, a autonomia e a formação de suas identidades e que, ao chegarem ao ambiente escolar, trazem com elas uma bagagem de conhecimento dos quais podemos identificar conceitos, preceitos e preconceitos.

Pesquisadoras e pesquisadores como Cavalleiro (1998), Munanga (2006), Oliveira e Abramowicz (2010), Bento (2011), Rosemberg (2014), Gomes (2012), entre outros, apontam à forte presença do racismo nas instituições escolares desde a primeira infância. O ambiente escolar é um dos espaços que nos permite ter maior contato com as diversidades culturais e étnico-raciais, “[...] portanto a resposta para a problemática das relações raciais no espaço escolar poderia ser buscada, especialmente, no interior da escola” (SILVA JUNIOR, 2002, p.31).

Apesar da crescente valorização e preocupação da equipe escolar em realizar práticas pedagógicas que combatam o racismo no interior das escolas, o

debate sobre essa questão ainda gera desconforto aos profissionais da educação. Muitos se sentem inseguros ou sem especialização necessária para tratar de um assunto tão relevante que, muitas das vezes, se reduz ao *bullying*<sup>1</sup>.

Segundo Gomes (2003), a educação, por ser um amplo processo para a constituição do ser humano, não se limita apenas aos espaços escolares, mas se realiza em diversos espaços de socialização como a família, as instituições religiosas, as comunidades, os movimentos sociais, entre outros. Professoras e professores, ao se depararem com crianças no interior da escola, estão diante de sujeitos que possuem “[...] diferentes e diversas formas de educação, e que a escola não é o lugar privilegiado onde ela acontece e nem o professor é o único responsável pela sua prática” (GOMES, 2003, p.170).

Ainda que concordarmos com tal pressuposto, nosso trabalho será direcionado para a educação escolar. Preocupa-nos o que existe de fato no interior das escolas em relação ao racismo e as significações constituídas por professores e alunos acerca do tema. Quais as dificuldades que os professores encontram para contemplar a cultura afro-brasileira? Qual o significado da ausência de atitudes por parte da equipe docente para a realização de intervenções que combatam as ações racistas presentes no cotidiano escolar? E os alunos negros? Como identificam as práticas racistas na escola? Será que os alunos de pele mais clara identificam essas práticas? Conforme Cavalleiro (2001, p.146):

A ausência de atitude por parte dos professores (as) sinaliza à criança discriminada que ela não pode contar com a cooperação de seus/suas educadores/as. Por outro lado, para a criança que discrimina, sinaliza que ela pode repetir a sua ação visto que nada é feito, seu comportamento nem sequer é criticado. A convivência por parte dos profissionais da educação banaliza a discriminação racial.

Desse modo, compreendemos que, da mesma maneira que há o sofrimento da criança negra que é discriminada, desumanizada e *coisificada* pela sua cor, percebendo que está sozinha, se silencia. Contudo, temos por outro lado, a criança de pele mais clara, que naturaliza o racismo sem perceber a dor que a vítima sente. Nessa situação, é possível observar o consentimento de grande parte de professoras e professores que não se manifestam e preferem o silêncio, calando-se

---

<sup>1</sup> De acordo com o MEC, *bullying* é um “anglicismo que se refere a atos de intimidação e violência física ou psicológica, geralmente em ambiente escolar”. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34487>. Acesso em: 18 jul. 2019.

diante das ações racistas cometidas no interior da escola. A escola faz parte do processo do saber e permite às crianças conhecer e agir através de experiências que são mediadas pelo seu contato com outras pessoas e com o mundo.

Durante os espaços de sociabilidade, as crianças podem se tornar apenas reprodutoras de práticas ideologicamente já postas ou adquirem visão crítica para a transformação da sua realidade. Portanto, “[...] não há educação, nos sentidos de transformação do indivíduo e da sociedade, fora de condições de participação e intervenção na vida do outro” (AGUIAR; BOCK, 2016, p.22).

Para Gomes (2003), das diversas identidades sociais que os negros constituem, a identidade negra se torna uma delas, pois é constituída gradativamente em um processo que envolve inúmeras variáveis. Contudo, como a escola, enquanto espaço onde se compartilha valores, crenças e saberes, percebe as ações racistas que nela existe?

A construção positiva da identidade negra torna-se para professoras e professores tarefa muito difícil, pois a sociedade reforça, desde muito cedo, que ser negro é algo ruim. Com isso, as crianças negras, para serem aceitas nos grupos de colegas aparentemente brancos, negam a própria identidade. Em relação à identidade negra Gomes (2003, p.171) explica:

A identidade negra é entendida aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmo, a partir da relação com o outro.

Diante de todo esse processo em que se constitui a identidade e consciência da representatividade da criança negra nos espaços escolares, surgem questões como: qual é o sentimento da criança negra quando percebe a ausência de sua representatividade nos materiais didáticos, na decoração escolar e nos personagens dos livros? Que concepção professoras, professores e alunos têm sobre racismo na escola? No projeto político pedagógico, há planejamento que contemple a lei 10.639/03? Os funcionários da escola possuem formação para realizar intervenções em caso de racismo entre os alunos? No ambiente familiar, essa questão é tratada de qual maneira? Será que a identidade e representatividade das crianças negras são tratadas nos espaços sociais que as constituem? E as crianças brancas, como percebem o racismo? De um modo geral e com outras palavras, questionamos: Como professores e alunos apreendem o racismo no espaço escolar?

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo principal: verificar as significações constituídas por professoras e alunos em relação ao racismo no espaço escolar. Torna-se importante ouvi-los a fim de analisar, entender e explicitar o que irão expressar por meio de suas falas; verificar se identificam ações racistas na escola, e quais os sentidos e significados atribuídos a essas práticas.

Pesquisar essa temática neste formato tem grande relevância, já que realizamos uma pesquisa qualitativa em que o objeto de estudo é o racismo. Assim, o que se pretende fazer neste trabalho é observar e analisar como o racismo se manifesta no Ensino Fundamental do ensino público e como os alunos e professoras sentem e dão significados a esse fenômeno.

Indagar sobre sentimentos que tanto as professoras quanto os alunos trazem sobre o racismo tem grande relevância a fim de fomentar estratégias e ofertar novas possibilidades de intervenções para o combate das ações racistas no ambiente escolar. Pretende-se identificar nas falas dos sujeitos que serão entrevistados, comportamentos racistas presentes na escola e que podem partir das relações que ocorrem em sala de aula.

Identificar como se expressa o racismo tanto na perspectiva das professoras quanto na dos alunos, certamente, contribuirá para reflexões que permitam um olhar sobre as ações racistas identificadas no interior da escola que, muitas das vezes, são naturalizadas e não são admitidas como tal tanto pela equipe docente quanto pelos alunos.

# 1 RAÇA, RACISMO E SUAS CONCEPÇÕES

## 1.1 Raça e racismo na realidade brasileira

O Dicionário de Conceitos Históricos (SILVA, 2009) apresenta duas discussões direcionadas ao termo raça: uma voltada às análises acadêmicas que, cada vez mais excluem a possibilidade de o termo ser usado como meio de classificação entre a espécie humana; a outra, ao imaginário social, cujo discurso dominante parte de que a miscigenação entre as etnias seria o melhor caminho para trazer a ideia de país esteticamente europeizado.

Segundo Munanga (2004), grande parte dos conceitos e classificações possuem seu campo semântico e servem para operar o pensamento. Na etimologia, “[...] o conceito de raça veio do italiano *razza*, que por sua vez veio do latim *ratio*, que significa sorte, categoria, espécie” (MUNANGA, 2004, p.4).

Nas ciências naturais, a classificação dos seres vivos teve seu início na Zoologia e na Botânica com a finalidade de “[...] encontrar categorias maiores por sua vez subdivididas em categorias menores e subcategorias e assim adiante” (MUNANGA, 2004, p.4). No que diz respeito à classificação de seres humanos, o autor (MUNANGA, 2004, p.4) explica:

Em qualquer operação de classificação, é preciso primeiramente estabelecer alguns critérios objetivos com base na diferença e semelhança. No século XVIII, a cor da pele foi considerada como um critério fundamental e divisor d’água entre as chamadas raças.

Para Munanga (2004), a explicação sobre a humanidade era, a princípio, monopolizada pela Igreja e pelos poderes dos príncipes. No século XVIII, conhecido também como século das luzes, houve a tentativa de alguns pesquisadores, com o apoio de filósofos iluministas e intelectuais da época, de utilizar o conceito sem que houvesse apenas a explicação cíclica, buscando “[...] uma explicação baseada na razão transparente e universal e na história cumulativa e linear” (MUNANGA, 2004, p.2).

A partir disso, passam a classificar os seres humanos com a intenção de provar, com bases em suposições, a existência de raças humanas e de que havia uma superior. A classificação de seres humanos teria uma intenção ideológica em

que classificava, hierarquicamente, as melhores e piores “raças” humanas, levando em consideração a ancestralidade e características físicas dos povos.

Munanga (2004) afirma que o conceito de raça passa a ser utilizado, a partir do século XVIII, como categoria de dominação e exclusão social de alguns grupos em que a cor da pele passa a ser o fator importante para a classificação dos sujeitos. Os seres humanos passam, inicialmente, a ser identificados como brancos, negros e amarelos.

Almeida (2018) explica que em relação ao termo raça, apesar de grande controvérsia sobre sua etimologia, o que pode ser dito é que “[...] por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito *relacional e histórico*” (ALMEIDA, 2018, p.19) (grifos do autor).

Nessas perspectivas, a discriminação dos seres humanos, a partir de diferenças físicas, teve como consequência inúmeros crimes difíceis de serem superados durante séculos. Todo esse processo tem fundamento de poder ideológico e coloca hierarquicamente os seres humanos em situações em que um lado tem privilégios enquanto o outro é excluído.

Os termos raça e racismo são diferentes, porém um pode constituir o outro, adquirindo força para se propagarem. Por haver características diferentes nos agrupamentos humanos, o termo raça, durante anos, passou a ser utilizado para sustentar e justificar teorias que pudessem inferiorizar os povos africanos, indígenas e asiáticos. A cor da pele, textura dos cabelos, formato do nariz, medidas cranianas entre outros aspectos, foram divisores de águas para sustentar concepções de raças humanas conforme afirma Seyferth (1995, p.175):

“Raça” é um termo de múltiplos conteúdos que vão, em contínuo, da ciência à ideologia, sempre que está em jogo a diversidade da espécie *Homo sapiens*. Produzidas por cientistas ou imaginadas pelo senso comum, as taxonomias raciais têm alto grau de arbítrio, pois implicam em seleção ou escolha das características que servem de base para a construção de esquemas classificatórios.

O problema maior não está na construção dos esquemas classificatórios, mas sim no ato de se hierarquizar seres humanos nesse processo. Contudo, com a ideia embasada em interesses de dominação de um grupo sobre outro, brancos europeus justificavam maior evolução de seus povos através de testes científicos que, há anos, foram descartados.

Para a elite europeia predominantemente branca, havia a crença constituída politicamente de que negros, índios e asiáticos eram povos subdesenvolvidos. Afirmção essa que justificou por décadas o processo de escravidão de muitos povos. Os negros africanos, por serem considerados selvagens, sem alma, sofreram profundamente com processo de escravidão. Foram forçados a saírem de suas terras de origem e colocados em navios negreiros em condições sub-humanas, a fim de serem escravizados em terras desconhecidas.

É importante ressaltar que as pesquisas do campo da biologia vieram a negar a existência de raças humanas. O conceito de raça é utilizado na perspectiva relacional que “[...] é uma relação social, o que significa dizer que *raça* se manifesta em atos concretos ocorridos no interior de uma estrutura social marcada por conflitos e antagonismos” (ALMEIDA, 2018, p. 40).

Partindo dessa ideia, percebemos a importância de entender o peso que a hierarquia racial possui para determinar os modelos de comportamentos a serem seguidos nos grupos que compõem uma sociedade. Diante disso, os negros são menosprezados por possuírem fenótipos considerados fora dos padrões das sociedades desenvolvidas e dominantes, representadas pela elite europeia. Nesse contexto, segundo Munanga (2006, p.53):

O problema fundamental não está na raça, que é uma classificação pseudocientífica rejeitada pelos próprios cientistas da área biológica. O nó do problema está no racismo que hierarquiza, desumaniza e justifica a discriminação existente.

Nesse sentido, sabemos há tempos que existe apenas uma espécie humana e que todos os indivíduos são contemplados por ela, portanto, raças humanas não existem. Apreendido o conceito de raça, iremos agora tratar do conceito de racismo, e outras categorias que podem estar associadas a ele: preconceito e discriminação.

A partir do momento em que há a classificação, levando em consideração diferenças físicas, modelos estéticos e culturais, são estabelecidas ideologias que tentam sustentar a superioridade dos brancos europeus diante dos demais povos. Tais pressupostos mantêm, naturalizam e reproduzem ideias racistas que podem ser encontradas de forma velada ou explícita. De acordo com Almeida (2018, p.25):

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam.

Constata-se, nessa afirmação, que racismo, discriminação e preconceito não possuem um mesmo significado, são termos que têm suas especificidades. Em outras palavras, discriminação e preconceito são subprodutos que classificam o modo em que o racismo pode ser manifestado.

A discriminação está relacionada a atitudes ou tratamentos diferenciados em que não ficam explícitas as diferenças. Já o preconceito pode relacionar-se a atitudes negativas e desfavoráveis contra um indivíduo, grupo, povo ou culturas diferentes. Ambos estão relacionados a fenômenos históricos.

Apesar de a prática de racismo ser considerada como crime inafiançável e imprescritível, no Brasil é comum presenciarmos, através dos meios de comunicação, ações racistas das mais sutis até as mais explícitas. Desse modo, negros continuam sendo vigiados por seguranças nos comércios, são hostilizados em espaços elitizados, como se esses ambientes não pertencessem a eles, ou sofrem racismo, a exemplo dos jogadores de futebol que frequentemente são chamados de “macacos” em estádios no Brasil e no exterior. Segundo Munanga (2004, p.7):

O racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais.

Assim como em diversos países, no Brasil o racismo também tem suas peculiaridades. Há características culturais que permitem a moldura de um racismo naturalizado, transformando-o em individual, institucional e estrutural. Sobre isso, Almeida (2018) explica que nos debates que envolvem as questões raciais, podemos nos deparar com as mais variadas definições sobre racismo e classifica três concepções de racismo: a individualista, a institucional e a estrutural.

Na prática individual, o racismo pode ser apresentado de modo frágil e limitado, caracterizando a natureza de preconceito (ALMEIDA, 2018). Devido a essa tensão, torna-se difícil sua identificação, já que é constituído subjetivamente e pode ser observado nos comportamentos e interesses individuais dos sujeitos.

Na prática institucional, o racismo sai do campo pessoal e se amplia nas esferas das instituições públicas e privadas, que podem apresentar tratamento diferenciado ou segregado de um determinado grupo a partir de seus estereótipos e etnias, com o objetivo de dificultar o acesso do grupo segregado.

Geralmente, essas ações são sutis, diferentes do racismo individual, e tornam-se menos evidentes. Possuem como fundamento dificultar o acesso de grupos que são segregados, seja por sua cor de pele, cultura ou costumes que diferem daqueles esperados no senso comum. De acordo com Almeida (2018, p. 38):

Na prática estrutural há três pontos que constituem o racismo: o econômico, político e subjetivo. Por meio deles, há todo um mecanismo para que as relações sociais sejam manipuladas para que negros fiquem mais propensos a privações. Dessa maneira, “o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional.

Segundo o Instituto da mulher negra (GELEDÉS), o racismo estrutural é tratado cotidianamente nos movimentos contra a discriminação racial. É um fenômeno conjuntural que passa por todas as esferas de poder, independentemente de serem públicas ou privadas. Essa estrutura cria condições que impedem negros de terem acesso a boas universidades, cargos de liderança em grandes empresas, atendimento de qualidade nos serviços de saúde pública, saneamento básico, entre outros.

O Geledés ainda aponta que o racismo estrutural pode ser percebido na constatação de negros e pardos no ensino superior. Apesar das ações afirmativas e políticas de cotas raciais, eles não passam de 11% dos alunos universitários. Dos homicídios constatados, 77% são de jovens negros e pardos. A violência obstétrica, em sua maioria, ocorre com mulheres negras, entre outras situações de violência que são naturalizadas quando o alvo são mulheres e homens negros.

Sendo assim, é necessário entender como essa estrutura política, econômica e social favorece as classes dominantes da sociedade. Isso porque, ainda hoje, é comum o estranhamento das pessoas quando percebem que o negro que dirige um veículo de alto valor econômico não é o motorista do carro, mas sim, seu proprietário. Ou quando uma senhora negra, ao abrir a porta de sua casa para um vendedor, é solicitada a chamar sua patroa.

Portanto, considerando a importância do tratamento igualitário na perspectiva de respeitar as diferenças e culturas dos povos diversos, abordaremos a seguir os conceitos de igualdade e equidade na perspectiva racial.

## 1.2 Igualdade e equidade

As leis brasileiras deveriam dar visibilidade a todos os povos e culturas aqui encontradas. No entanto, há estruturas sociais que reproduzem as desigualdades das mais diversas na sociedade. A escola, apesar de não ser a única instituição reprodutora delas, tem sido o canal mais direto para essa prática.

Na perspectiva socio-histórica, Bock e Gonçalves (2005, p.113) afirmam que “A subjetividade, processo individual que congrega as experiências do indivíduo, sendo, ao mesmo tempo, consequência e condição dessas experiências, constitui-se nesse mesmo processo”. Na condição de seres humanos, mesmo que tenhamos a condição individual de existência, é por meio da socialização com o outro que grande parte de nós temos diversas manifestações dos mais diferentes aspectos para subjetivizar e objetivizar a produção de nossa própria existência negativa ou positivamente.

Por meio das relações que são constituídas entre os sujeitos, há referências sobre como viver, comer, ler, se vestir entre outras situações que padronizam o modo de vida do homem. Quando há comparações positivas e negativas desse modo viver do homem, podemos chegar a vários conflitos que prejudicam um grupo ou pessoa. A desigualdade é um dos conflitos. Há tempos buscamos uma maneira de combatê-la em nosso país.

Segundo Mantoan (2006), para se instalar uma condição de igualdade na sociedade brasileira, não devemos partir da concepção de que todos são iguais, mas reconhecer que há desigualdades sociais.

No Brasil, partir do princípio de igualdade nos faz manter as condições de desigualdades já existentes historicamente e arraigadas nas estruturas e relações sociais, com suas formas próprias de funcionamento. Diversas discussões tratam de analisar e explicar a origem das desigualdades e maneiras de combatê-las no país. Uma das grandes raízes do problema pode estar nas estruturas e relações sociais e sua forma de funcionamento.

A escola é o lugar em que o ensino deveria ser apresentado de maneira democrática e igualitária, mas esses princípios ficam somente na aparência. Segundo Bourdieu e Passeron (2013), há um código cultural que determina o que é de valor a ser ensinado e para quem esse ensino será transmitido. Crianças com pouco acesso ao capital cultural, considerado legítimo, não conseguem decodificar

as informações postas pelo professor. Um dos motivos pode estar relacionado ao pouco contato prévio com a cultura padronizada e exigida pela sociedade.

Para Bourdieu e Passeron (2013), o conceito de capital cultural está relacionado ao conhecimento e aprendizado adquirido no âmbito familiar. Seu resultado é permitir às crianças maior preparo para o aprendizado escolar. Crianças que têm acesso a esse conhecimento e aprendizado adquirem, cada vez mais, privilégios e são estimuladas a todo o momento. Além disso, possuem benefícios que facilitam o contato com a cultura considerada pelo senso comum a referência das demais culturas, seja por meio de livros, viagens ou visitas a museus, de modo a aumentar as chances no sucesso escolar. Por outro lado, crianças em condições financeiras desfavoráveis, com menos acesso a espaços culturais, com uma educação de baixa qualidade e sem o mesmo preparo orquestrado pelo âmbito familiar, não podem ser inseridas num patamar de igualdade das demais crianças. Embora elas possam transitar por espaços diversos, pode não haver consciência por parte da família sobre existência de um código cultural que determina o que tem valor, de modo a antecipar tais conhecimentos que possam prepará-los para o âmbito escolar.

Cria-se com essas diferenças, a desigualdade social que gera dois principais quadros: um grupo social predominantemente europeizado e branco, que detém riqueza, capital cultural e, certamente, terá maiores chances de frequentar escolas de qualidade, obtendo sucesso na vida acadêmica e profissional. Enquanto o outro grupo social é composto em sua maioria por negros que são historicamente marginalizados, periféricos e sem recursos básicos. A manutenção e continuidade desses ciclos são fundamentais para manter as classes dominantes no controle, criando obstáculos a quem é oprimido.

Apesar de ser considerado o país de maior miscigenação, o Brasil possui a maior população negra fora do continente africano. Entre os anos de 2012 e 2016, a população negra vem crescendo. Dados do IBGE apontam que houve um crescimento de 45,3% para 46,7% de pessoas que se autodeclaram pardas e de 7,4% para 8,2% de pessoas que se autodeclaram pretas, ou seja, mais de 50% da população brasileira é de afrodescendentes.

Entretanto, a pobreza e a desigualdade têm cor. Desse modo, não há possibilidade de problematizar as desigualdades sociais do país sem fazer um

recorte racial para analisar os principais focos em que perduram as desigualdades, suas dimensões e motivos de sua permanência.

Com o alto grau de miscigenação entre os povos que foram compondo a nação brasileira, surge a formulação da ideia da democracia racial. Surge como uma arma poderosa contra o negro, trazendo consigo a crença de um país onde todos os povos se encontram e vivem em harmonia. A ideia de democracia racial perdura nos tempos atuais, permitindo, de fato, o pensamento de que não há preconceito e discriminação racial, criando uma falsa certeza que alimenta o senso comum de igualdade de oportunidades econômicas e sociais entre brancos e negros.

Partindo dessas perspectivas, falar de igualdade sem levar em conta a questão racial e o processo histórico do povo negro é o mesmo que dar tratamento igual aos desiguais, o que é um ato profundamente injusto. Sem estratégias para o combate das desigualdades, em especial a racial, dificilmente haverá a compreensão de que devemos ir além do tratamento igualitário que a Constituição Federal nos apresenta.

Sabemos que as consequências do período escravocrata trouxeram historicamente desigualdades que prejudicaram o desenvolvimento da população afro-brasileira. Um atraso que impossibilita a ascensão social igualitária entre brancos e negros. A herança de todo esse retardo é acompanhada o constante sofrimento que o preconceito e a discriminação racial causam nos sujeitos e suas consequências sociais desastrosas.

Em 2017, o relatório anual da Oxfam Brasil, intitulado “A distância que nos une”, divulgou o mapa das desigualdades, mostrando que a presença das desigualdades na população negra na cidade de São Paulo é alarmante. Nos rendimentos de valores salariais, o relatório (OXFAM BRASIL, 2017, p.28) aponta:

Em vinte anos, os rendimentos dos negros passavam de 45% do valor dos rendimentos dos brancos para apenas 57%. Se mantido o ritmo de inclusão de negros observado nesse período, a equiparação de renda média com a dos brancos ocorrerá somente em 2089.

Nesse sentido, é notável a discrepância na distribuição de renda entre brancos e negros, de modo que, segundo o relatório, se continuar nesse ritmo lento, negros terão renda equiparada à de brancos somente daqui a 71 anos.

O tratamento desumano e inferiorizado dado aos negros africanos e seus descendentes no período escravocrata é entendido como uma das principais causas

que impossibilitou a ascensão dessa população. Durante séculos, os africanos trazidos à força para o Brasil foram obrigados a produzir mão de obra escrava para o desenvolvimento do país, sem que ganhassem nenhum tipo de reconhecimento, serem desumanizados e *coisificados*. Portanto, partir do princípio de que no Brasil todos são iguais só seria possível se a condição social e econômica dos grupos sociais fosse organizada sem a presença de gritantes desigualdades que acarretam privilégios.

Ao tratar especificamente da desigualdade racial, percebemos que, mesmo após a liberdade garantida pela lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel em 1888, foi negada qualquer chance de recomeço ao povo negro. Esses foram abandonados e discriminados e, assim, podemos dizer que surgiram as primeiras favelas e moradores de rua no Brasil. Vale lembrar que o Brasil foi o último país do continente americano a abolir a escravatura, tendo no seu histórico um período de escravidão que durou por mais de três séculos.

Uma pesquisa divulgada pelo Ministério do Trabalho em 2014, intitulada “Características do Emprego Formal: Relação Anual de Informações Sociais”, apontou que uma pessoa negra, com ensino superior completo, ganha em média apenas 67,58% do salário de uma pessoa branca, com a mesma formação. Ou seja, no mercado de trabalho em que a média salarial para brancos é de R\$ 5.589,25, os negros recebem apenas R\$ 3.777,39. Quando se trata da mulher negra, também graduada, a diferença de salários é 43% maior para o homem branco, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua), de 2017.

Em contraponto às desigualdades persistentes mapeadas, é preciso lançar mão do conceito de equidade. Com a intenção de diminuir as desigualdades existentes no país, o termo equidade, por estar associado a reparações históricas e relacionado à justiça, se torna fundamental para a promoção da igualdade racial. A equidade é entendida segundo Sposati (2002, p.5):

[...] o reconhecimento e a efetivação, com igualdade, dos direitos da população, sem restringir o acesso a eles nem estigmatizar as diferenças que conformam os diversos segmentos que a compõem. Assim, equidade é entendida como possibilidade das diferenças serem manifestadas e respeitadas, sem discriminação; condição que favoreça o combate das práticas de subordinação ou de preconceito em relação às diferenças de gênero, políticas, étnicas, religiosas, culturais, de minorias, etc. [sic]

Desse modo, entendemos que o conceito de equidade está associado à justiça, em relação ao que é justo, tornando possíveis as ações de reparação das desigualdades existentes nas sociedades. Contudo, equidade só existiria em sociedades em que as oportunidades são equitativamente distribuídas. Não é o caso do Brasil que, ao contrário dessa perspectiva, possui um tratamento, em especial aos negros, que continua sendo injusto e cruel. Como ter oportunidades com base nos talentos individuais numa sociedade em que elas não são equitativamente distribuídas?

Uma das maneiras possíveis para diminuir as desigualdades seria reconhecer que há grupos que possuem privilégios enquanto outros vivem em condições precárias, com pouco acesso à educação de qualidade, saúde e trabalhos que não sejam subalternos. Brancos devem reconhecer os próprios privilégios para focar nas urgências dos grupos mais vulneráveis da sociedade. Isso se faz necessário, pois devemos ir além do conceito de igualdade para suprir as urgências dos grupos tratados historicamente de maneira desigual.

A sociedade, as instituições educacionais e as políticas públicas possuem funções importantes para o combate da reprodução das desigualdades. Os sujeitos também podem contribuir com a diminuição das desigualdades sociais, pois, reconhecendo os próprios privilégios, são capazes de transformar a realidade atual a fim de procurar soluções para um país com menos desigualdades sociais e raciais.

### **1.3 Tolerância racial e o mito da democracia racial**

Para constituir um conceito de equidade que mais se aproxime a uma educação antirracista em nossa sociedade, antes de tudo, é necessário desconstruir o mito da democracia racial. Isso porque esse mito cria a ideia de que devemos ter tolerância racial.

Por vezes, o termo intolerância racial é utilizado para nos conduzir ao entendimento de que devemos tolerar o indivíduo independentemente de sua cor. Contudo, devemos tomar cuidado com essa ideia, já que tolerar indivíduos por possuírem tom de pele mais escuro não é uma questão de escolha. Uma vez que todos somos iguais perante a lei, possuímos os mesmos direitos e deveres.

A tolerância racial é uma expressão que possui suas origens na herança deixada pela escravidão. Diante do crescimento constante da população negra, o governo brasileiro preocupou-se em criar políticas para o embranquecimento da nação. Como não havia maneira legal para o extermínio dos negros forros e escravos, houve tremendos processos de exclusão, humilhação e exploração injusta e restava apenas à elite brasileira tolerá-los. Para tanto, o Governo Imperial do período pré e pós-abolição criou uma política de embranquecimento da população para que, por meio da mistura de brancos com negros, fosse possível, ao longo dos anos, uma nação que fosse visivelmente branca.

A literatura produzida por viajantes que visitavam o país na época tornou-se elemento fundamental para reforçar a imagem estereotipada do negro. Retratado como preguiçoso, o negro não era visto como tendo capacidade para a produção de trabalho que os imigrantes europeus executavam. Muitas foram as tentativas de inferiorizar o negro e colocá-lo contra si mesmo de modo a fazê-lo acreditar de fato que era um ser inferior, conforme explica Silva (2002, p. 17-18):

A inculcação de uma imagem negativa do negro e de uma imagem positiva do branco tende a fazer com que aquele se rejeite, não se estime e procure aproximar-se em tudo deste e dos valores tidos como bons e perfeito. Esse processo de fuga de si próprio e dos seus valores é consequência da política de branqueamento característica do Estado e das suas instituições oficiais.

Diante disso, os padrões estéticos e culturais europeus são reafirmados positivamente e vão sendo colocados hierarquicamente como superiores, enquanto a cultura africana que resistia no país era discriminada e demonizada sob a influência da igreja católica. Os negros, além de serem inferiorizados, sofriam violência por meio das mais diversas manifestações racistas. O negro é “[...] estereotipado como feio, mau, sem razão, instintivo e sem moral, de uma forma violenta e abrangente, pelos aparelhos de reprodução ideológica e instituições oficiais” (SILVA, 2002, p. 17).

O mito da democracia racial, portanto, se dá pela tentativa de camuflar a inferiorização dos negros e a hierarquização das raças, dando abertura para a imagem de um Brasil no qual a nação é constituída a partir de um sistema racial desprovido de qualquer preconceito ou discriminação racial (DOMINGUES, 2005).

Alguns aspectos da obra de Gilberto Freyre tratam a nação brasileira como sendo constituída de brancos, negros e mestiços cuja convivência se dava de forma

harmônica e com iguais oportunidades de ascensão (SILVA; 2002). Pode-se afirmar que Freyre, com sua literatura que romantiza as relações entre brancos e negros, ocultando as diferenças sociais que existem no país, foi o autor que criou o mito da democracia racial.

Essa visão trazida por Freyre mostrou para o mundo as desigualdades sociais e discriminações praticadas contra ao povo negro que eram camufladas. Conforme afirma Souza (2000, p.139):

Sem dúvida, a sociedade cultural e racialmente híbrida de que nos fala Gilberto Freyre não significa de modo algum igualdade entre as culturas e raças. Houve o domínio e subordinação sistemática, melhor, ou pior, no caso, houve perversão do domínio no conceito limite do sadismo.

A abolição do país foi tratada pelo Governo Imperial brasileiro de forma gradual, e, para tanto, foram criadas as leis abolicionistas. A lei do ventre livre, de 1861, determinava que toda criança, nascida a partir daquela data era livre; porém, até os 21 anos de idade, poderiam ter de ficar com os senhores. A lei do sexagenário declarava livre os escravos com mais de 60 anos, sendo que sua média de vida era de no máximo 40 anos.

O movimento abolicionista colocou a princesa Isabel como protagonista e redentora dos escravos. Porém, antes deste evento, já havia abolicionistas como Luiz Gama, Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, entre outros que lutaram contra a escravidão e a favor dos direitos dos escravos.

Devido ao temor de tantas manifestações saírem do controle, a Lei Áurea foi assinada pela princesa Isabel em 1888, libertando os escravos. Entretanto, não foi pensada nenhuma política de inserção dos negros na sociedade brasileira. Ao contrário, eles foram jogados à própria sorte.

Diante de todos esses acontecimentos históricos, ao se fazer uma análise, nota-se que o movimento negro historicamente tem avanços no que se refere à luta por políticas públicas e leis que promovam a igualdade racial. No entanto, o mito da democracia racial continua sendo o fio condutor que dá invisibilidade às desigualdades. A maior renda é distribuída para a classe dominante, predominantemente branca. Aqueles que possuem privilégios não os percebem como tal, levantando a bandeira da meritocracia.

Diversas foram as maneiras de esconder os problemas encontrados no país que se constituía com fortes desigualdades sociais, discriminação racial e

oportunidades desiguais entre brancos e negros. Nesse processo, a elite brasileira teve papel fundamental para manter-se como classe dominante, colocando o negro em situações subalternizadas, reproduzindo e mantendo as condições de hierarquização das classes. Para isso, a classe dominante se significa como superior e a classe dominada aceita tal julgamento, naturalizando sua colocação como inferior (SOUZA, 2000).

O Brasil tem suas especificidades ideológicas, que são explicitadas através da concepção Marxista por Souza (2000, p.136):

A especificidade do caso brasileiro, para Marx, é a construção de uma ideologia insidiosa, a da “democracia racial”, fabricada pelas elites brancas, já unidas entre si, de modo a evitar o espírito de revolta dos negros que tantas vezes já havia se mostrado no período colonial.

De certo modo, as elites compostas predominantemente por brancos preservam toda uma organização para que o mito da democracia racial seja sustentado até os dias de hoje. Enquanto os menos favorecidos se mantêm com poucos recursos para a sobrevivência, os que retêm a maior parte da riqueza usufruem dos privilégios que, historicamente, lhes foram dados.

Nenhuma nação pode partir do conceito de igualdade sob a existência de um contraste racial que naturaliza a classificação hierárquica que considera brancos como privilegiados enquanto negros são marginalizados. É necessário repensar o passado a fim de transformar o presente. Para tanto, não basta criar políticas públicas para reparar erros históricos. Os sujeitos que constituem a nação brasileira possuem papel fundamental para intervir nas práticas racistas de maneira ativa. De nada adianta uma legislação rígida se os sujeitos não agirem ativamente, contribuindo na construção de uma nação igualitária e antirracista, anulando de vez o mito da tolerância e democracia racial no país.

#### **1.4 Direitos humanos e legislação**

É comum encontrarmos a fala de que “todos somos iguais perante a lei”. O princípio da Constituição Federal de 1988, no seu 5º artigo, configura a igualdade, a fim de termos os mesmos direitos, sem distinção de qualquer natureza, garantindo aos brasileiros as mesmas condições enquanto cidadãos.

De acordo com a Organização das Nações Unidas - ONU, os direitos humanos “[...] são direitos inerentes a todos os seres humanos, independentemente de raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição” (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2018).

A Declaração Universal de Direitos Humanos, adotada pela ONU em 10 de dezembro de 1948, foi um marco importante após a barbárie ocorrida na Segunda Guerra Mundial. Com a intenção de construir uma nova visão de mundo, apoiando-se em novas concepções ideológicas, a Declaração tinha como finalidade garantir barreiras contra as atrocidades que ocorreram durante as guerras, de modo a promover a paz entre as nações. Essa declaração internacional de Direitos Humanos é fundamental para garantir o respeito e a integridade a toda a humanidade. Portanto, é necessário considerar que os indivíduos possuem necessidades peculiares, conforme explica Piovesan (2005, p. 46):

Torna-se, contudo, insuficiente tratar o indivíduo de forma genérica, geral e abstrata. Faz-se necessária a especificação do sujeito de direito, que passa a ser visto em sua peculiaridade e particularidade. Nessa ótica, determinados sujeitos de direito ou determinadas violações de direitos, exigem uma resposta específica e diferenciada.

No que tange à promoção da igualdade racial, é fundamental o provimento de leis específicas que atendam povos que, historicamente, foram prejudicados, sofreram preconceitos e discriminação por sua cor de pele, religião ou país de origem.

A Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, adotada pela ONU em 21 de dezembro de 1965, ratificada no Brasil em 27 de março de 1968 e em vigor no país desde 4 de janeiro de 1969, teve sua importância para promover o encorajamento ao respeito universal pelos direitos humanos sem qualquer tipo de discriminação. Dos 25 artigos que nela estão inseridos, daremos destaque ao Artigo 7º (BRASIL, 2018):

Os Estados Membros comprometem-se a tomar as medidas imediatas e eficazes, principalmente no campo do ensino, educação, cultura e informação, para lutar contra preconceitos que levem à discriminação racial e promover o entendimento, a tolerância e a amizade entre nações e grupos raciais e étnicos, sim como propagar os propósitos e os princípios da Carta das Nações Unidas, da Declaração Universal dos Direitos Humanos, da Declaração das Nações Unidas Sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial e da presente Convenção.

O ano da Constituição Federal de 1988 coincidiu com o centenário da abolição da escravidão, permitindo, assim, uma maior mobilização do povo negro por políticas públicas que tivessem, como foco principal, o combate ao racismo.

Apesar de atualmente existirem políticas públicas com o objetivo do cumprimento constitucional para a promoção do bem-estar de todos, se torna fundamental e indispensável implementar leis específicas para o combate ao racismo e das desigualdades sociais existentes em nosso país.

As ações afirmativas foram umas das medidas tomadas para o combate de barreiras que impedem a ascensão dos grupos inferiorizados. O termo ação afirmativa ganhou notoriedade no Brasil logo após a III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância, ocorrida na cidade de Durban, África do Sul em 2001. Nessa ocasião, o evento teve a presença marcante da delegação brasileira: a segunda maior delegação fora do continente africano presente no evento.

No que tange às questões raciais, a Conferência em Durban foi um processo extremamente positivo para o Brasil. O evento contribuiu para o amadurecimento e o posicionamento do Brasil a favor de políticas públicas que atendam aos grupos historicamente desfavorecidos (OLIVEN, 2007) e, também, em relação ao seu compromisso para a superação das desigualdades raciais.

Não se pretende aprofundar todos os marcos históricos, mas cabe mencionar que, diante de todo esse processo em que direitos humanos e políticas públicas foram discutidos em prol de diminuir as desigualdades, as políticas de ações afirmativas vêm se firmando no país. Segundo Munanga (2001, p.31), o objetivo é “oferecer aos grupos discriminados e excluídos um tratamento diferenciado para compensar as desvantagens devidas à sua situação de vítimas do racismo e de outras formas de discriminação”.

Apesar de ações afirmativas serem recentes no Brasil, já há políticas em que negros e indígenas, as duas etnias mais prejudicadas historicamente, possuem direitos à reserva de vagas em instituições públicas e privadas. As ações afirmativas também são entendidas por Piovesan (2005, p.49):

[...] como políticas compensatórias adotadas para aliviar e remediar as condições resultantes de um passado de discriminação, cumprem uma finalidade pública decisiva para o projeto democrático: assegurar a diversidade e a pluralidade social. Constituem medidas concretas que viabilizam o direito à igualdade, com a crença de que a igualdade deve

moldar-se no respeito à diferença e à diversidade. Por meio delas transita-se da igualdade formal para a igualdade material e substantiva.

Em outras palavras, são medidas especiais temporárias e têm como maior objetivo combater as desigualdades históricas. Portanto, para assegurar a igualdade racial em todas as instâncias, sejam elas política, educacional ou religiosa, tornam-se necessárias medidas que garantam o combate à discriminação e ao preconceito racial.

No Brasil, no período escravocrata e pós-abolição, o Governo Imperial, sob pressão dos intelectuais e filósofos da época, criou leis para impossibilitar os negros de terem ascensão social, anulando qualquer possibilidade futura de uma classe média negra. A lei complementar à Constituição Imperial de 1924 previa a educação primária para todos, mas excluía os escravos e pretos africanos, mesmo que fossem livres, pois não eram considerados cidadãos (ALMEIDA; SANCHEZ, 2016).

No que se refere à moradia, conforme a Lei 601 de 1850, conhecida como a lei de Terra, só poderia possuir terras aqueles que pudessem comprá-las. Devido aos preços altos, as chances de os negros libertos adquirirem um pedaço de terra eram quase nulas. Segundo Cavalcante (2005), os imigrantes europeus, ao contrário do que aconteceu com os negros libertos, tiveram total incentivo e patrocínio para a vinda ao Brasil. Além de emprego garantido, foram-lhes ofertadas grandes extensões de terra.

A Lei nº 5.465 de 3 de julho de 1968, conhecida como Lei do Boi, em seu Art. 1º, reservava 50% das vagas para a inserção “de agricultores ou filhos destes” nos estabelecimentos de ensino médio e superior de Agricultura e Veterinária. Essa pode ser considerada como a primeira lei de cotas, já que privilegiava somente os agricultores e seus filhos (BRASIL, 1968).

Todo esse conjunto de leis surgiu como forma de punição e segregação aos negros, vistos como marginais e pensados como incapazes. Uma das primeiras leis implementadas no país como forma de reparação foi a de cotas raciais. Criada em 29 de agosto de 2012, tem como objetivo garantir a reserva de 50% para o preenchimento das vagas em 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação para alunos negros, oriundos integralmente do ensino médio público.

Nos Estados Unidos, as cotas foram aplicadas na década de 1960 e, até o ano 2000, a diminuição das desigualdades foram significativas. O percentual de negros ingressantes no ensino superior aumentou de 13% para 30,3% (MUNANGA,

2006). Apesar de ter proporcionado avanços no Brasil, a lei de cotas raciais ainda está muito longe de cair em desuso. Atualmente o percentual de negros nas universidades é de apenas 11%.

O Plano Nacional de Educação (PNE) é uma conquista que tem como finalidade estabelecer diretrizes e bases, metas e estratégias para a educação. No que diz respeito à desigualdade social e racial, trabalho e pobreza, Gomes (2010, p.199) explica:

Para tal, uma das questões que o novo PNE deverá enfrentar é a imbricação entre trabalho, pobreza, desigualdade social e racial. A desnaturalização da desigualdade é uma necessidade de todas as políticas públicas do nosso país, sobretudo a educacional. Essa postura política e epistemológica nos ajuda a entender como foi instituído e consolidado, ao longo dos séculos, um padrão de trabalho e de conhecimento altamente excludente, fruto dos processos de dominação colonial, da escravidão, do racismo, do capitalismo e do neoliberalismo no Brasil e nos vários países da América Latina.

As desigualdades no Brasil continuam sendo intensas e naturalizadas. Ainda nos deparamos com a invisibilidade na oferta de oportunidades para que negros e outras classes discriminadas possam ir ao encontro de sua ascensão.

No que tange à garantia por oportunidades iguais na sociedade brasileira, o Estatuto da Igualdade Racial, Lei nº 12.288 de 20 de julho de 2010, sancionado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, foi um dos principais dispositivos legais que objetiva garantir à população negra a efetiva igualdade de oportunidades de modo a combater a discriminação e o racismo.

Na educação, a Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da História da África e da cultura afro-brasileira, vem permitindo muitos avanços e ampliação dessas temáticas nos espaços escolares. Entretanto, há muitas tensões por parte dos docentes em abordar tais temáticas, pois alegam a falta de preparo para tratar de questões tão específicas da história e cultura africana.

Lembremos que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) assegura o direito de igualdade de condições para todas as crianças e adolescentes permanecerem na escola e serem respeitadas pelos educadores. O Estatuto garante, assim, que esses sujeitos tenham seus valores e identidades preservados e sejam salvos de qualquer forma de discriminação, negligência ou tratamento vexatório. (SILVA JUNIOR, 2012).

No período de 28 de março a 1º de abril de 2010, foi realizada a Conferência

Nacional de Educação (CONAE). Esse evento importante para a educação brasileira contou com a participação ativa e democrática da sociedade civil, tendo como um de seus eixos temáticos a Justiça Social, Educação e Trabalho: Inclusão, Diversidade e Igualdade. Os representantes que participaram desse eixo reivindicavam a inserção de suas temáticas nos objetivos e metas do novo Plano Nacional de Educação. O documento final da CONAE assumia um compromisso para que educação pudesse ser direito de todos e dever do Estado (RONCA; RAMOS, 2010). Contudo, apesar dos avanços conquistados nos últimos anos, “[...] a educação brasileira, em função da dívida histórica que o país tem com esse setor, apresenta enormes desafios a serem vencidos em todas as etapas, níveis e modalidades” (RONCA; RAMOS, 2010, p.5).

Segundo Domingues (2005), o movimento negro existe desde o período abolicionista. Logo após a libertação dos negros, “o novo sistema político, entretanto, não assegurou profícuos ganhos materiais ou simbólicos para a população negra” (DOMINGUES, 2005, p.102). Para reverter esse quadro, libertos, ex-escravos e seus descendentes se uniram e criaram as primeiras organizações para combater o lugar de marginalização em que a República os colocava. Esse movimento nunca cessou, conforme Gomes (2011, p. 135):

O movimento negro contemporâneo, enquanto movimento social, pode ser compreendido como um novo sujeito coletivo e político que, juntamente com os outros movimentos sociais, emergiu na década de 70 no cenário brasileiro.

As políticas públicas antirracistas são fundamentais para a criação de propostas que promovam uma educação igualitária e equitativa, garantindo que todos possuam oportunidades iguais de tratamento e contemplando as diferenças culturais, sem hierarquizar as culturas como sendo de maior e menor valor. Sem a ação dos sujeitos para fazer valer as leis, de nada adianta elas existirem. Portanto, cabe a cada um de nós ampliarmos nossos conhecimentos para diminuir os impactos negativos das práticas racistas cometidas na sociedade.

## 2 EDUCAÇÃO E RACISMO

### 2.1 A ideologia do branqueamento

O termo ideologia possui variados significados e é estudado por muitas áreas como a sociologia, a filosofia, a psicologia, entre outras. Entendemos que ideologia é a ciência que estuda as crenças, doutrinas, ideias e visão de mundo, seja de um determinado indivíduo ou de uma sociedade.

Na concepção marxista, entende-se como ideologia “[...] um dos meios usados pelos dominantes para exercer a dominação, fazendo com que esta não seja percebida como tal pelos dominados” (CHAUÍ, 1984, p.86). A ideologia é um instrumento de dominação de uma classe social sobre a outra, ou seja, é um sistema de crenças falsas e ilusórias em que o indivíduo dominado não consegue ter consciência da sua própria condição social. A classe que impõe os valores é a dominante e a que recebe esses valores e os internaliza é a classe dominada. Segundo Chauí (1984, p.66):

[...] faz parte da ideologia burguesa afirmar que a educação é um direito de todos os homens. Ora, na realidade sabemos que isto não ocorre. Nossa tendência, então, será a de dizer que há uma contradição entre a ideia de educação e a realidade.

A ideologia do branqueamento, termo utilizado por pesquisadores como Maria Aparecida Silva Bento, Lia Vainer Schucman, Lilia Moritz Shwarcz, Kebenguele Munanga entre outros, sustenta “[...] que a ideia do ‘branqueamento’ teria surgido como uma espécie de ‘esperança nacional’ já que o fim da escravidão fomentava entre os membros da elite brasileira um sentimento de incerteza diante do futuro” (HOFBAUER, 2000, p.8).

A origem do projeto de branqueamento da população brasileira ocorreu no final do século XIX, período em que a escravidão ia se esvaindo do país e que a população brasileira era majoritariamente negra. As elites, com o Governo Imperial brasileiro, partiam do princípio de que os negros eram seres subalternos e incapazes de serem civilizados.

Todo esse processo em que o negro precisa negar-se e assumir uma identidade da qual se aproxima mais dos valores, padrões, estética e cultura eurocêntrica instaura efetivamente a ideologia de branqueamento no Brasil. O

principal objetivo é “produzir uma nação branca num futuro não muito distante, a partir do processo de miscigenação, como uma das formas de eliminação do povo negro na constituição da nação brasileira (DA SILVA, 2002, p.18).

Schwarcz (1993, p. 12) vê na obra intitulada “A redenção de Cam”, do artista espanhol Modesto Brocos (1895), a perspectiva de uma população miscigenada em transição e afirma:

O país era descrito como uma nação composta por raças miscigenadas, porém em transição. Essa, passando por um processo acelerado de cruzamento, e depuradas mediante uma seleção natural (ou quiçá milagrosa), levariam a supor que o Brasil seria, algum dia, branco.

Desse modo, é possível entender que a obra de Brocos expressava a urgência em se criar um projeto com o objetivo de embranquecer a população brasileira. Pensadores e intelectuais, além do Governo Imperial brasileiro, investiram no incentivo à vinda de imigrantes europeus que, ao contrário do que se pensava dos negros, eram vistos como civilizados e culturalmente superiores.

Schwarcz (1993) explica que, segundo o senso de 1872, a população negra e mestiça tendia a aumentar progressivamente, chegando a 55 % no total. Os dados de 1890 apontavam que, mesmo com a chegada dos imigrantes europeus e a região sudeste ser de 61% representada por brancos, de um modo geral, o país era constituído por 46% de negros ou seus descendentes. Nesse sentido, Da Silva (2002, p.17) afirma:

O medo de um país de maioria negra e das suas consequências para a maioria branca dominante, a visão recente de revolução negra do Haiti, a presença das formas de viver, sentir e pensar diferentes do negro, presentes na sociedade brasileira não-oficial representando o processo civilizatório africano aqui mantido pelo povo negro, determinaram, no sistema, a necessidade de destruir essas perigosas diferenças.

Acreditando, de fato, que a população iria levar apenas algumas décadas para se tornar predominantemente branca, houve toda uma mobilização por parte da elite e do governo da época que dava o incentivo para a entrada de estrangeiros europeus no país. Essa medida buscava em caráter emergencial, a extinção da população negra. Diante de tantas reproduções ideológicas, que colocam o negro em uma posição de inferioridade, os próprios passam a acreditar que, de fato, são seres primitivos. É evidente que tal proposta não foi bem-sucedida. Os censos populacionais do IBGE vêm nos mostrando, ano após ano, que a população preta e parda juntas chegam a ser mais de 50% de toda a população brasileira.

Mesmo com o insucesso da ideologia do branqueamento, o mito da democracia racial resiste como forma de manutenção dos privilégios, garantindo aos brancos a dominação e sua permanência no poder. A escola é, ainda, um dos principais aliados para a naturalização e a omissão dos atos racistas cometidos em seu próprio domínio, permitindo que muitos indivíduos pratiquem o racismo de maneira velada ou explícita, sem desenvolver neles a capacidade de refletir sobre suas ações.

A ideologia do branqueamento, segundo Domingues (2002), pode ser considerada uma modalidade do racismo à brasileira. Embora não seja expresso em palavras na maioria das vezes, se encastela no nosso inconsciente e se expressa de variadas formas não verbais nos relacionamentos e na convivência em diversas instituições sociais, como a escola.

O racismo, o preconceito e a discriminação se estabelecem de diversas formas na educação, como denuncia a pesquisa de Cavalleiro (1998), publicada no livro “Do silêncio do lar ao silêncio escolar”. Conforme Cavalleiro (2017, p.19):

Numa sociedade como a nossa, na qual predomina uma visão negativamente preconceituosa, historicamente construída, a respeito do negro e, em contrapartida, identificação positiva do branco, a identidade estruturada durante o processo de socialização terá por base a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos sobre os negros.

A ideologia do branqueamento foi uma tentativa de clarear a população brasileira. Apesar de seu insucesso, ainda ganha espaço para a reprodução e manutenção do racismo e *coisificação* do negro, pois em seu discurso trata a imagem do negro sempre negativamente e, com isso, se mantém até os dias atuais.

## **2.2 A educação branqueadora**

Ninguém escapa do processo de educação: ele está em todos os lugares. Além disso, há várias maneiras de se educar. Na perspectiva brasileira, como entender uma educação branqueadora? Como ela surge e se mantém no interior das escolas? Para chegarmos a possíveis respostas acerca desse termo, começaremos por especificar o conceito de educação.

A etimologia da palavra educação vem do latim *educere* que tem como

significado extrair, desenvolver e guiar. De um modo geral, a educação faz parte do processo de socialização dos sujeitos e pode ser realizada no ambiente familiar, escola, espaços religiosos, ruas, entre outros espaços.

Segundo Severino (2001, p.67), “[...] a educação é mediada e mediadora, esforço de constituição de significado, explicitando sua condição ontológica de prática humana”. Por meio das relações humanas, a educação é um dos meios essenciais para a transmissão de valores, princípios e edificação de caráter que grupos sociais determinam como meio de vida. Desse modo, a educação é definida como atividade social e histórica e se desenvolve por meio das relações entre os sujeitos. Segundo Paro (2000, p.24):

Entendida a educação como atualização histórica do homem e condição imprescindível, embora não suficiente, para que ele, pela apropriação do saber produzido historicamente, construa sua própria humanidade histórico-social, parece justo admitir que a escola fundamental deva pautar-se pela realização de objetivos numa dupla dimensão: individual e social.

O espaço escolar é um ambiente em que, em muitas situações, a criança negra é negada e onde não há representatividade da cultura afro-brasileira. Os materiais didáticos, em sua grande maioria, não contemplam a imagem de negros e quando o fazem, eles ocupam papéis subalternos. A história da escravidão no Brasil é reduzida muitas vezes à abolição e à contemplação da princesa Isabel, ocultando anos do sofrimento infligido aos africanos e seus descendentes. Ocultam-se, também, os processos e momentos de resistência.

A escola é um ambiente fundamental para a constituição da subjetividade das crianças por meio da socialização entre elas. O processo educacional deveria contemplar todas as culturas que constituem o país e não apenas uma única dada como modelo. Uma das questões ao se pensar em educação de crianças “[...] é se o educador tem consciência crítica do impacto negativo que o processo de branqueamento tem na formação da identidade da criança negra” (MARTINS; SILVA, 2013, p.28).

De modo geral, os docentes admitem dificuldades para lidar com as questões étnico-raciais na escola, mesmo com a lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da Cultura e História Afro-brasileira. Muitas vezes preferem silenciar-se diante das práticas racistas ou nem ao menos conseguem identificá-las, nomeando-as como práticas de *bullying*. Diante disso Martins e Silva (2013, p.36) alertam:

Desta forma, não há política pública que dê conta de reverter este quadro sócio educacional [sic] preconceituoso e racista. É preciso que educadores/as enfrentem esta temática, não se silenciando diante das atitudes discriminatórias, intolerantes e desumanas. Daí, a importância das práticas pedagógicas que valorizam a educação étnico-racial.

A escola pode até querer parecer um ambiente pacífico, onde não há diferenças de tratamento entre os alunos, mas todo esse imaginário cai por terra quando são observadas as

[...] brincadeiras relacionadas à cor, piadinhas sobre o cabelo, endemonização de adereços e de elementos da cultura africana e o estranhamento quando uma pessoa negra assume uma posição de poder. (MARTINS; SILVA, 2013, p.39).

As instituições escolares e a maneira como estão estruturadas contribuem para a reprodução das desigualdades, invisibilizando as crianças negras e naturalizando as práticas racistas sem qualquer tipo de intervenção para combatê-las. Além disso, a ideologia de branqueamento ainda se encontra fortemente presente nas escolas e sua consequência é a contribuição negativa provocada na formação da identidade e autoestima da criança negra (MARTINS; SILVA, 2013).

Pesquisas de autoras como Rosemberg (2014), Oliveira e Abramowicz (2010) vêm mostrando que há a diferenciação de tratamento do docente para com os alunos tidos como brancos e não brancos. Essa diferença é também visível entre os próprios alunos, pois aqueles que passam aparentemente por brancos percebem que possuem os privilégios da cor, enquanto os mesmos privilégios são negados aos alunos de pele negra.

Nos espaços escolares é comum a circulação de apelidos pejorativos e o silenciamento da cultura afro-brasileira, que é fundamental para celebrar e valorizar o negro e melhorar sua autoestima. No Brasil ainda temos uma escola que marginaliza seus alunos negros e não interfere nas práticas racistas cometidas no cotidiano escolar. Por mais que o Brasil seja um país multirracial e pluriétnico, “[...] quem comanda todo o processo político, econômico e cultural é o branco” (DA SILVA, 2002, p. 26).

Os meios de comunicação social contribuem para reproduzir o padrão de beleza europeia no topo da hierarquização das raças, reforçando negativamente o estereótipo do negro. Dessa forma, as propagandas, as novelas, filmes e tudo mais que é apresentado na televisão e em outros canais midiáticos se torna crucial para os negros se sentirem menos que os brancos. Nesse aspecto Bento (2011, p.20)

afirma:

No Brasil, as representações do corpo negro estão marcadas por estereótipos negativos. Esses estereótipos são difundidos amplamente pelos meios de comunicação. Assim, cria-se e difunde-se a ideia de um corpo feio, promíscuo, sujo, malcheiroso e portador de um cabelo ruim. Isso gera vergonha na criança negra, afeta sua autoestima. Muitas vezes a vergonha, o desconforto do pertencimento racial aparece na educação infantil e acompanha toda a vida escolar das crianças negras.

Lia Vainer Schucman (2012) contribui com sua interpretação ao explicitar que o ideal de beleza na sociedade brasileira é a eurocêntrica, permitindo significados positivos à branquitude e significados estéticos negativos e culturais relacionados aos negros. Pelo conceito de branquitude, entende-se “[...] um construto ideológico, no qual o branco se vê e classifica os não brancos a partir de seu ponto de vista” (p. 27). Em todo esse processo, brancos se sentem confortáveis na posição de privilégio, independentes de serem racistas ou não, enquanto negros acreditam de fato terem o azar de pertencerem à cor que não está na norma ou padrão da sociedade.

Torna-se fundamental a mudança do quadro atual. É preciso repensar uma educação que não seja branqueadora, mas que valorize todas as culturas inseridas em nosso país. A omissão do branco diante das desigualdades raciais, de certa maneira, provoca autopreservação, carregada de investimentos que os colocam constantemente como sendo referência de condição humana (BENTO, 2002).

Por isso, é de suma importância o papel da escola na contribuição a uma educação igualitária, crítica e que respeita as diversidades culturais e raciais encontradas em sala de aula. Somos uma nação onde há o encontro de diversos povos e culturas; portanto, é urgente combater a educação branqueadora e dar espaço para uma educação que valoriza a diversidade, lutando contra as desigualdades raciais.

### **2.3 A formação do racismo na escola**

O racismo na escola se manifesta a partir das práticas realizadas por adultos e crianças que, apoiados pelas tensões ideológicas constituídas pelo senso comum, identificam e representam os negros como sujeitos inferiores. De forma velada, há

uma reprodução nas práticas pedagógicas de professores que influencia a autoimagem negativa das crianças negras, vistas muitas vezes como indisciplinadas e desacreditadas pelos seus professores conforme Romão (2001, p.166):

Quando um aluno é publicamente rotulado de “lento”, “relaxado” etc., ele está sendo violentado e excluído. Quando não ouvimos nem consideramos suas queixas e justificativas, estamos reproduzindo desigualdades, e crianças advindas deste tratamento abandonam a escola, evadem-se, são expulsas e negligenciadas.

Ao frequentarem a escola, as crianças negras encontram vários agravantes que impedem seu desenvolvimento emocional e intelectual. Muitas delas sofrem humilhações, são estigmatizadas, segregadas por colegas de sala de aula, pelos professores e outros adultos. É comum o aumento da evasão de alunos que não são considerados modelos de alunos ideais. As consequências dessa desistência podem ser desastrosas, já que muitos acabam sendo marginalizados pela sociedade.

Segundo o material divulgado em 2010 pela UNICEF intitulado “O impacto do racismo na escola”, o Brasil tem tido grande progresso no que se refere à qualidade de vida das crianças negras e indígenas. Apesar dos progressos significativos em relação à diminuição da mortalidade infantil e do número de famílias em situação de extrema pobreza, o contexto de desigualdades entre crianças brancas e negras ainda é grande. Esse material da UNICEF informa que o IBGE de 2009 calcula que no país 54,5% das crianças e adolescentes são negras e indígenas, com a idade de 11 a 14 anos; mais precisamente, cerca de 31 milhões de meninas e meninos negros. Quando se trata de desigualdade, é apontado que, dos 46% das crianças e adolescentes que vivem com famílias de baixa renda, cerca de 17 milhões são negros. Na questão de acesso à escola, das 530 mil crianças de 7 a 14 anos fora da escola, 330 mil são negras enquanto apenas 190 mil são brancas.

A escola pode reforçar práticas que trazem a ideia negativa do negro, desvalorizando sua história e cultura. As crianças são estimuladas a reproduzirem ações que discriminam outras crianças pela diferença da cor da pele e outras características fenóticas. As consequências para quem sofre, muitas vezes em silêncio, são devastadoras.

Pesquisas realizadas por Cavalleiro (1998), Bento (2011) e Rosemberg (2014) apontam que crianças, mesmo tendo uma educação familiar em que não há práticas racistas, independentemente da cor da pele, podem apresentar

comportamentos que classificam e discriminam grupos étnicos. Há dificuldades, tanto na escola quanto nas famílias, para lidar com a tristeza, o desconforto e a humilhação sofridos por meninas e meninos negros.

Segundo Rosemberg, o racismo no plano material deve levar em consideração que “[...] não se pode afastar a ideia de que grande percentual de negros no Brasil é pobre, e grande percentual de pobres no Brasil é negro” (ROSEMBERG, 2011, p.31). Nesse sentido, podemos considerar que o sofrimento das crianças negras vai além da discriminação racial.

A distribuição desigual dos recursos públicos também é um fator que prejudica significativamente o desenvolvimento das crianças. Estando em situação de pobreza, essas crianças são excluídas e seus direitos à saúde e à educação de qualidade, pois não lhes são garantidos. “A pobreza impacta a criança negra de maneira mais cruel e contundente do que a criança pobre e branca, já que a família negra vive com mais intensidade a desigualdade social” (OLIVEIRA; ABRAMOWICZ; 2010, p.50).

Segundo Cavalleiro (2017), a escola permite às crianças uma socialização que amplia, intensifica e possibilita diferentes modos de leitura do mundo. Essa experiência pode ser muito positiva e enriquecedora à criança, além de, às vezes, dar ruptura às experiências adquiridas no ambiente familiar.

A construção do racismo na escola está relacionada aos mitos históricos que inferiorizaram os negros. Apesar de as ideias sobre raças superiores terem sido cientificamente superadas, é preciso que professores garantam aos alunos uma educação antirracista. Desta forma, podemos afirmar que a escola, enquanto instituição que colabora no desenvolvimento e aprendizados dos seres humanos, contribui para manutenção dos privilégios, reforçando a ideia negativa do negro, ocultando suas contribuições históricas para o desenvolvimento do país e omitindo sua história e cultura. Nesse modelo de educação, a criança negra pode negar sua própria origem, é embranquecida pela escola e constantemente oprimida e silenciada, já que não pode se expressar diante das manifestações racistas. A consequência desse modelo de educação é a reprodução de ações racistas no ambiente escolar. As crianças negras são as mais prejudicadas, pois negam constantemente sua identidade. Segundo Romão (2001, p. 174):

Outro aspecto é o reforço positivo que o aluno recebe cada vez que nega sua identidade e personalidade cultural. E o contrário também, é uma realidade, ou seja, um reforço crítico sempre que o aluno explicita esta identidade, pois a criança vai incorporando esses reforços.

Portanto, a formação do racismo na escola tem como característica o adestramento do comportamento dos alunos, tirando-lhes o direito de se manifestarem culturalmente, já que a cultura eurocêntrica é considerada como modelo ideal. A educação e os meios de comunicação têm contribuído efetivamente para a propagação do racismo em nossa sociedade.

Por outro lado, há um movimento contrário a esse. A luta de professores para a mudança e quebra dos currículos fundados nos padrões europeus é cada vez mais constante nas escolas brasileiras. Cabe aos educadores, assim como a profissionais de outros segmentos, transformar a educação, resgatando os processos históricos e sua importância na construção da civilização do país. É preciso que contribuam com a elevação da autoestima das crianças negras, para que elas tenham orgulho de sua história e não se sintam obrigadas a negarem suas origens para serem aceitas na sociedade.

## **2.4 O papel da escola**

A escola deveria ter como um dos principais objetivos a formação do caráter, valores e princípios morais. Por meio de práticas pedagógicas que visam o trabalho com as diversidades encontradas na sociedade, é possível combater a naturalização de atitudes discriminatórias e dar mais espaço à valorização das potencialidades de cada aluno.

A partir dos anos de 1960, houve maior acesso dos negros à escola, conforme Santos (2001, p.12) esclarece:

A partir da década de 60, com a ampliação da rede de ensino público em todo o país o ingresso do negro às salas de aula tornou-se rotineiro, contudo as relações raciais no interior das escolas permaneceram discriminatórias.

Organizações do movimento negro da época passam a denunciar mais intensamente as ações de discriminação racial que alunos negros sofriam. Além disso, denunciaram também o modelo educacional eurocêntrico, que excluía a

cultura africana e a história do afro-brasileiro nos currículos escolares (SANTOS, 2001).

Muitos docentes ficam apreensivos em desenvolver atividades com a temática étnico-racial temendo críticas negativas da comunidade escolar. Isso porque a mitologia africana é vista de maneira demonizada, as músicas e danças causam estranheza. Há falta de informação da própria equipe escolar para explicar às famílias que o ensino de cultura africana e afro-brasileira não está vinculado a qualquer tipo de doutrinação política, cultural ou religiosa, entre outras. Segundo Munanga (2006), educar crianças de maneira em que elas não reproduzam ações discriminatórias ou apoiem a exclusão de outros grupos tem sido tarefa difícil. O preconceito está muito arraigado tanto na escola como no ambiente familiar e na sociedade.

Os professores, ao se depararem com crianças negras, não conseguem lidar com as ações de discriminação que as segregam ou as discriminam pela da cor da pele. Sentem-se despreparados e inseguros para realizar intervenções que combatam de maneira eficaz e consciente as ações racistas cometidas no interior da escola. Na maioria dos casos, professores praticam uma política que, segundo Munanga (2006), é de “avestruz”: os docentes se escondem diante das ações racistas ou tratam os alunos negros como se fossem coitadinhos.

Devemos levar em consideração que os livros didáticos reforçam o preconceito incutido no ambiente escolar. Na maioria das vezes, apresentam imagens positivas do branco em situações de privilégios e superioridade, sempre tido como referência. Enquanto a imagem do negro é lamentavelmente depreciativa, caricata ou exercendo funções sociais inferiores às dos brancos.

Esta situação vivida pela escola, além de refletir o modelo de sociedade encontrado atualmente, compromete sem dúvida a formação do aluno e o compromisso que a escola assume para formar futuros cidadãos que possam ser responsáveis pelo amanhã (MUNANGA, 2006). Além disso, alunos negros não possuem um atendimento justo no que diz respeito à educação que se preocupa e valoriza as igualdades raciais.

A situação de extrema desigualdade da sociedade brasileira é uma importante justificativa para o mau desempenho de alunos negros com relação à aprendizagem. Muitas vezes os negros vivem em áreas consideradas de risco, onde há pouco acesso à saúde, trabalho, lazer e educação de qualidade. BRUNER (1975, p.10):

Contudo, certamente não podemos, de modo algum, como nação, permitir que certos inconvenientes ou condições locais inibam o desenvolvimento de crianças nascidas em regiões ou cidades relativamente pobres.

Antes de tudo, para que a escola possa desenvolver um currículo que contemple as questões raciais, primeiramente, ela deve concordar que o racismo existe na sociedade brasileira e, conseqüentemente, está presente também na escola. Conforme Gomes (2005, p. 147) explica:

[...] concordamos que racismo está presente na escola brasileira. Esse é um ponto importante porque rompe com a hipocrisia da nossa sociedade diante da situação da população negra e mestiça desse país e exige um posicionamento dos(as) educadores(as).

Nos momentos de formação, é fundamental um bom planejamento. O entendimento da lei 10.639/03 permitirá aos professores melhor preparo para tratar das relações étnico-raciais nas escolas, pois segundo Bruner (1975, p.20) “Explicações corretas e esclarecedoras não são mais difíceis e, às vezes, são mais fáceis de compreender do que as apenas parcialmente corretas e, por isso mesmo, complicadas e restritas demais”. Portanto, acreditar que podemos reduzir a história e cultura dos negros brasileiros apenas a datas como abolição, a vinda dos navios negreiros e o dia da consciência negra, a exemplo, não fará com que alunos entendam a história de maneira integral e crítica.

Nossos currículos são moldados em padrões eurocêntricos. Diante disso, é justo que a gestão escolar procure investir na formação dos docentes, para que se torne possível ter uma visão crítica e propor estratégias de intervenção que possam valorizar a cultura africana.

É importante ter conhecimento do tratamento dado aos negros pós-abolição. A falta de garantia de direitos atribuídos a eles, as condições desfavoráveis que impediram a ascensão da maioria dos afro-brasileiros e todo esse processo histórico causaram e causam impactos na vida dos negros até os dias de hoje. Resgatar a história de sofrimento, assim como a grande contribuição dos negros para o progresso do país, é de extrema importância para que os alunos negros se sintam valorizados e representados na escola.

A escola tem papel importante nesse processo, mas o educador é peça fundamental para torná-lo possível, pois é através da confiança que ele consegue transmitir às crianças e que as transformações acontecem de forma prazerosa. Uma

criança que se sente valorizada, amada, respeitada e representada no ambiente escolar, dificilmente terá tristeza em frequentá-la.

### 3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa tem como pressuposto teórico-metodológico a Psicologia Socio-Histórica e esta abordagem nos auxiliará a compreender de uma forma mais ampla nosso objeto de estudo, bem como, possibilitará uma qualificada investigação. Vejamos como essa abordagem se constitui no campo da Psicologia e quais são seus fundamentos.

A Psicologia Socio-Histórica se desenvolve tendo como base a Psicologia de Vygotsky. Ao estudar as escolas psicológicas que o antecedem, Vygotsky se depara com uma questão: as contradições do humano na Psicologia não eram percebidas enquanto tais. Isso fazia com que as construções dessas escolas trouxessem uma visão dicotômica dos fenômenos analisados. Para Bock (2005, p.23), as abordagens anteriores a Vygotsky

[...] se constituíram como esforço para que a ciência psicológica pudesse dar conta de compreender o homem e seu contato com o mundo real, nenhuma delas, no entanto, superou as perspectivas mecanicistas e deterministas.

Vygotsky constata que a compreensão do fenômeno psicológico era incompleta. Percebe, então, a necessidade de criar um método para a Psicologia que pudesse romper com a dicotomia e conseguisse assumir o movimento que existe dentro do fenômeno psicológico, avançando na compreensão deste fenômeno em sua complexidade. Em 1927, Vygotsky escreve “O significado histórico da crise da psicologia: uma investigação metodológica” (p.62), destacando a importância de um método que desse conta da complexidade do que entendia como objeto da psicologia, ou seja, o homem e suas funções psicológicas. Fica evidente que a psicologia seria impotente para superar as tarefas práticas que se lhe apresentavam se não contasse com uma infraestrutura lógico-metodológica própria (AGUIAR; OZELLA, 2013).

Trata-se de uma obra na qual Vygotsky mostrava preocupação com a psicologia moderna e afirmava que as diferentes escolas psicológicas que surgiram neste período encontravam-se num momento de crise, devido às suas limitações metodológicas. A maioria partia do princípio que o comportamento humano poderia ser analisado sem levar em consideração sua subjetividade, pois essa era inerente aos homens, tendo como base a noção de que somente a natureza os afetava.

A partir disso, fez críticas à estrutura estímulo-resposta, pois, segundo VYGOTSKY (2007, p.62):

[...] uma estrutura estímulo-resposta para a construção de observações experimentais *não pode* servir como base para o estudo adequado das formas superiores, especificamente humanas, de comportamento. (grifos do autor).

Em relação à proposta do Materialismo Histórico-Dialético, Vygotsky a compreendia como uma nova alternativa para superar a crise do método na psicologia moderna, pois a partir deste método era possível entender “a relação entre objetividade e subjetividade como uma unidade de contrários, em movimento de transformação constante” (BOCK, 2001, p.63).

Vygotsky apontava a necessidade de repensar novas abordagens que considerassem o comportamento humano e sua reação transformadora sobre a natureza que o cerca. Para tanto, fez uso dos princípios da abordagem materialista dialética da história humana em suas abordagens de análise e afirma (VYGOTSKY, 1984; 2007, p.62):

Baseado na abordagem materialista dialética da análise da história humana, acredito que o comportamento humano difere qualitativamente do comportamento animal, na mesma extensão em que diferem a adaptabilidade e desenvolvimento dos animais. O desenvolvimento psicológico dos homens é parte do desenvolvimento histórico geral de nossa espécie e assim deve ser entendido. A aceitação dessa proposição significa termos de encontrar uma nova metodologia para a experimentação psicológica.

Para Vygotsky, a subjetividade humana se desenvolve de acordo com as relações estabelecidas. Ela não está dada a priori, ou seja, o indivíduo possui a consciência e se desenvolve de acordo com a história e com as relações estabelecidas com o meio.

Ao pensar em um método para a Psicologia, Vygotsky, leitor de Karl Marx, se apropria do Método Materialista Histórico-Dialético, a fim de melhor compreender o movimento no interior do fenômeno psicológico, ao passo que rompe com as dicotomias. A partir daí temos a formulação de uma Psicologia que compreende o homem e a própria realidade de forma mais ampla dentro de suas complexidades. Esta Psicologia de Vygotsky é a base para a abordagem na qual essa pesquisa irá se desenvolver: a Psicologia Socio-Histórica.

### **3.1 Fundamentos Epistêmicos da Psicologia Socio-Histórica: Materialismo Histórico-Dialético**

O Método Materialista Histórico-Dialético foi concebido por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820 - 1895), tendo a Filosofia Alemã, a Política Francesa (socialismo) e a Economia Política Inglesa como seus três elementos constitutivos.

Conforme já indicado no nome, trata-se de um método cujo pressuposto é o materialismo, ou seja, o entendimento de que tudo existe a partir da matéria, ou melhor, tudo que existe é matéria. Inclusive as ideias, pensamentos, criatividade, memória etc. são vistos como elementos que não estão fora de nós; logo, só acontecem porque existe um cérebro funcionando.

No marxismo, o Materialismo é tomado como a base de tudo que conhecemos e construímos enquanto humanidade. Ou seja, a base da produção social da vida, aqui colocada como social porque ocorre na relação com os outros, é localizada, contextualizada. Trata-se da humanidade no fazer histórico atendendo às suas necessidades. Deste ponto de vista, podemos afirmar que o Materialismo é uma construção da própria humanidade, portanto é histórico.

Para compor o materialismo histórico, Marx sente a necessidade do uso de uma lógica que não seja a formal. Desta forma, esta vertente da Psicologia incorpora ao método a lógica dialética, que organiza o que existe, entendendo e considerando o movimento caótico do real, comportando, assim, a contradição. Porém, ela não exclui a lógica formal; ao contrário, ela a incorpora, superando-a. Entendemos a superação como o ato de apropriar-se do que já existe, reformulando para além do que está posto, ou seja, avançando na compreensão. O elemento fruto da superação carrega o antigo, porém transformado.

Sendo assim, a dialética passa a ser a essência do método: interessa-nos captar o movimento. Trata-se de uma lógica sobre a qual o pensamento se estrutura para compreender o fenômeno. A dialética é a forma pela qual estruturamos nosso pensamento para entender o fenômeno que está acontecendo em sua totalidade, seja algo que acaba por nos revelar conflitos ou movimentos de contradição e superação.

No Materialismo Histórico-Dialético, o homem é percebido como produtor da própria vida na relação com os outros. Trata-se de uma produção social, mediada por inúmeras determinações dentro de um tempo que não é linear, mas histórico.

Tendo o Materialismo Histórico-Dialético como fundamento epistêmico, a Psicologia Socio-Histórica possui sua própria concepção de homem, como explica Bock (2005, p. 24):

Concebe o homem como ativo, social e histórico; a sociedade, como produção histórica dos homens que, através do trabalho, produzem sua vida material; as ideias, como representação da realidade material; a realidade material, como fundada em contradições que se expressam nas ideias; e a história como um movimento contraditório constante do fazer humano, no qual, a partir da base material, deve ser compreendida toda produção de ideias, incluindo a ciência e a Psicologia.

A perspectiva da Psicologia Socio-Histórica propõe uma concepção desafiadora, crítica e específica do ser humano e do mundo, tendo como propósito investigar de que maneira são constituídas as relações entre o sujeito e o meio social. Aguiar e Ozella (2013) afirmam que o homem é um ser social que guarda singularidade, sendo esta singularidade constituída nas relações com o social (universal) através da chamada mediação social. Os autores (AGUIAR; OZELLA, 2013, p.301) complementam:

Falamos de um homem constituído numa relação dialética com o social e com a história, o que o torna ao mesmo tempo único, singular e histórico. Este homem, constituído na e pela atividade, ao produzir sua forma humana de existência, revela – em todas as suas expressões – a historicidade social, a ideologia, as relações sociais e o modo de produção. Ao mesmo tempo, esse mesmo homem expressa a sua singularidade, o novo que é capaz de produzir, os significados sociais e os sentidos subjetivos.

Sendo assim, a Psicologia Socio-Histórica compreende que o homem, enquanto ser ativo, age na transformação de sua realidade e, nesse processo, cria novas formas de sobrevivência. Diante desse processo, homem e sociedade são constituídos mutuamente; ou seja, um não é sem o outro; subjetividade e objetividade se relacionam dialeticamente.

Para Bock (2005), a Psicologia Socio-Histórica trabalha com a necessidade de estabelecer diálogos entre o fenômeno psicológico e o acontecimento social no qual ele foi concebido. Isso ocorre de tal forma que, ao tratar sobre a subjetividade humana, fala-se sobre a objetividade na qual os indivíduos vivem, visto que essa subjetividade é constituída na objetividade através de mediações sociais. Ou seja, trata-se de aspectos distintos de um mesmo movimento dentro de um processo no qual o homem modifica o mundo e é modificado por ele.

### 3.2 Categorias do Materialismo Histórico-Dialético e da Psicologia Socio-Histórica: contribuições para a análise

As categorias são fundamentais na constituição de um método. Segundo Aguiar e Bock (2011, p.163), categorias são um “[...] constructo abstrato/intelectivo que pretende abarcar uma determinada zona do real, e desse modo, nesse processo, explicitar as contradições e movimento aí presentes”. Para as autoras, as categorias são essenciais no processo de reflexão teórica e no movimento de apreensão do real, que ocorre necessariamente mediado pelo pensamento reflexivo e teórico humano. Vejamos o que dizem (AGUIAR; BOCK, 2011, p.163):

O empírico, de onde se parte e para onde se volta como concreto, é entendido como multideterminado, mas, a observação não é suficiente para perceber estas determinações, que são invisíveis a "olho nu". É o pensamento categorial e teórico que permitirá o acesso às determinações do fenômeno.

Durante o processo de análise, são as categorias utilizadas na Psicologia Socio-Histórica que nos auxiliarão na interpretação de possíveis complexidades existentes no mundo social. Dentre as categorias, compreendemos que algumas serão de suma importância durante o processo de análise desta pesquisa. Com o Materialismo Histórico-Dialético, vamos refletir acerca da categoria Historicidade. Em relação à Psicologia Socio-Histórica, vamos dialogar acerca da categoria Significação. Desse modo, apresentamos esses conceitos mais detalhadamente abaixo.

- **Historicidade** - Considerada como um princípio fundamental dentro da Psicologia Socio-Histórica, trata-se de uma categoria do Materialismo Histórico-Dialético que não nos deixa perder de vista que tanto o objeto do estudo, quanto os sujeitos e o pesquisador encontram-se imersos no fluxo da história. Esta categoria nos permite olhar para a realidade e apreendê-la em movimento. Por conta disso, entende-se que a historicidade tem um “[...] potencial de dar conta da gênese e do processo de transformação dos objetos” (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 302).

A noção de historicidade nos permitirá efetuar uma análise considerando o movimento dialético que constitui todo o fazer humano. Porém, de acordo com Aguiar e Bock (2011), a operacionalização deste pensamento só é possível quando trabalhamos com a noção de totalidade concreta: a compreensão de que o todo é

algo sempre em movimento, resultado da atividade humana e não estático. Portanto, traz consigo uma articulação dialética na qual “[...] parte e o todo, o singular e o plural estão imbricados dialeticamente um no outro, não se confundem, mas não existem isoladamente, por isso não são apreendidos separadamente” (2011, p.164).

● **Significação** - Esta é uma categoria da Psicologia Socio-Histórica que é composta por mais duas. São elas: sentidos e significados. As duas não são tratadas separadamente, visto que uma inexistente sem a outra, embora tenham singularidades. Isso nos leva à afirmação de que estamos tratando da chamada unidade de contrários.

Para Aguiar e Ozella (2013, p.304), os significados são os “conteúdos instituídos, mais fixos, compartilhados, que são apropriados pelos sujeitos, configurados a partir de suas próprias subjetividades” Trata-se de construções históricas e sociais por meio das quais nos comunicamos e socializamos as nossas vivências e experiências.

O significado é considerado como o ponto de partida para a apreensão dos sentidos. É importante evidenciar que um dos fundamentos metodológicos que compõem a perspectiva socio-histórica diz respeito às noções de aparência e essência. Desta forma, compreendemos que há, nos significados, mais do que aparenta e, ao empreendermos um esforço para captar além do que nos é dito, nos colocamos no caminho para a apreensão dos sentidos.

O sentido é algo mais profundo do que os significados. Segundo Aguiar e Ozella (2013), o sentido diz respeito à articulação dos eventos psicológicos que o sujeito produz perante uma realidade. Neste ponto, chamamos a atenção para a singularidade do sujeito, sem perder de vista que se trata de algo que se constrói historicamente. Estamos tratando da compreensão de um sujeito que é histórico e singular ao mesmo tempo. Sujeito este que é analisado e compreendido através das “[...] zonas mais instáveis, fluidas e profundas, ou seja, as zonas de sentido” (AGUIAR; OZELLA, 2013, p.304).

Aguiar e Ozella (2013) informam que esta é a categoria “[...] que com mais precisão expressa o sujeito, a unidade de todos os processos cognitivos, afetivos e biológicos” (p. 305). O sentido está relacionado à subjetividade do sujeito e, para apreendê-lo, é preciso ter em mente que as respostas obtidas não são únicas,

sempre coerentes, definidas e lineares. Ao invés disso, essas respostas vindas dos sujeitos podem inclusive trazer contradições. Porém, não deixam de fornecer elementos indicativos da maneira de ser dos sujeitos, bem como dos processos vivenciados por eles.

## 4 A PESQUISA

### 4.1 Abordando o racismo na escola: descobertas de pesquisas

Nas últimas duas décadas, pesquisadoras e pesquisadores brasileiros vêm se dedicando aos estudos que abordam as relações étnico-raciais nos espaços escolares.

Em sua dissertação de mestrado, Cavalleiro (1998) pôde observar e constatar, na relação diária com crianças de 4 a 6 anos, a falta de representatividade das crianças negras no interior da escola onde realizou sua pesquisa. Houve situações em que presenciou ações racistas vindas das docentes da escola. Também pôde observar a imagem negativa que crianças negras tinham de si mesmas. Os eventos foram tão impactantes para a autora que seu trabalho deu origem ao livro intitulado “Do silêncio do lar ao silêncio escolar” (CAVALLEIRO, 1998).

Como conclusão, a autora constata que os espaços escolares podem ser ambientes em que atitudes racistas são vistas de maneira naturalizada. Há poucas intervenções por parte das(os) professoras (es). Também a família, ao se deparar com o sofrimento da criança discriminada pela cor e por não saber quais ações tomar, acaba também se silenciando. Conforme afirma a pesquisadora, “[...] o silêncio que atravessa os conflitos étnicos na sociedade é o mesmo que sustenta o preconceito e a discriminação no interior da escola” (CAVALLEIRO, 2017, p.98).

Oliveira e Abramowicz (2010) realizaram pesquisa que teve como principal objetivo analisar se os espaços escolares discutem e dão visibilidade às questões raciais. A creche pesquisada atendia a crianças de zero a três anos. As autoras concluem que as professoras não dedicavam o mesmo tratamento a todas as crianças, apesar de terem o discurso que, sim, todas as crianças são tratadas iguais. Era notável que, em muitas situações, crianças brancas eram mais “paparicadas”. Um exemplo retirado da pesquisa expressa a discriminação quando “[...] na chegada das crianças no período da manhã, de 13 crianças (oito crianças brancas e cinco negras), a professora beijava sete, sendo que desse total, apenas duas crianças eram negras” (2010, p.219). Nesse sentido, as autoras interpretam que crianças negras tendem a receber menos carinho do que crianças não negras. Nessa mesma

pesquisa, foi possível identificar que professoras apontam crianças negras como as difíceis de lidar, inquietas, agitadas, indisciplinadas, entre outros atributos negativos que evidenciam que crianças negras são menos “paparicadas” do que as de pele clara. (OLIVEIRA; ABRAMOWICZ, 2010).

Em respeito ao desempenho escolar, Rosemberg (2011) denunciava que, por decorrência da pobreza, alunos negros encontravam barreiras para a sua inclusão igualitária desde muito pequenos. A autora voltava-se principalmente para as instituições educacionais que atendiam bebês, pois acreditava que esse seguimento social sofria intensa discriminação no Brasil. Afirma Rosemberg (2011, p. 17):

Silenciar sobre as especificidades da creche também significa discriminação, pois, além de acolher bebês, no Brasil, a creche não foi pensada para a “produção” de qualquer ser humano, mas a dos (as) filhos(as) recém libertos(as) de mães escravas.

Suas pesquisas davam visibilidade e colaboravam com estudos sobre as crianças negras na sociedade brasileira, em especial as que frequentavam as creches tidas como um espaço exclusivamente para os filhos das mães trabalhadoras e pobres (ROSEMBERG, 2011). A autora criticava o pouco interesse por parte dos pesquisadores em realizar estudos que dessem maior atenção às crianças pequenas. Apontava alguns aspectos a serem melhorados, como o crescimento de pesquisas acadêmicas que abordassem a construção da identidade negra, por exemplo, ou que investigassem se as crianças são capazes de expressar preferência ou rejeição por um determinado grupo racial, entre outros.

O contato com os referidos trabalhos esclarece que a discussão sobre o racismo na escola tem sua relevância para a comunidade científica. Apesar do aumento do número de pesquisas que tratam dessa temática e de pesquisadores negros nelas envolvidos, há muitas lacunas a serem preenchidas para o aprofundamento dos estudos sobre o racismo, como: as relações raciais, a identidade do negro na sociedade e escola entre outras especificidades desse fenômeno.

## **4.2 O problema da pesquisa e seus desdobramentos**

Temos como objetivo principal, nesta investigação, explicitar as significações constituídas por professoras e alunos sobre o racismo que ocorre na escola. Para atingirmos esse objetivo, é necessário analisar como o processo do racismo se dá nos ambientes escolares e quais os sentimentos que professoras e alunos expressam diante das ações racistas que podem ser cometidas no interior da escola. Por meio de suas falas, iremos analisar o sentimento expressado sobre como são as práticas racistas na escola, se já cometeram racismo e se sofrem com ele.

Apreender as múltiplas determinações que constituem os sujeitos a serem pesquisados, assim como suas significações constituídas ao racismo, permitirá uma análise da relação dialética entre o singular e o universal.

## **4.3 Objetivo geral e específicos**

A pesquisa, conforme já foi apontado, tem como objetivo principal explicitar as significações constituídas por professoras e alunos do Ensino Fundamental em relação às práticas racistas que ocorrem no espaço escolar.

São os seguintes objetivos específicos:

- Identificar concepções de racismo implícitas na atuação docente e discente;
- Identificar práticas racistas/preconceituosas a partir da experiência docente e discente;
- Discutir o papel da escola na reprodução e na desconstrução do racismo.

## **4.4 Local da pesquisa**

A investigação será realizada em uma escola municipal, localizada na zona norte da cidade de São Paulo, em um bairro marcado por grande contraste social, pois é constituído por áreas residências de classe média e classes mais periféricas. O nome fictício da instituição será Escola Verde. As etapas de ensino da escola

pesquisada são o Ensino Fundamental I e II e Educação de Jovens e Adultos (EJA). A escolha em realizar a pesquisa nessa instituição se deu pelo fato de a escola ser reconhecida na região como centro de referência de cultura afro e possuir um projeto específico que valoriza a cultura afro e afro-brasileira.

A escolha pelo Ensino Fundamental se deu por conta de que as crianças e adolescentes nesse período escolar possuem maior facilidade em se expressar oralmente, permitindo que a entrevista seja mais detalhada, de modo a propiciar maior riqueza na obtenção nas informações.

Por meio de entrevistas semiestruturadas<sup>2</sup>, foram coletadas as informações que são analisadas a seguir, com o objetivo de apreender as significações de professoras e alunos sobre o racismo ocorrido no interior da escola.

#### 4.5 Sujeitos da pesquisa e caracterização

Optou-se por entrevistar<sup>3</sup> professoras e alunos organizados da seguinte maneira:

4 professoras, sendo que duas delas serão autodeclaradas negras e as demais autodeclaradas brancas;

4 alunos do Ensino Fundamental II, sendo que dois deles serão autodeclarados negros e os demais autodeclarados brancos;

Professoras:

**Isabel:** assistente de direção e professora do Ensino Fundamental I, com 15 anos de experiência no magistério.

*“Pra mim não é importante a cor da minha pele.”*

---

<sup>2</sup> As entrevistas semiestruturadas foram gravadas em áudio.

<sup>3</sup> Os materiais referentes às questões são disponibilizados como apêndices ao final deste trabalho.

**Dandara:** professora de História do Ensino Fundamental II e da Educação de Jovens e adultos, com 22 anos de docência.

*“O importante é sempre a gente tá voltando, né? pra pensar o preconceito.”*

**Bandeira:** bacharel em Ciências Políticas e Sociais, professora de História, com 30 anos de docência.

*“[...] a discriminação, preconceito em relação a questão da cor é presente, né?”*

**Joaquina:** formada em Letras e Pedagogia, iniciou a docência em uma EMEI, professora do Ensino Fundamental I, com 19 anos de experiência.

*“Eu acho que existe o racismo tanto do lado branco quanto ao contrário também.”*

Alunos:

**Odara:** 13 anos de idade, cursa o 7º ano, passou por várias escolas e recentemente matriculou-se na Escola Verde.

*“Em muitas escolas que já estive já aconteceu isso comigo também. Isso me magoou demais.”*

**Leopoldina:** 13 anos de idade, cursa o 8º ano, frequenta a Escola Verde desde o 1º ano do Ensino Fundamental I.

*“Me sentia assim, com pena da pessoa.”*

**Menelik:** 13 anos de idade, cursa o 7º ano, frequenta a Escola Verde há 3 anos, natural da Paraíba, mora em São Paulo com os pais.

*“Sim, já chamaram de, tipo, negro é bandido; essas coisas”*

**Pedro:** 14 anos de idade, cursa o 8º ano, frequenta a Escola Verde desde o 1º ano do Ensino Fundamental.

*“Na minha opinião, é brincadeira. A pessoa não se sente ofendida nessa forma.”*

#### **4.6 Instrumento: pesquisa qualitativa**

Essa pesquisa é de natureza qualitativa. Escolhemos essa abordagem devido à sua oferta de contribuições relevantes para a área da Educação. Conforme afirmam Gatti e André (2010, p. 9):

O uso dos métodos qualitativos trouxe grande e variada contribuição ao avanço do conhecimento em educação, permitindo melhor compreender processos escolares, de aprendizagem, de relações, processos institucionais e culturais, de socialização e sociabilidade, o cotidiano escolar em suas múltiplas implicações, as formas de mudança e resiliência presentes nas ações educativas.

Essa abordagem dará subsídios para entender melhor como os processos escolares se dão através da socialização e sociabilidade, por meios de implicações que envolvem as relações dos sujeitos mediante a aprendizagem, socialização, processos institucionais e culturais, entre outros que ocorrem no cotidiano escolar em suas múltiplas implicações (GATTI; ANDRÉ, 2010).

Para Freitas (2002, p.26), os estudos qualitativos na perspectiva socio-histórica, quando valorizam aspectos descritivos e percepções pessoais dos sujeitos pesquisados, “devem focalizar o particular como instância da totalidade social, procurando compreender os sujeitos envolvidos e, por seu intermédio, compreender também o contexto”. Desse modo, a pesquisa de campo possibilitou, por meio da coleta de informações, que a realidade fosse estruturada na Perspectiva da Psicologia Socio-Histórica, referencial teórico utilizado nesta pesquisa.

#### **4.7 Entrevista semiestruturada**

Para a compreensão do fenômeno a ser estudado e suas significações, optamos pela entrevista semiestruturada que, segundo Manzini (2004), permite a

formação de um roteiro, com perguntas principais e outras que complementem questões inerentes às questões momentâneas durante a entrevista.

O autor ressalta a importância no planejamento de um roteiro com perguntas que atinjam os objetivos pretendidos, para promover informações mais livres. Assim, os sujeitos entrevistados não são condicionados a um instrumento engessado e limitador. Ou seja, durante as entrevistas com os sujeitos, foram formuladas diferentes perguntas, levando-se em conta tanto a necessidade da investigação como as informações que afloravam durante as falas dos sujeitos.

O pesquisador tem fundamental importância durante esse processo, pois, por meio da busca do diálogo que a entrevista semiestruturada possibilita, irá identificar as emoções, os sentimentos e os processos simbólicos que irão contribuir na constituição dos significados atribuídos ao fenômeno investigado.

#### **4.8 Procedimentos de análise**

Por meio da análise, iremos articular as mediações a fim de entender o processo que os sujeitos expressam em suas falas, assim como detectar as contradições que fazem parte dos processos sociais. A análise, por meio de um método rigoroso, permite ao pesquisador revelar além do que está aparente.

Os núcleos de significação são entendidos aqui “como um momento superior de abstração, o qual, por meio da articulação dialética das partes – movimento subordinado à teoria – avança em direção ao concreto pensado, às zonas de sentido”. (AGUIAR; OZELLA, 2013, p.310).

Segundo Aguiar, Soares e Machado (2015), a proposta tem sido utilizada para instrumentalizar o pesquisador no processo de apreensão das significações por meio dos relatos dos sujeitos de acordo com a realidade com a qual se relaciona. Dessa maneira, o pesquisador ultrapassa a aparência das palavras (significado) indo ao encontro da realidade concreta (sentidos). De acordo com Aguiar, Soares e Machado (2015, p.61):

Para que possamos, portanto, nos apropriar das significações, necessário se faz aprender não sua unilateralidade, mas suas relações, qualidades, contradições, isto é, as mediações sociais e históricas que as configuram como unidades dialéticas da fala e do pensamento.

Contudo, para analisar e interpretar as informações produzidas, é necessário fazer leituras aprofundadas e, a partir delas, levantar os pré-indicadores (fase empírica da apreensão dos sentidos) e indicadores, momento da abstração que permite aproximar-se dos sentidos e significações constituídos pelo sujeito.

Por fim, os núcleos de significação são constituídos na próxima fase, que “[...] consiste em analisar as palavras ditas pelo sujeito e, assim, apreender seus significados” (AGUIAR; SOARES; MACHADO, 2015, p.68).

É importante destacar que o pesquisador, diante de todo esse processo, deve alicerçar-se nos pressupostos teórico-metodológicos, que orientam o processo de análise e interpretação das informações produzidas, afim de alcançar o objetivo da pesquisa.

## 5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentadas a análise e a interpretação das informações obtidas por meio das entrevistas semiestruturadas, realizadas com os sujeitos da pesquisa. Antes de iniciarmos a discussão a seguir, gostaríamos de destacar que utilizaremos nomes fictícios para preservar o anonimato dos sujeitos investigados.

Após a constituição dos indicadores e pré-indicadores, foram elaborados os núcleos de significação, com o propósito de revelar as significações constituídas pelos sujeitos entrevistados. A intenção era interpretar, agir e sentir, a partir da articulação do pensamento e fala emocionada de cada sujeito. Assim, os quatro núcleos elaborados foram:

*Núcleo 1- O racismo na sociedade e na escola: significações das professoras: identificação das práticas racistas.*

*Núcleo 2- As práticas racistas no ambiente escolar: significações dos educandos negros: as relações desiguais, o sofrimento e a naturalização do racismo.*

*Núcleo 3- As práticas racistas no ambiente escolar: significações dos educandos brancos: a naturalização do racismo, a indiferença e o reconhecimento de privilégios.*

*Núcleo 4- As práticas pedagógicas das professoras/educadoras: as tensões e os êxitos na implementação da lei 10.639/03.*

### 5.1. Núcleo 1

**O racismo na sociedade e na escola: significações das professoras: identificação das práticas racistas.**

“Com certeza. Infelizmente sim. Nossa sociedade ela é muito racista.” (Isabel)

“Acredito não, vejo. [...] tem racismo e muito.” (Bandeira)

Este núcleo abarca indicadores que delineiam as significações apresentadas pelas professoras diante do racismo na sociedade e na escola. Antes de iniciarmos, gostaríamos de revelar que todos os entrevistados desta pesquisa admitem que a sociedade brasileira seja racista, todavia, não identificam comportamentos racistas praticados por eles.

De acordo com Aguiar e Bock (2016), as relações sociais são educativas; nos constituímos nos relacionando com o outro, nos transformamos internamente. A subjetividade e o pensamento são dialéticos e constituídos a todo o momento. É esse movimento do pensamento que irá expressar, por meio da fala, o processo da construção do mundo objetivo.

De acordo com Gomes (2002, p. 46), “[...] o racismo em nossa sociedade se dá de um modo muito especial: ele se afirma através da sua própria negação”. Ele é apresentado por contradições, pois ao mesmo tempo em que os sujeitos negam serem racistas, a grande maioria admite existir racismo no Brasil.

Gomes (2002) ainda menciona que a iniciativa Diálogos Contra o Racismo realizou uma campanha intitulada “Onde você guarda seu racismo?”, cujo objetivo principal era apresentar uma reflexão para desvelar o processo ambíguo da população entre a afirmação da existência do racismo no Brasil e a negação de se admitir racista. Sobre a campanha, Gomes (2002, p.46) afirma que:

[...] as pesquisas de opinião pública revelam que 87% da população reconhece que há racismo no Brasil. Mas 96% dizem que não são racistas. Assim chegamos a um dos pontos-chave da nossa campanha: existe racismo sem racista?”

Esse movimento se dá pela própria negação da sociedade sobre a existência do racismo. Nosso país carrega a herança deixada pela escravidão, afetando negativamente os negros até os dias atuais por meio de mecanismos que permitem a propagação de práticas preconceituosas e discriminatórias contra os negros nas mais diversas instituições e nas mais diversas situações.

Segundo Gomes (2002, p.6), quanto mais a existência do racismo é negada pela sociedade brasileira e pelas instituições, maior será a propagação que invade as mentalidades, as subjetividades e as condições sociais dos negros.

Além disso, deve-se ressaltar que a sociedade brasileira segue um modelo eurocêntrico, ao qual nem todos se enquadram. A todo momento, por meio dos

canais midiáticos, somos estimulados a um único modelo de humano: branco, com traços refinados, cabelos lisos, entre outros atributos dos brancos europeus.

Com isso, percebemos que as professoras afirmam a presença do racismo na sociedade a partir da observação de inúmeras ações que discriminam os sujeitos pela cor, por estereótipos, pela classe social e por aspectos físicos que são cotidianos e ocorrem de maneira velada ou explícita. No entanto, é importante lembrar que ninguém nasce racista e, assim, essas práticas são ensinadas e naturalizadas pela sociedade. As seguintes falas exemplificam essa questão:

**Isabel:** “[...] na verdade o racismo, ele é muito velado. Hoje nós estamos numa sociedade que deixou de ser enrustida, de ser velada, para uma sociedade extremamente declarada, preconceituosa.”

**Joaquina:** “Os adultos, às vezes até fora da escola, começam a colocar na cabecinha dessas crianças coisas que vão transformá-las em pessoas racistas, preconceituosas.”

A professora Joaquina, apesar de acreditar na existência do racismo, afirma que o preconceito racial também pode ocorrer de maneira reversa, ou seja, do negro para com o branco. Em sua narrativa, podemos verificar essa afirmação:

**Joaquina:** “Eu acho que existe o racismo tanto do lado branco em relação ao negro quanto ao contrário também. Acho que existe racismo nos dois lados”.

Joaquina acredita sofrer discriminação pelos negros, e sua justificativa é que sua cor transmite atributos de riqueza e inteligência no imaginário dos negros. Essa situação é destacada por Joaquina pela fala a seguir:

**Joaquina:** “[...] é que o pessoal, assim, fala “Nossa! Ela é branca.” Então, já imagina assim: a branca inteligente tem dinheiro, que pode estudar, né? Aí entra a questão que eu falo pra você de que existe tanto preconceito (racial) do branco em relação ao negro, quanto do negro em relação ao branco.”

Registre-se que a professora não percebe os privilégios atribuídos a ela por possuir a pele branca e justifica sua posição social pela meritocracia. Além disso, desconhece a realidade da escravidão, que durante séculos constituiu-se em

vergonhosa chaga ética e até hoje continua apresentando sequelas na própria organização do tecido social.

Segundo Bento (2018, p.121), a branquitude “[...] possibilita aos indivíduos se situarem no interior de uma formação coletiva, sólida, uma comunidade de negação, que nega e exclui da realidade o que não a interessa.” Joaquina justifica sua posição social pela meritocracia e acredita que todos possuem oportunidades iguais. Essa situação é destacada na fala a seguir:

**Joaquina:** “Privilégio...privilégio não, até porque por exemplo, eu trabalho, prestei um concurso público, então passei no concurso. Qualquer outra pessoa passaria independente da cor.”

Corroborando essa ideia, a entrevistada afirma que, na sociedade brasileira, brancos e negros possuem as mesmas condições de oportunidades e usa o discurso da meritocracia, tentando justificar as diferenças sociais entre brancos e negros.

Percebemos que esse pensamento está arraigado na sociedade e se dá pela invisibilidade atribuída às tensões históricas, uma vez que o período escravocrata não possibilitou aos negros terem direitos iguais aos brancos. Todo esse processo permitiu aos brancos possuir privilégios, oportunidades e uma alta colocação na hierarquia social. Os negros não tiveram a mesma condição devido à sua escravização e *coisificação* que durou por séculos. Portanto, acreditar numa espécie de racismo reverso só seria possível se voltássemos a um passado no qual houvesse a escravização de brancos europeus nas mesmas condições que africanos e afro-brasileiros sofreram.

No interior da escola, das quatro professoras entrevistadas, três reconhecem ter presenciado práticas racistas durante o seu percurso profissional no magistério. As falas a seguir ilustram isso:

**Isabel:** “Na fase da adolescência que umas quando querem ofender as outras, aí entra na questão do cabelo, de corpo.”

**Dandara:** “Às vezes os colegas [professores] é um olhar para aquele aluno, é um jeito que tá falando daquele aluno [negro].”

**Bandeira:** “A gente observa isso constantemente. [...] a discriminação, preconceito em relação à questão da cor é presente, né?”

De acordo com Cavalleiro (2017), a criança, quando inserida no espaço escolar, já traz com ela experiências adquiridas por meio do contato com outros sujeitos. Essa relação dialética entre a criança e a sociedade possibilitará à criança o aprendizado contendo “[...] atitudes, opiniões, valores a respeito da sociedade ampla e, mais especificamente, do espaço de inserção de seu grupo social” (CAVALLEIRO, 2017, p.16). A experiência escolar é fundamental para que crianças possam ampliar sua socialização e aprendizado por meio do contato com outras crianças. Mas é também por meio delas que são trazidas as vivências adquiridas por outros grupos de sociabilidade, como a família. Nesse processo em que a criança inicia sua socialização no interior da escola, “[...] o que para a escola pode representar um problema ou um momento de conflito, no interior do grupo familiar pode representar, apenas, parte do modo habitual da vida do grupo” (CAVALLEIRO, 2017, p.18). Ou seja, atitudes discriminatórias podem não ser compreendidas no ambiente familiar. Mas, no ambiente escolar, a criança, por estar em contato com crianças de outras etnias, crenças e valores, acaba por reproduzir a discriminação que na família não é identificada como tal.

Numa sociedade em que facilmente identificamos ações racistas, sabemos que o negro carrega uma imagem negativa. Nossas crianças negras são as que mais sofrem com a discriminação quando são inseridas no ambiente escolar.

De todas as professoras entrevistadas, Joaquina é a única que trabalha no Ensino Fundamental I e não identifica, nesse nível de ensino, práticas racistas cometidas pelas crianças. Somente com as crianças do Fundamental II que, apesar de não lecionar para elas, observa discriminações e preconceitos no dia a dia.

As autoras Souza (2001), Rosemberg (2011), Oliveira e Abramowicz (2010) e Cavalleiro (2017) afirmam em suas pesquisas ser possível identificar o racismo em crianças desde muito pequenas, em período pré-escolar. E que essas ações racistas podem ser identificadas, por exemplo, na escolha de amigos, de quem elas seguram a mão, nas brincadeiras em que meninas brancas reproduzem as patroas e as negras as empregadas, meninos negros são os bandidos e os brancos policiais, entre outras atitudes.

De acordo com Souza (2001, p.57), “[...] a interiorização da discriminação racial é social e está presente em qualquer instituição socializadora”. Portanto, a criança, ao chegar no ambiente escolar, não se apresenta como uma tábula rasa. Desde seu nascimento dispõe de vários estímulos que, ao ter contato com outros sujeitos e com o mundo, possibilitam a produção de sua atividade humana por meio das mediações que são constituídas nos diversos meios sociais.

Em suma, concluímos que as professoras acreditam que a sociedade brasileira é racista e que, no ambiente escolar, as ações em que alunos discriminam outros alunos pela cor podem ser notadas através de pequenas brincadeiras em que o cabelo crespo e estereótipos das crianças negras tornam-se fonte de ações que os discriminam, os separam de outros alunos e causam sofrimento aos que são discriminados pela cor.

## 5.2 Núcleo 2

**As práticas racistas no ambiente escolar: significações dos educandos negros: as relações desiguais, o sofrimento e a naturalização do racismo.**

“Então, teve uma vez que eu fui..., sabe um penteadinho que a pessoa prende aqui e deixa o resto solto do cabelo? [...] aí uma menina chegou pra mim e me chamou de macaca.” (Odara – Aluna do 7º ano).

“Sim, já chamaram de, tipo, negro é bandido, essas coisas” (Menelik – aluno do 8º ano).

Este núcleo articula os indicadores a partir das narrativas dos alunos negros acerca do racismo cometido no interior da escola. Ao longo das entrevistas, os alunos compartilharam o sofrimento diante das ações preconceituosas e como reagem aos xingamentos discriminatórios.

Odara e Menelik acreditam que a sociedade brasileira é racista e percebem que as práticas de racismo chegaram ao espaço escolar. Diante de tamanha discriminação, na maioria das vezes, acabam se silenciando, permitindo a naturalização de quem as pratica.

Para Aguiar e Bock (2016, p.22), “[...] a educação se caracteriza como atividade não apenas social, mas também histórica”. Nessa perspectiva, a educação é um dos meios da atividade humana que permite a transformação do ser humano por meio de relações que desvelam a ele as inúmeras faces do racismo.

Segundo Cavalleiro (2017), nossa sociedade, historicamente, constrói no imaginário dos sujeitos a imagem negativa em relação ao negro e, contrariamente, a imagem do branco se constrói positivamente. Diante disso, acontecem duas situações: enquanto os negros são desvalorizados, inferiorizados e sem representações positivas à imagem deles, os brancos possuem abundância de estímulos que os valorizam, interiorizando essa imagem nos sujeitos por meio de processos socializadores.

As crianças negras, quando inseridas no espaço escolar, sofrem muita discriminação por possuírem a pele escura, cabelos crespos ou aparência física considerada fora do padrão de beleza. Quando há discriminação racial, é comum que a vítima não tome nenhuma providência. Isso pode ocorrer devido ao comportamento de indiferença introyetado nos indivíduos por nossa sociedade, fazendo com que a vítima tenha sentimento de culpa pela ação criminosa de quem a comete.

Para Gomes (2003, p.171),

[...] construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que historicamente ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros.

Desde sempre, os afro-brasileiros são forçados a entender que bonito sempre é ser branco, com traços finos e cabelos lisos. Com isso, se torna cada vez mais insuportável sobreviver numa sociedade onde não há representatividade positiva do seu grupo de pertença.

Ao longo das entrevistas, os alunos relataram que na escola já presenciaram ações racistas vindas de alunos brancos ou com o tom de pele mais clara. Menelik afirma que já foi vítima de racismo quando em sua fala diz:

**Menelik:** “Ah, tipo, nego, macaco, essas coisas.”

Esse relato reforça a ideia do quanto o racismo está arraigado na nossa sociedade, onde xingamentos e ofensas passam despercebidos ou até mesmo são vistos como brincadeiras ou comparados a *bullying* por aqueles que os cometem.

Odara, apesar de ter ingressado na Escola Verde apenas esse ano, afirma que, nas instituições anteriores, também sofreu muito com ações racistas de outros alunos. A aluna confirma que os motivos que a levaram a mudar de escola diversas vezes foram as ações discriminatórias cometidas por outros alunos conforme o relato a seguir:

**Odara:** “Em muitas escolas que eu já estive já aconteceu isso comigo também, isso me magoou demais. Eles eram racistas comigo por conta da cor da minha pele.”

Infelizmente, é comum alunos negros sofrerem com ações racistas, e os professores e gestores não se posicionarem duramente com quem as comete. Como resultado, vale o velho ditado “os incomodados que se mudem!” Esse fator é letal e pode motivar, num futuro até mesmo próximo, esse aluno, discriminado e sem visibilidade, a abandonar o espaço escolar.

De acordo com Cavalleiro (2017, p.32), ignorar ou silenciar-se diante das relações raciais constituídas no espaço escolar pode comprometer o processo em que crianças e adolescentes negros desenvolvem a formação de personalidade. O silêncio dos professores pode reforçar uma formação de personalidade de crianças e adolescentes brancos que carregam constantemente o sentimento de superioridade em relação aos negros.

Segundo o material divulgado pela UNICEF (2015), a partir de dados extraídos da PNAD (Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios – 2009), há cerca de 335.600 crianças entre 11 e 14 anos fora da escola no Brasil. Considerando o recorte racial, o número de crianças brancas nessa faixa etária fora da escola é de 117.600, enquanto de crianças negras chegam a 233.022.

Percebemos que crianças negras são as que mais abandonam a escola. Um dos principais motivos apresentados pela a UNICEF é o fracasso escolar que, conseqüentemente, reflete na repetência desses alunos. Questões como renda familiar, a insistência do trabalho infantil e o abandono escolar também são

apontados como causas de fracasso escolar pela pesquisa. Grande parte da população que vive em condições de risco e extrema pobreza é formada por negros e pardos. Sendo assim, um fator a que devemos atentar sobre a evasão e abandono escolar, especificamente negros, é a falta de visibilidade desses alunos. Quando ocorre a discriminação racial no interior da escola, muitos professores são coniventes, permitindo dessa forma que se constitua um sentimento de inferioridade desses alunos, que suportam os xingamentos ou se ausentam da escola para se livrar deles. De acordo com Bento (2017, p.130):

Crianças negras compõem, em algumas instituições, o segmento majoritário de classes especiais que abrigam aquelas diagnosticadas como “problemas”, gerando, por parte dos profissionais que cuidam delas, resistências e baixas expectativas quanto ao seu futuro.

Desse modo, entendemos que os professores que se silenciam diante das ações de discriminação racial, de algum modo, podem subjetivar a criança negra como sendo problemática, coitada e sem expectativas positivas para o futuro, desistindo dela antes mesmo de lhe dar oportunidades e visibilidade.

Odara não identifica práticas racistas direcionadas a ela na escola atual, porém relata que amigas, que já estão há mais tempo na Escola Verde, sofrem com esses ataques:

**Odara:** “uma vez que a minha amiga da escola falou que já sofreu com isso, e já aconteceu com ela e eu fiquei muito triste.”

No entanto, quando os alunos são questionados se gostam de seus cabelos crespos, mostraram ter sentimentos positivos conforme falas a seguir:

**Odara:** “Eu amo o meu cabelo, só que o meu cabelo não é liso de verdade, ele era cacheado, era tipo o seu, só que como dava muito trabalho para pentear, eu passei progressiva nele e agora ele tá liso.”

**Menelik:** “Às vezes. É! Gosto.”

O cabelo crespo, muita das vezes, é o grande alvo de discriminação racial, pois seu volume e curvatura causam estranheza. Gomes (2003) afirma que a identidade negra é uma construção social, constituída gradativamente. Entender

como essa identidade se realiza, levando em consideração a corporeidade e estética dos alunos negros é um grande desafio para os educadores. Em relação ao cabelo crespo, a autora afirma (GOMES, 2003, p.174):

Destacar a existência de uma positividade nas práticas do negro diante do cabelo, hoje, quer seja trançando, implantando ou alisando, pode ser um interessante exercício intelectual que nos afasta das análises que primam pelo olhar da introjeção do branqueamento.

Durante o período escravocrata, o Brasil recebeu cerca de quatro milhões de negros africanos. Com a tentativa de embranquecimento da população brasileira, o país acolheu mais de três milhões de imigrantes europeus para que, gradativamente, o sonho de um país constituído em sua maioria de brancos fosse uma realidade a curto prazo.

Como não houve sucesso no projeto de um país constituído em sua maioria por brancos, não é difícil analisar que a população brasileira, em sua maioria, é composta por negros e pardos. Logo se conclui que o cabelo do brasileiro, devido à mistura dos povos, raramente é um cabelo liso. Entretanto, com o esforço de acompanhar a beleza europeia, muitos produtos cosméticos vendem o sonho do cabelo liso à população. Percebemos que Odara, apesar de expressar afetos positivos ao seu cabelo crespo, faz uso de produtos para deixá-los lisos, justificando ser mais prático usá-los dessa forma.

Gomes (2003, p.171) ainda afirma que no processo de construção da identidade negra, o cabelo pode ser considerado forte ícone identitário. A identidade negra pode ser entendida aqui como sendo “uma construção social, histórica, cultural e plural.” Apesar de os negros brasileiros estarem cada vez mais orgulhosos em exibir seus cabelos crespos, ainda há muitos impasses em fazê-lo. Situações em que são alvos de deboches e vistos com marcas de inferioridade ocasionam a forçada transição ao alisamento e, dessa forma, os deixam mais próximos do ideal esperado pela sociedade. A partir disso, há uma tentativa, por parte dos negros, de se embranquecerem, com a esperança de uma aceitação na sociedade. As mulheres negras possuem maior dificuldade em assumir seus cabelos crespos, pois o cabelo considerado bonito sempre é o liso e há poucas referências de mulheres negras na mídia exaltando seus cabelos crespos.

Menelik demonstra relação positiva com o seu cabelo e se pudesse mudá-lo faria uso de tranças. Esse movimento da aceitação cultural ocorre devido às fortes

referências de representações masculinas quando o cabelo crespo está em destaque. Temos jogadores de futebol, atores, piloto de corrida, entre outras celebridades que ostentam seus cabelos crespos. Porém, é notável que esses homens negros, ao se relacionarem com mulheres, preferem as brancas, loiras de cabelo liso. Isso reflete no abandono e solidão da mulher negra. Percebemos que o sofrimento em se ter cabelo crespo é maior no gênero feminino, pois, apesar de haver avanços e representações de mulheres negras com seus cabelos naturais, ainda há muita discriminação em relação aos padrões de beleza feminina que a sociedade constitui.

Os alunos, apesar do sofrimento ocasionado pelo o racismo, ficam sem ação diante das práticas racistas. Uma mistura de dor, sofrimento e impotência os acompanham:

**Odara:** “Não cheguei a comentar com ninguém. A pessoa fazia essas coisas comigo e eu não contava por conta da pessoa se encrencar ou acontecer alguma coisa.”

**Menelik:** “Ah! Não sei como explicar. Tipo, eu só viro as costas, fico um pouco triste e vou embora. Aí depois eu fico animado de novo.”

Odara consegue expressar e relatar no espaço familiar o racismo ocorrido na escola. Já Menelik prefere guardar para si todo o sofrimento e sobreviver a ele. Assim, Cavalleiro (2017, p.33) explica:

A ausência do debate social condiciona uma visão limitada do preconceito por parte do grupo familiar, impedindo a criança de formar uma visão crítica sobre o problema.

É fundamental o não silenciamento da família neste processo, pois muitos alunos negros, vítimas de racismo, se silenciam diante das ações. O medo os condicionam a não procurar ajuda de professores ou qualquer funcionário que trabalhe na escola e isso se estende ao ambiente familiar.

Sobre a questão de reconhecer que brancos possuem mais privilégios que negros, Odara acredita que seu tom de pele a inferioriza:

**Odara:** “[...] acho que os brancos, eu acho que eles, tipo, recebem mais atenção, mais respeito. [...] é, porque como o meu pai fala, nossa cor não é muito bem-vinda.”

Para Muller e Cardoso (2017), “[...] a branquitude modela as estruturas, assim, o silêncio e a omissão têm impedido que a educação para a igualdade racial seja elemento constituinte das práticas pedagógicas”. A rejeição do negro por sua própria imagem foi constituída historicamente por sujeitos brancos com fins ideológicos e de poder. Os efeitos foram tão profundos que, até nos dias atuais, nos deparamos com pessoas negras com falas que as inferiorizam, sem ao menos entenderem a gravidade dessa reprodução negativa de si mesmo.

Menelik, quando questionado sobre acreditar no tratamento diferenciado entre brancos e negros, prontamente responde que não. Percebemos que, nesse momento, o aluno entra em contradição. Ele afirma que é constantemente vítima de racismo no espaço escolar, mas não reconhece que brancos possuem o privilégio da cor. Apesar de conseguir associar que sua cor é a principal fonte dos xingamentos, não relaciona a cor branca como fator principal que diferencia o tratamento desigual entre brancos e negros. Desse modo “[...] a identidade resulta da percepção que temos de nós mesmos, advinda da percepção que temos de como os outros nos veem” (CAVALLEIRO, 2017. p.19).

Tratando das aulas que trabalham as culturas africana e afro-brasileira, os alunos entram em contradição. Odara relata que teve pouca convivência com livros de histórias africanas e que nas aulas pouco se falava sobre a história do negro no Brasil:

**Odara:** “Não muito, mais ou menos, não tem aquela convivência com esses livros assim, mas às vezes. Na verdade, não. As professoras nunca passaram sobre isso [cultura africana].”

Menelik afirma ter convivido com histórias das culturas africana e afro-brasileira:

**Menelik:** “No ano passado, nós aprendemos bastante. Achei interessante e legal”

As contradições entre os alunos podem ter ocorrido devido ao fato de Odara ter iniciado na Escola Verde recentemente e, geralmente, os professores aproveitam o mês de novembro, quando se comemora a consciência negra, para enfatizar a cultura do negro no Brasil. Menelik, como está na escola há mais tempo, consegue

identificar melhor as práticas pedagógicas em que as culturas africana e afro-brasileira são inseridas.

É de fundamental importância que as culturas africana e afro-brasileira sejam trabalhadas nas instituições escolares, não apenas em datas comemorativas, mas durante todo o ano. O racismo ainda persiste nesse espaço tão importante para a socialização e humanização dos sujeitos. Mas, se os próprios alunos reconhecem e expressam gostar das aulas que contemplam e valorizam os negros, é porque sentem as suas culturas valorizadas.

Concluimos que os alunos negros conseguem identificar as práticas racistas sofridas no espaço escolar e que possuem dificuldades em agir diante delas. Todas essas ações causam sofrimentos, e, muitas vezes, os alunos não conseguem expressá-los e se silenciam por medo. Cabe ao professor identificar essas ações para que os alunos não se sintam sozinhos nessa luta contra o racismo.

As aulas de ensino das culturas africana e afro-brasileira são aliadas importantes para celebrar as culturas de povos diversos, não se limitando apenas à história geral, que se resume apenas aos povos europeus. Dessa forma, a escola contribuirá para que alunos negros sintam-se protagonistas da história do povo brasileiro.

### 5.3 Núcleo 3

**As práticas racistas no ambiente escolar: significações dos educandos brancos: a naturalização do racismo, a indiferença e o reconhecimento de privilégios.**

Eu acredito que exista muito. Muita gente assim tem preconceito com as pessoas negras e isso é muito errado por causa assim, nós somos iguais! A única coisa que muda é a cor. (Leopoldina).

Eu acredito (no racismo). É que também já passou no repórter já. Tipo tem um ator que teve uma filha que ela é adotada e ela é negra, e fizeram racismo contra a filha dele. (Pedro).

Este núcleo tem como objetivo mostrar as significações que alunos brancos constituem diante do racismo na sociedade e no espaço escolar. Durante as entrevistas, Leopoldina e Pedro expressam como apreendem o racismo, quais são seus sentimentos diante de ações discriminatórias e como são percebidos por eles, enquanto sujeitos brancos, os privilégios adquiridos pelo benefício da cor.

O processo de branqueamento foi uma estratégia com fins ideológicos, simbólicos e com interesses de dominação de um povo sobre o outro adotado no Brasil para que a nação, em um curto prazo, fosse predominantemente constituída por brancos. Segundo Schucman (2017), desde a época do colonialismo, os brancos são favorecidos numa estrutura que os colocam numa posição de privilégios. Com isso podemos perceber que brancos não se consideram povos racializados.

É comum quando os sujeitos, ao descreverem uma pessoa branca, atentam para as características físicas e não para a cor da pele. Raramente se diz: “aquela branca”. Contudo, quando isso ocorre com sujeitos negros, dizer “aquele negro” se torna a primeira característica a ser dita: uma fala suspeita, de trato pejorativo e carregada de agressividade.

Gomes (2002) afirma que a discriminação racial tem como objetivo principal a dominação e conquista de privilégios de um grupo sobre o outro. A autora explica que há benefícios simbólicos que fortalecem e valorizam as características dos grupos constituídos de sujeitos brancos. Para que haja a manutenção desses benefícios, há um mecanismo, denominado pela a autora de pacto narcísico. O pacto narcísico, portanto, é o termo que define esse mecanismo de autopreservação dos grupos brancos e sua permanência como grupo de referência da condição humana.

Percebemos claramente esse pacto narcísico quando notamos o forte investimento da mídia em representar modelos ideais de família, jovens, mulheres e homens. Grandes aliados de propagação desse ideal de seres humanos, os canais midiáticos, em sua maioria, usam exclusivamente um modelo branco para representar toda a nação. Todo esse movimento de violência simbólica, que afirma o ideal de beleza branca e em contrapartida atribui significados negativos ao negro e à sua cultura, traz como consequência o racismo nas suas mais diversas formas, que se propaga em todas as instituições de socialização.

A fala da aluna Leopoldina ilustra que as práticas racistas, muitas vezes, são confundidas com *bullying*:

**Leopoldina:** “[...] eu não lembro muito, mas tinha um que, tinha um monte de gente que fazia *bullying* com ele por conta que ele tinha o cabelo um pouquinho maior (pra cima, estilo *black power*).”

Como já foi mencionado no núcleo anterior, o cabelo crespo é a principal fonte de discriminação por não se enquadrar aos padrões eurocêntricos de beleza. Portanto, o cabelo crespo e a cor são os principais causadores da discriminação racial. Visivelmente, essas são as primeiras características que distinguem um negro de um branco.

Percebemos, pela fala da aluna, dificuldades em diferenciar racismo de *bullying*. Na maioria de seus relatos, quando é abordado o racismo, observamos que Leopoldina sempre generaliza as ações discriminatórias, reduzindo-as a *bullying*, xingamentos ou a brincadeiras. Já o aluno Pedro consegue distinguir a diferença entre *bullying* e racismo. No entanto, Pedro também reduz as ações racistas a simples brincadeiras:

**Pedro:** “É, no dia a dia, mas é tipo na brincadeira tipo fala: “vem cá nego”. [...] aí é tipo, na minha opinião é na brincadeira, a pessoa não se sente ofendida nessa forma.”

Podemos inferir que o aluno não percebe o quanto as práticas racistas ocorridas no interior da escola ferem e traumatizam profundamente as vítimas que sofrem com essas ações discriminatórias. Esse movimento pode ocorrer uma vez que o aluno, enquanto sujeito branco, vê, vive e reproduz o racismo.

Leopoldina, questionada sobre seus sentimentos em relação a essas ações, expressa:

**Leopoldina:** “me sentia assim, com pena da pessoa também assim, por causa que ela tinha um cabelo diferente, o nariz diferente, boca diferente, ela era... maltratada.”

Percebemos, por meio da fala da aluna, a propagação que inferioriza os negros ao ponto de serem tidos como sujeitos dignos de pena e de terem tido o azar de não possuírem os estereótipos percebidos como padrão. Esse mecanismo de *coisificar* o negro se naturaliza na fala dos brancos propositalmente, garantindo que o opressor não perca seu posto para o oprimido.

Pedro, ao ser questionado qual seria sua reação se presenciasse um aluno sendo vítima de racismo, nos explicou:

**Pedro:** “Ah, eu não ia gostar, também não ia me intrometer. Mas eu ia falar para aquela pessoa não ligar.”

Percebemos que os alunos, apesar de reconhecerem a existência do racismo na sociedade e na escola, diante das atitudes que detectam o racismo explícito, preferem não realizar intervenções. Conforme Bento (2002, p.30):

Assim, o que se observa é uma relação dialógica: por um lado, a estigmatização de um grupo como perdedor, e a omissão diante da violência que o atinge; por outro lado, um silêncio suspeito em torno do grupo que pratica a violência racial e dela se beneficia, concreta ou simbolicamente.

Consciente ou inconscientemente, o silêncio do branco causa dor e violência psicológica, entre tantos outros sofrimentos que levam muitos sujeitos negros a se conformarem que ser inferior aos brancos é uma situação comum na nossa sociedade. O sentimento de inferioridade do negro confirma o sucesso da manutenção do pacto narcísico do branco.

No ambiente familiar, Joaquina relata que há discussões sobre o racismo:

**Joaquina:** “[...] às vezes tá vendo até uma reportagem ou então tamo conversando sobre o assunto aí toca, aí a gente começa a conversar sobre o racismo. É bem chato isso.”

Já Pedro prontamente informa:

**Pedro:** “Eu converso sobre o que passou na aula”.

Notamos que, os alunos brancos pouco conversam em família sobre o racismo, tanto na sociedade quanto na escola. Isso evidencia ainda mais o silêncio do branco em relação a todo esse fenômeno que ocorreu por séculos. Diante disso, preferem o silêncio ao assumir a convivência ao racismo, em outras palavras, se “[...] silenciam e mantêm seu grupo protegido das avaliações e análises” (BENTO, 2009, p.27).

Os alunos entrevistados relatam ter tido pouca convivência com as culturas africana ou afro-brasileira. Reconhecem que as aulas que contemplam essas culturas são importantes, assim como demonstram interesse pelas aulas:

**Leopoldina:** “Aprendemos, também. E eu acho ótimo porque a gente conhece outras culturas, outras coisas sobre África, africanas, tudo.”

**Pedro:** “Ah, isso eu aprendi bem no ano passado, sobre o negócio de africano. Sobre os brancos que brigavam com os negros sobre as terras, os portugueses. Acho boas [as aulas]; eu gosto.”

Por essas falas, percebemos a grande importância da lei 10.639/03 ser incluída no currículo das escolas brasileiras, pois, por meio da obrigatoriedade do ensino africano e afro-brasileiro, professores complementam no planejamento de suas aulas a história do negro. Isso garante, nem que seja minimamente, o convívio com a cultura que não a europeia, evidenciando e valorizando outros povos que também tiveram importantes contribuições para a constituição do país.

Percebemos que Joaquina, apesar de reconhecer a existência do racismo na sociedade e na escola, assume timidamente serem os brancos privilegiados por possuírem a pele mais clara:

**Joaquina:** “Sim, eu acredito que sim [possui o privilégio da cor]. Isso que eu acho meio chato por causa, tem algumas pessoas negras também que entram em loja coisa assim, e a pessoa passa a ver a pessoa diferente e isso é chato pras pessoas também, aí o branco ele pode entrar normal, a pessoa não vai desconfiar de nada e tal, mas assim, não é por causa da cor que a pessoa pode fazer *bullying*, discriminar as pessoas.”

Pedro não acredita ter o privilégio da cor:

**Pedro:** “Não [não acredita ter privilégios por ser branco], tem que ter o mesmo direito pra mim, na minha opinião.”

Entendemos que os alunos, de alguma forma, tentam se autoprotger, assumindo ou não os privilégios. Tentam justificar e expor a opinião de que, mesmo tendo o privilégio pela cor, não acham essa atitude da sociedade correta. Segundo Bento (2009, p.26):

A falta de reflexão sobre o papel do branco nas desigualdades raciais é uma forma de reiterar persistentemente que as desigualdades raciais no Brasil constituem um problema exclusivamente do negro, pois só ele é estudado, dissecado, problematizado.

Concluimos que os alunos, apesar de acreditarem na existência do racismo na sociedade e na escola, preferem não realizar intervenções quando presenciaram práticas racistas. O sentimento que possuem em relação ao sofrimento do negro é de pena e preferem se ausentar diante das ações de discriminação racial.

O racismo não diz respeito apenas ao negro, mas trata-se de um grave problema político, social e estrutural na sociedade. Assim, os brancos devem se posicionar diante dele para o real enfrentamento do combate a toda ação que inferioriza, oprime e causa sofrimento aos negros.

A escola se torna um aliado fundamental para o exercício de cidadãos conscientes, para promover a igualdade racial, valorizar história do negro e mostrar que brancos têm sua responsabilidade na promoção da igualdade racial, desconstruindo esse sentimento de inferioridade em relação aos negros.

#### 5.4 Núcleo 4

##### **As práticas pedagógicas das professoras/educadoras: as tensões e os êxitos na implementação da lei 10.639/03.**

“[...] meus alunos inclusive têm alguns que reclamam. Por que a gente tá falando de preto? Mas de novo? Você não vai acabar com isso?”. (Bandeira).

“A lei do ensino afro né? Nas escolas. Nossa! Ela fez toda a diferença. Pode pensar antes e depois. Legitimou, né?” (Dandara).

“[...] embora eu não tenha sofrido, eu sei a dor dele. Eu sei o que a história deve, eu sei como é a nossa sociedade, eu sei como é o olhar, eu sei como não deve ser fácil.” (Isabel)

“A gente procura conversar, parar tudo, conversar para entender o porquê? Da onde vem essa atitude.” (Joaquina)

Neste núcleo destacaremos as práticas pedagógicas realizadas pelas professoras para intervir nas questões de discriminação racial no interior da escola. Nas falas, as professoras expressam as tensões diárias, informam quais são as formações realizadas para lidar com o racismo na escola e quais as dificuldades encontradas para combatê-lo. Relatam a importância da lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino das culturas africana e afro-brasileira nas instituições escolares, e como a lei é vista pela comunidade escolar.

A partir da implementação da lei 10.639/03, sobre a obrigatoriedade do ensino das culturas africana e afro-brasileira nas escolas públicas e privadas de ensino fundamental e médio no país, surgiram muitos questionamentos e tensões. Era preciso entender como professoras e professores, que não possuem formação específica nessa área, podem contribuir teórico e metodologicamente para uma educação que promova a igualdade racial.

Segundo Gomes (2012), a implementação da lei 10.639/03 teve um fator significativo na efetivação e avanço dos direitos sociais e educacionais. O movimento negro, com outros segmentos da sociedade, teve e tem papel destacado nesta luta. Os avanços obtidos são frutos dessa conquista, que ainda necessita ter sua posição evidenciada nos currículos escolares. Pode-se dizer que, a partir dessa lei, surgem muitos questionamentos relacionados à formação das professoras e professores. Antes da lei ser reconhecida, não havia a previsão de alguma formação específica e orientações para trabalhar as relações raciais em suas aulas.

Durante as entrevistas, as professoras assumem a importância da lei 10.639/03 e relatam os avanços, assim como as dificuldades encontradas em aplicá-la nas práticas pedagógicas da Escola Verde.

Dandara percebe que, quando se trata das formações cujo tema principal são as práticas pedagógicas promotoras do combate ao racismo na escola, os professores negros são os que possuem maior interesse:

**Dandara:** “Geralmente os professores negros são mais engajados, né?”

Provavelmente, isso ocorre devido à identificação do grupo em relação às diferenças raciais encontradas na escola. Por serem negros e muitos terem que enfrentar o racismo diariamente, sabem da responsabilidade social e do impacto

negativo na vida das crianças negras. Diante do racismo, os professores, ao perceberem a ação, podem ser coniventes diante de tamanha crueldade.

A professora Dandara, apesar de notar maior interesse dos professores negros em aplicar lei 10.639/03, destaca encontrar professores que, mesmo sendo negros, possuem uma postura desconfortável para abordar o racismo ocorrido no espaço escolar:

**Dandara:** “Eu tive um caso assim, de uma colega que é negra e que ela é uma que se irrita quando vai tratar esse tema, né? Ela fica irritada, que ela fala assim: “não precisa disso e tal, é vitimismo”.

Entendemos que, apesar da existência de um grupo de professores negros conscientes sobre as questões históricas que perpassam a vida do negro, desde o período escravocrata até os dias atuais, ainda existem grupos que, mesmo sendo identificados como negros, preferem o silêncio. Isso porque, no entendimento deles, falar de uma história que ocasionou tanto sofrimento é o mesmo que se vitimizar.

É interessante constatar que as significações constituídas sobre a imagem do negro na sociedade brasileira podem ser subjetivamente criadas em suas mentes para realmente acreditarem que são inferiores. Crescer ouvindo que “negro fede”, que possui maior dificuldade de aprendizado ou que é “feio”, diante de todas as etnias encontradas no país, pode se constituir em importantes condutores para que os próprios negros propaguem essas informações, naturalizando-as, sem assumir uma posição crítica sobre os efeitos dessas atribuições negativas dadas às novas gerações afro-brasileiras.

Gomes (2003) explica a importância dos negros se posicionarem, desde muito cedo, em relação às discriminações raciais. É preciso entender que ser chamada de “negrinha” nem sempre é significado de tratamento carinhoso, mas sim forte expressão de racismo.

Portanto, professores, em especial os negros, são essenciais para o combate ao racismo nas instituições escolares. Para Gomes, (2003, p.176) a importância dessa postura ser assumida por aqueles que trabalham com o ensino de crianças se dá pelo fato de que,

[...] mesmo depois de adultos, quando adquirem maturidade e consciência racial que lhes permitem superar a introjeção do preconceito, as marcas do racismo continuam povoando a sua memória.

A professora Dandara, apesar das tensões encontradas para trabalhar a lei 10.639/03 na escola, admite sua importância:

**Dandara:** “Eu achei que a lei ajudou muito.”

Isabel demonstra, em suas falas, a importância da existência de uma lei específica que garanta o ensino das culturas dos negros brasileiros e seus descendentes nas escolas. Mas afirma:

**Isabel:** “mas é horrível a gente pensar nisso, né? Tudo bem que a lei só existe porque nada disso era cumprido, né?”

Isabel, mesmo sendo autodeclarada branca, reconhece a importância das discussões realizadas na escola que enaltecem a cultura do negro. Contudo, faz críticas às discussões que consideram o tom de pele fator real para a reprodução das desigualdades raciais:

**Isabel:** “[...] eu acho que a discussão não tem que ser essa de pele clara, pele escura, eu não gosto desse tipo de discussão, eu acredito na constituição do sujeito sabe? E o que menos importa é a cor. Porque não é isso que vai me constituir como pessoa, como sujeito.”

Percebemos que, Isabel tem um bom entendimento de como as relações são constituídas pelos seres humanos. Em sua fala, ela admite os conflitos nas relações históricas entre brancos e negros:

**Isabel:** “[...] embora eu não tenha sofrido, eu sei a dor dele. Eu sei o que a história deve, eu sei como é a nossa sociedade, eu sei como é o olhar, eu sei como não deve ser fácil.”

Todavia, se contradiz quando afirma que o que menos importa é a cor. Em nosso país, a cor é determinante para classificar sujeitos como bons ou ruins. Não são brancos que são seguidos por seguranças em supermercados, não são brancos a maior população carcerária e que mais morrem por armas de fogo. Entretanto, são eles, os brancos, que ocupam os maiores cargos de liderança no mercado de

trabalho e retêm a maior riqueza do país. Brancos precisam refletir sobre sua posição de privilégio na sociedade.

O depoimento de Isabel se relaciona com a discussão realizada anteriormente sobre o privilégio da branquitude. Percebemos que o privilégio da cor branca é tão imutável que muitos brancos, por estarem nessa posição, não percebem a cor negra como sendo fonte de discriminação, de impedimentos de ascensão, entre outras restrições que atrasam o desenvolvimento da comunidade negra. Nesse sentido, Shucman (2017, p. 148) conclui:

Assim é imprescindível, para que ocorra uma sociedade mais igualitária, que as pessoas brancas se entendam racializadas e atuantes nas dinâmicas sociais e raciais, modificando seu estar no mundo e das instituições das quais fazem parte, para que toda a sociedade se altere.

Entendemos que a professora se esforça em querer trabalhar as diferenças raciais no interior da escola, mas precisa ter consciência que seu posto de privilégio e branquitude automaticamente a classifica como sujeito bem visto na sociedade. Deve ir além e se posicionar criticamente a partir do discurso que todos somos iguais e que a cor não define quem você é.

A professora Bandeira relata que, em suas aulas, quando é abordada a história do negro no Brasil, ocorrem situações como:

**Bandeira:** “eles ainda vêm com aquele ranço de que não é negro, de que ele não é preto entendeu? Né? ‘E por que a gente tá falando isso se a minha pele é marrom?’.”

Apesar de haver muitas tensões que envolvem a lei 10.639, a professora relata que a Escola Verde sempre está empenhada em desenvolver atividades que possam alcançar as diversidades raciais e o combate do racismo na escola.

Já a professora Joaquina, que não identifica ações racistas no Ensino Fundamental I, admite ser importante a conscientização e aplicação da lei para que não haja a perpetuação de atitudes racistas que possam ser ensinadas em outros ambientes de sociabilidade.

Nos momentos de formação, as professoras trazem relatos que afirmam que a Escola Verde, enquanto escola tida na região como centro de referência de cultura afro, busca sempre oferecer uma boa formação, para que os professores consigam agir prontamente diante das ações de discriminação racial. Mas afirma que há

tensões ocorridas durante esse momento, em que professores se reúnem não apenas para receber formação, mas também compartilharem suas vivências e ideias.

A Escola Verde oferece momentos de formação para os docentes no horário em que não estão em aulas, com o objetivo de concentrar o maior número de professores e promover várias reflexões sobre o papel do professor. Nas pautas, as desigualdades raciais sempre são recorrentes, porém os professores não se sentem preparados para lidar com a temática.

O processo de formação, segundo Dandara, é um momento importante para a troca de experiências. Além disso, é preciso estar atenta às novidades e atualidades que colaborem com seu trabalho:

**Dandara:** “É maravilhoso. É um espaço que a gente pode estudar, né?”

Para Novoa (2009, p. 17), “[...] não haverá nenhuma mudança significativa se a ‘comunidade dos formadores de professores’ e a ‘comunidade dos professores’ não se tornarem mais permeáveis e imbricadas.” Ou seja, para que o trabalho de formação tenha maior êxito, é necessário que formadores e professores que recebem essas formações tenham entrosamento. Assim, poderão discutir as realidades encontradas no cotidiano escolar e analisar o que já foi realizado e principais resultados.

É importante que, durante os momentos de formação, a instituição escolar tenha uma reflexão coletiva sobre seu trabalho. Isso porque cada sujeito possui competências que, quando se articulam às competências de outros sujeitos, constituem novas responsabilidades e compromissos a serem alcançados.

Dandara relata a postura de alguns colegas de trabalho quando o assunto nas formações trata das relações raciais:

**Dandara:** “muitos professores: “de novo?” A gente não precisa mais estudar sobre isso? Então a gente já sabe tudo, a gente já sabe combater, não precisa mais, não existe mais racismo, né?”

Diante dessas falas, a professora se mostra chateada por observar que professores, cujas imagens assumem importante relevância como educadores e

transformadores de realidades, terem esse tipo de opinião sobre o racismo: fenômeno tão cruel que persegue constantemente as crianças negras.

Em suas falas, Isabel também admite estranhar o comportamento de alguns professores quando o assunto é o racismo na escola:

**Isabel:** “aqui na escola é, causa algum estranhamento, colegas, às vezes, né? Com algumas frases que a gente, não só a questão de cor, mas eles associam a muitas coisas e isso me preocupa.”

Para Gomes (2012, p.102), “A força das culturas consideradas negadas e silenciadas nos currículos tende a aumentar cada vez mais nos últimos anos.” Mesmo assim, é muito frequente, em nossa sociedade, a repetição de ações que buscam invisibilizar o racismo.

Joaquina e Bandeira, sem entrar muito em detalhes, também mencionam os momentos de formação como sendo meios de preparar melhor os professores para intervir nas ações de discriminação racial no ambiente escolar. As professoras entrevistadas relatam as práticas pedagógicas que causam impacto nas reflexões diárias sobre como promover uma educação antirracista e as dificuldades encontradas:

**Bandeira:** “[...] um aluno branco feito uma folhinha de papel, nós conversando a respeito da origem do homem da África. [...] aí ele no final da conversa, ele falou assim: “o meu avô é negro”. Aquilo encorajou, talvez ele nunca dissesse que o avô dele é negro porque ele é nossa! Transparente”.

**Dandara:** “Eu falo pra eles logo no começo: “eu não aceito brincadeiras machistas, nem homofóbicas, racistas [...] isso não quer dizer que não vai acontecer, né? Mas quando acontece eu já faço a intervenção na hora mesmo”.

**Isabel:** “[...] tem várias ações que a gente faz; eu acho que isso envolve a comunidade; a gente já tem discutido há muito, muito tempo”.

**Joaquina:** “Então, a gente consegue ainda fazer rodas de conversa, algum trabalho de interação que a gente consiga trabalhar o assunto para que não deixe isso [o racismo] aumentar né?”

Compreendemos que possa haver grande esforço das professoras em promover uma educação antirracista na escola. Quando tomam conhecimento de algum conflito em que há discriminação, prontamente elas realizam intervenções.

Contudo, identificamos que algumas professoras confundem práticas racistas com *bullying*. Fica a dúvida se realmente essas intervenções são realizadas com sucesso, em sua maioria, ou se, por não serem reconhecidas, acabam se caracterizando como simples brincadeiras e deixadas de lado.

Segundo Gomes (2012, p.105), “[...] não se pode confundir esse silêncio com o desconhecimento sobre o assunto ou a sua invisibilidade”. Identificar de maneira precisa as ações racistas é fundamental para agir corretamente no combate a essas ações discriminatórias.

Em sua fala, Dandara relata a importância do aluno negro ter representações positivas de sua imagem nos materiais didáticos:

**Dandara:** “Chegaram livros afros, indígenas né? De literatura periférica, livro ilustrado com personagens negros em várias situações. Isso ajudou muito a gente né? Você lê, a própria aluna aquela negra, negro, eles se veem em outros papéis sociais.”

A professora ainda menciona que a aceitação em usar seu cabelo natural se deu por conta das alunas negras. Ao perceber que elas usavam orgulhosamente seus cabelos crespos, encontrou motivação para passar pela transição capilar da qual se descobriu crespa também:

**Dandara:** “ Foi ao contrário, não foi as alunas que ficaram inspiradas na professora; a professora se inspirou nelas. Aí eu comecei a usar meu cabelo mesmo assim natural foi aqui.”

A professora Isabel, relata emocionada, que no início de sua docência, se deparou com a fala de uma criança negra da qual nunca mais se esqueceu:

**Isabel:** “Eu acho que a maior dor que eu senti e que nunca vou esquecer é o dia que uma menina chegou, pegou no meu cabelo e falou assim: “meu sonho era ter um cabelo igual o seu”. Ouvir isso de uma criança dói demais porque traz com ela uma história, uma história que não deveria ser assim.”

O depoimento da professora se relaciona com o da aluna Odara, exposto no Núcleo 2, sobre o desejo de ter os cabelos lisos para se sentir mais próxima ao ideal de beleza eurocêntrica. Notamos o quanto esse o processo de embranquecimento está subjetivamente internalizado na mente dos sujeitos desde muito pequenos e, se

não houver intervenções para a transformação crítica dessas ideias, terá mais propagação.

A professora Bandeira expressa preocupação com os sentimentos das crianças negras:

**Bandeira:** “Eu percebo que as crianças, aquelas com o tom de pele mais escura, elas sentem um pouco retraídas por isso tá? Parece que não tem o espaço para elas, tem que se contentar. ‘Olha, contente-se com isso.’”

Segundo (Silva; Silva, 2017) o colorismo é uma maneira de discriminação baseada no tom de pele. Com o objetivo de segregar negros retintos. Quanto mais escuro o tom de pele negra, maior a discriminação e a exclusão social que os sujeitos sofrem. Podemos perceber que a professora Bandeira foi a única a observar e se preocupar com essa questão. Ou seja, a professora nota que crianças negras com o tom de pele mais escura sofrem mais discriminação racial. Em outros termos, há a percepção dessa discriminação em um grupo específico de crianças.

A Escola Verde possui o Projeto Batuque, criado em 2005 pelos próprios alunos, e todos podem participar. Segundo as professoras, o objetivo inicial do projeto era reduzir a agressividade dos alunos, ofertando um momento de cultura e evidenciando as expressões da cultura afro-brasileira no interior da escola por meio de oficinas de percussão, artesanato, ritmos entre outras.

O projeto possibilitou abertura de um espaço para a construção do conhecimento sócio-cultural, utilizando as artes de modo a minimizar o preconceito e fortalecer identidades.

Atualmente o projeto oferece oficinas de percussão, dança e artesanato, ampliando desta forma a ação da escola. No ano de 2007, através de debates dos fóruns comunitários, é identificado a necessidade de um projeto para além da discussão das relações étnico-raciais. Contudo é aprovada a participação do batuque como um projeto de ação na escola.

Em relação ao Projeto Batuque, todas as professoras, durante as entrevistas, relataram a importância de tê-lo na escola. A professora Isabel expressa muito orgulho de fazer parte do corpo docente da Escola Verde e relata:

**Isabel:** “[...] quando eu vim pra escola que eu olhei o muro e tava lá: “centro de referência de cultura afro” e aqui dá um baita orgulho, eu falava assim: “gente, esse

projeto precisa chegar no currículo da escola, esse projeto não pode ser desvinculado de todas as nossas ações.”

**Isabel:** “[...] se esse projeto não entrar no currículo da escola e a gente não passar a viver, vamos ter que pintar esse muro porque essa escola não é um centro de referência.”

Podemos concluir que os professores, apesar das insistências em tratar a temática racial e o combate do racismo no cotidiano escolar, ainda encontram muitas tensões, tanto da parte dos alunos como da parte de colegas de trabalho; portanto, ainda não estão preparados.

Descolonizar os currículos escolares tem sido um grande desafio para gestores que, sabendo da importância de evidenciar a história do negro no Brasil, se deparam com críticas que reduzem essa história à abolição, à lei Áurea e aos navios negreiros. Percebemos a importância do Projeto Batuque na escola e o empenho dos docentes na descolonização dos currículos escolares, mas, apesar dos avanços, ainda não há um trabalho sólido para a promoção da igualdade racial e cultural no espaço escolar.

## CONSIDERAÇÃO FINAL

O objetivo central desta pesquisa foi analisar as significações constituídas por professoras e alunos do Ensino Fundamental sobre o racismo no interior da escola. A partir das entrevistas realizadas de maneira individual e em dupla, foi possível refletir sobre como as relações raciais se dão e são percebidas pelos sujeitos pesquisados.

Analisando os relatos, foi possível construir uma síntese de determinantes que passaram pela família, por relações em outros ambientes, por experiência de vida e cotidiano escolar. Por meio da fala, os sujeitos expressam e trazem suas histórias, memórias e sentimentos que se constituem em significados.

No Brasil, o fenômeno do racismo ocorre no âmbito social e sua reprodução acontece de formas diferentes. Vivemos ainda a continuidade do período da escravidão, porém de modo diferenciado. Em nossa pesquisa, buscamos, especificamente, nas falas dos entrevistados, elementos a partir dos quais o racismo possa ser evidenciado. Cada vez mais é necessário tornar visível o pré-conceito e os comportamentos oriundos dele.

Problematizar o racismo causa tensões e mal-estar em muitas pessoas e nas instituições, em especial a escolar. Em grande medida esse incômodo se deve pela naturalização dos currículos, que há anos possuem uma estrutura na qual a cultura europeia é o modelo sugerido para constituir a sociedade brasileira.

O tema deste trabalho acompanha a trajetória da educação do nosso país, permitindo uma análise reflexiva de como as relações étnico-raciais se dão no ambiente escolar. O assunto é polêmico e o esperado é que possamos contribuir para que as discussões acerca desse tema propiciem rupturas que visam reformas educacionais e políticas públicas para a descolonização dos currículos escolares.

Nas entrevistas que realizamos nesta pesquisa, todos os professores e alunos admitiram que na sociedade brasileira há manifestações de racismo. Porém, quando questionados se são racistas, todos negaram.

Em um dos depoimentos, a professora Joaquina nos revela que, além do racismo do branco para o negro, acredita no racismo reverso, ou seja, do negro para o branco. A fala de Joaquina nos revelou um movimento de naturalização que é instalado na sociedade. Ou seja, há brancos que acreditam serem discriminados racialmente por negros e que negam e se silenciam diante de todo o processo

histórico da escravização que africanos e seus descendentes sofreram por séculos, deixando vestígios negativos na sociedade brasileira até os dias de hoje.

Retomamos a construção histórico-social que não reconhece a imensa dívida que o conjunto da sociedade tem para com os negros. Muitos brancos reforçam a existência do racismo ao afirmarem que no país todos possuem as mesmas oportunidades e vivem harmonicamente. Não consideram o período escravocrata que subalternizou e desumanizou os negros e que, mesmo após a abolição, não tiveram as mesmas oportunidades que os brancos para a devida ascensão social.

Encontramos nas falas, professoras que dizem que, apesar de todo esforço para trabalhar as questões raciais no ambiente escolar, ainda há muitas tensões vividas tanto pelos professores como pelos alunos. Essas tensões surgem especialmente quando são discutidas formas de combate ao racismo e ações pedagógicas que contemplem as culturas africana e afro-brasileira, conforme determina a lei 10.639/03. Identificamos nos relatos das professoras a presença de práticas racistas no interior da escola. Contudo a professora Joaquina não identifica ações racistas no Ensino Fundamental I.

Sabemos que, há pesquisas<sup>4</sup> que mostram que o racismo pode ser identificado em ações de crianças desde a primeira infância. Nas creches, crianças pequenas já conseguem se organizar e decidir com quem querem sentar, dar as mãos ou brincar. Nesses casos as crianças negras são as menos escolhidas.

Cavalleiro (1998), durante sua pesquisa de mestrado realizada em uma escola de educação infantil, constatou, nas brincadeiras durante o intervalo, um formato curioso que as próprias crianças organizavam. Nas brincadeiras, as meninas brancas representavam papéis de dona de casa, enquanto as meninas negras eram as empregadas domésticas. O mesmo pode ocorrer com as brincadeiras em que meninos brancos são os policiais e meninos negros são os ladrões. Há uma naturalização das representações sociais desde a infância. Os professores, ao não perceberem essas ações, são coniventes com elas.

Percebemos a dificuldade de algumas professoras em identificar práticas racistas entre as crianças. Muitas vezes as confundem com *bullying* ou brincadeiras.

---

<sup>4</sup> Como vimos na Introdução, Cavalleiro (1998), Munanga (2006) Oliveira (2010), Bento (2011), Rosemberg (2014), Gomes (2012), principalmente, indicam a forte presença do racismo nas instituições escolares desde a primeira infância.

“A dificuldade de lidar com o problema étnico parece dar às professoras a ilusão de que ignorar é a melhor saída” (CAVALLEIRO, 2017, p.79).

Todas as professoras entrevistadas reconhecem a importância de tratar o racismo na escola. Entretanto, há certas dificuldades por parte das docentes em realizar intervenções quando percebem que alunos negros são vítimas de racismo. Além disso, quando há a insatisfação por parte dos alunos nas aulas que tratam as relações raciais, identificamos nos relatos que as professoras se prontificam em justificar a importância da temática, porém de maneira superficial.

Pudemos constatar que o projeto Batuque tem sido a maior abertura que a escola possui para tratar as questões étnico raciais. Todas as professoras relatam que, desde que o projeto foi implantando na escola, os alunos, em especial os negros, se sentem orgulhosos da dimensão que o projeto alcança na comunidade escolar e fora dela. Ter projetos específicos que incentivam a promoção da igualdade racial nos ambientes escolares, certamente irá possibilitar um olhar especial à escola, encorajando outras instituições a trabalhar de maneira mais ativa as relações raciais.

Diante do relato de momentos de formação continuada sobre o racismo, as professoras reconhecem sua importância. Porém, descrevem falas negativas de colegas que alegam ser desnecessário abordar, durante todo o ano, temas que promovam a igualdade racial na escola.

Nossa compreensão sobre a prática pedagógica não se limita apenas em considerar as ações das professoras em sala de aula. Procuramos também compreender se há, durante os momentos de formação, conversas e questionamentos que incluem as relações raciais e o combate ao racismo na escola, para aperfeiçoar o trabalho pedagógico. Tanto a equipe gestora como os professores devem compartilhar ideias e não empurrar a responsabilidade de um para o outro.

De acordo com Dias (2012), trabalhar a diversidade étnico-racial requer do professor compromisso ético e político. Apesar de haver propostas e recomendações que direcionam o ensino obrigatório dessa temática, o professor precisa romper com alguns dizeres, se conscientizar e encorajar a comunidade docente sobre a importância em promover a valorização da cultura do negro brasileiro e o combate ao racismo.

Os alunos entrevistados reconhecem que na Escola Verde há práticas racistas cometidas, em sua maioria, no intervalo. Diante dessas ações, há uma mistura de sentimentos expressa em duas situações: as significações de quem presencia ações racistas e as de quem as sofre.

Apreendemos, durante o decorrer dos relatos de Odara e Menelik, vítimas constantes de racismo no espaço escolar, o sofrimento profundo com xingamentos, insultos e brincadeiras relacionadas, na maioria das vezes, à cor de pele negra e ao cabelo. Entendemos que, o corpo e a estética do negro são as principais fontes de sofrimento do preconceito racial. A partir do momento em que crianças já conseguem praticar a discriminação pela cor, elas estão internalizando na criança discriminada ideias subjetivas que transmitem informações negativas sobre o seu pertencimento étnico. Há, então, o reforço da ideia de que, para ser aceita nos grupos de socialização de que faça parte, deve haver a negação de suas raízes culturais. Em outras palavras, para pertencer ao grupo, a criança negra entende que deve assumir a cultura considerada padrão, ou seja, entende ser necessário ter a aparência branca.

Podemos, assim, afirmar que é a dimensão subjetiva em que se configura o preconceito racial por meio de “[...] vivências e registros individuais e coletivos que nos permitem compreender que o fenômeno social do preconceito tem uma dimensão de imagens, afetos e ideias que dão vida e corpo ao preconceito” (BOCK; GONÇALVES, 2005, p. 122). Analisamos, então, que a ideia que é internalizada sobre o negro é constituída socio-historicamente, instigando a negação de sua própria ancestralidade e recaindo nas relações sociais. Por meio de conjuntos de ideias, a imagem do negro se constitui negativamente. Os canais midiáticos são os maiores aliados da propagação negativa do negro, pois a todo o momento, somos estimulados a entender que a beleza eurocêntrica está na base hierárquica das etnias.

Diante das discriminações raciais, é fundamental que professores se atentem. Desvelar o sentimento dos alunos que sofrem com práticas racistas, por meio de diálogos e observações do cotidiano escolar, garante um melhor acolhimento e entendimento do que ocorre. Grande parte dessas atitudes e ações racistas se manifestam quando não há adultos por perto; isso confirma que quem as pratica sabe o quanto são erradas. Para que isso ocorra desse modo, a visão naturalizante diante das práticas racistas, de certa maneira, as autoriza e conseqüentemente, elas

persistem. No sentido de superação do racismo, se faz necessário reconhecê-lo como ato que se constitui como crime. É urgente conscientizar as crianças para que não propaguem uma ação que causa sofrimento, desvalorização e a baixa autoestima no outro. Nesse sentido, as falas dos alunos Leopoldina e Pedro nos mostram a ausência de interferências quando identificam ações racistas na escola. Isso reforça a ideia de que negros são sujeitos merecedores do sentimento de pena.

Mesmo os alunos brancos que afirmam que a escola é, em alguns momentos, um espaço reprodutor de racismo, descrevem, assim como as professoras, muitas vezes, as ações como sendo *bullying* ou brincadeiras que eles consideram normais.

Notamos que, as significações dos alunos brancos em relação ao racismo são limitadas. Afirmam que, no ambiente familiar, há pouca conversa sobre o assunto e seus efeitos na sociedade. Neste sentido, as instituições escolares devem buscar o enfrentamento do racismo, conscientizando as famílias. É extremamente importante essa parceria para um trabalho integrado, pois assim o racismo terá maior visibilidade, permitindo o encorajamento das crianças negras de falarem sobre o que sofrem e crianças brancas de terem maior consciência do quanto discriminar um amigo pela cor o afeta negativamente.

O racismo é problema de todos; portanto não cabe somente ao negro combatê-lo. Os brancos possuem uma função essencial, pois, a partir do momento que reconhecem o racismo como problema social, assumem os erros historicamente constituídos sobre a imagem e a cultura do negro. Mas, para que isso ocorra, temos um desafio maior: o reconhecimento dos brancos em relação às desigualdades raciais e ao privilégio da branquitude que os protege.

A escola pública, por ser uma instituição que atende mais de 73% das crianças brasileiras, possui automaticamente a maior clientela afrodescendente. Apesar de ser um espaço visível de encontro das etnias, é ainda carente para lidar com conflitos raciais. A equipe gestora e os professores devem criar estratégias que possam organizar, juntos e por meio de diálogos, propostas de intervenções que permitam as crianças negras e brancas superarem o racismo. Práticas racistas não estão somente na escola. Mas, é na escola que crianças encontram importante espaço de socialização, permitindo a constituição de valores, crenças, comportamentos e atitudes numa dada sociedade.

Foi percebido que, na Escola Verde, a lei 10.639/03 é trabalhada com seriedade, mas quem a aplica de forma efetiva são apenas os professores de

História e Artes. Diante disso, insistimos em problematizar que ainda há um certo desconforto de alguns professores em tratarem as questões raciais nas aulas. Esses professores se sentem despreparados ou contrariados e se recusam a inserir a temática no planejamento de suas aulas.

A presente pesquisa evidenciou que, muitas vezes, as ações racistas são negligenciadas no interior da escola. Muitos educadores não ajudam as crianças a se defenderem e, com isso, colaboram com as desigualdades raciais instaladas no país.

Crianças e adolescentes trazem, ao ambiente escolar, práticas racistas aprendidas por meio de outros sujeitos ou de situações vistas na televisão que reforçam a imagem negativa dos negros brasileiros. As crianças negras são as que mais sofrem com esse fenômeno que lhes causa medo e silêncio.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana. De. As relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil: alguns aportes. *In: Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais / Maria Aparecida Silva Bento, organizadora. São Paulo : Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012, p. 47-64.*

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; SOARES, Júlio Ribeiro; MACHADO, Virgínia Campos. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, n. 155, p. 56-75, 2015.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira, BOCK, Ana Mercês Bahia. Apreensão dos sentidos: a busca do método. *In: MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo; FIDALGO, Sueli Salles. (Org.). Questões de método e de linguagem na formação docente. Campinas: Mercado de Letras, 2011.*

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; BOCK, Ana Mercês Bahia (Ed.). **A dimensão subjetiva do processo educacional**: Uma leitura sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2016.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013.

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine; SANCHEZ, Livia. Os negros na legislação educacional e educação formal no Brasil. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 10, n. 2, p. 234-246, 2016.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Práticas pedagógicas para igualdade racial na educação infantil**. São Paulo: CEERT, 2011.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branquitude e Branqueamento no Brasil. *In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 25-55.*

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012.

BENTO, Maria Aparecida Silva ; FARIAS, Marcio; OCARIZ, Maria Cristina Ocariz, STIEL NETO, Augusto (orgs). **Violência e sociedade**: o racismo como estruturante da sociedade e da subjetividade do povo brasileiro. São Paulo: Escuta, 2017.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, p. 15-35, 2001.

BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marquina. Subjetividade: o sujeito e a dimensão subjetiva dos fatos. In: **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Thomson, 2005, p 107-127.

BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina (Ed.). **A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2015

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Os Herdeiros: os estudantes e a cultura**. Trad. Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Especialistas indicam formas de combate a atos de intimidação**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34487>. Acesso em: 15 nov. 2018.

BRASIL. Lei Nº 5.465, de 3 de julho de 1968. Dispõe sobre o preenchimento de vagas nos estabelecimentos de ensino agrícola. **DOFC 04 07 1968 005537 1**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/L5465.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L5465.htm). Acesso em: 15 nov. 2018.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Emendas Constitucionais de Revisão. **D.O.U.** 191-A de 05/10/1988, p.1. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 15 nov. 2018.

BRASIL. Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **D.O.** de 10/01/2003, p. 1. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm). Acesso em: 15 nov. 2018.

BRASIL. Lei Nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. **D.O.U.** de 21/07/2010, p. 1. Disponível em: [http://planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm](http://planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm). Acesso em: 15 nov. 2018.

BRUNER, Jerome S. **O processo da educação**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Atualidades Pedagógicas, v. 126. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Comissão de Direitos Humanos e Minorias**. Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/comite-brasileiro-de-direitos->

humanos-e-politica-externa/ConvIntElimTodForDiscRac.html. Acesso em: 5 nov. 2018.

CAVALCANTE, José Luiz. A Lei de Terras de 1850 e a reafirmação do poder básico do Estado sobre a terra. **Revista Histórica**, São Paulo, ano, v. 1, p. 1-7, 2005.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 1998. 230f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro; Summus, 2001.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2017.

CHAUÍ, Marilena de Sousa. **O que é ideologia**. São Paulo: Abril Cultural / Brasiliense, 1984.

DOMINGUES, Petrônio José. Negros de almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo. **Estudos afro-asiáticos**, v. 24, n. 3, 2002.

DOMINGUES, Petrônio. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930). **Diálogos Latinoamericanos**, n. 10, jan./jun., p. 116-131, 2005.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de pesquisa**, n. 116, p. 21-39, 2002.

GATTI, Bernardete; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. *In: Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática* [S.l: s.n.], 2010.

GELEDÉS- INSTITUTO DA MULHER NEGRA; Sobre o racismo e suas múltiplas manifestações. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sobre-racismo-e-suas-multiplas-manifestacoes/>. Acesso em: 5 nov. 2018.

GOMES, Nilma Lino et al. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal**, v. 10639, n. 03, 2002.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 167-182, 2003.

GOMES, Nilma Lino. A Conae, a diversidade e o novo PNE. *In: RONCA, Antonio Carlos Caruso; RAMOS, Mozart Neves Ramos (Coord.). Da Conae ao PNE, 2011-2020*. Fundação Santillana. São Paulo: Moderna, 2010, p. 193-221.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes. **Política & Sociedade**, v. 10, n. 18, p. 133-154, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão.** 2012.

HOFBAUER, Andreas. Ideologia do branqueamento - racismo à brasileira? *In: VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro, 2000, Porto. Actas do VI Congresso LusoAfroBrasileiro de Ciências Sociais. Porto, 2000. v. II. p. 7-12*

MANDELA, Nelson. **Long walk to freedom.** Hachette UK, 2013.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Igualdade e diferenças na escola como andar no fio da navalha. **Educação**, v. 29, n. 1, p. 55-64, 2006.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. *In: Seminário Internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos, 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. Anais... Bauru: USC, v.2, 10p., 2004.*

MARTINS, Telma Cezar da Silva; SILVA, Neusa Cezar. 125 anos de resistência: o processo de branqueamento na infância da criança negra, pós-lei 10.639/03. **Caminhando**, v. 18, n. 1, p. 25-42, 2013.

MÜLLER, Tânia MP; CARDOSO, Lourenço. **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil.** Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2018.

MUNANGA, Kabengele. Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas. **Sociedade e cultura**, v. 4, n. 2, 2001.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *In: Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira* [S.l: s.n.], 2004.

MUNANGA, Kabengele. Algumas considerações sobre "raça", ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. **Revista USP**, n. 68, p. 46-57, 2006.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **O que são os direitos humanos?.** Disponível em: <https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/>. Acesso em: 6 dez. 2018.

NÓVOA, António. Professores: imagens do futuro presente. Lisboa: EDUCA, 2009. **\_. O regresso dos professores. Pinhais: Editora Melo, 2011.**

OLIVEIRA, Fabiana de; ABRAMOWICZ, Anete. Infância, raça e "paparicação". *Educ. rev.*, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 209-226, ago. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982010000200010>. Acesso em: 29 out. 2018.

OLIVEN, Arabela Campos. Ações afirmativas, relações raciais e política de cotas nas universidades: Uma comparação entre os Estados Unidos e o Brasil. **Educação**, v. 30, n. 61, p. 29-51, 2007.

OXFAM BRASIL. Cálculo com base nos dados da Pnad 2015, apresentado no relatório "**A distância que nos une**: um retrato das desigualdades brasileiras". Oxfam Brasil, setembro, 2017.

PARO, Vitor Henrique. Educação para a democracia: o elemento que falta na discussão da qualidade do ensino. **Revista portuguesa de educação**, v. 13, n. 1, p. 23-38, 2000.

PIOVESAN, Flavia. Ações afirmativas da perspectiva dos direitos humanos. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 35, n. 124, p. 43-55, abr. 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742005000100004>. Acesso em: 17 nov. de 2018.

ROMÃO, Jeruse. O educador, a educação e a construção de uma auto-estima positiva no educando negro. *In*: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. 4 ed. São Paulo: Summus, 2001.

RONCA, A. Carlos Caruso; RAMOS, Mozart Neves. (Org.). **Da CONAE ao PNE 2011-2020**: Contribuição do Conselho Nacional de Educação. 1 ed, v. 1. São Paulo: Editora Moderna, 2010.

ROSEMBERG, Fúlvia. A criança pequena e o direito à creche no contexto dos debates sobre infância e relações raciais. *In*: BENTO, Maria Aparecida Silva. **Educação Infantil, igualdade racial e diversidade**: Aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: CEERT, 2011, p. 11-46.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação infantil e relações raciais: a tensão entre igualdade e diversidade. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 44, n. 153, p. 742-759, set. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742014000300013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742014000300013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 14 jun. 2018.

SANTOS, Mariléia dos. A História da educação: uma abordagem sobre a escolarização de afrobrasileiros. **Educação Online**, 2001.

SILVA E SILVA, Tainan et al. O colorismo e suas bases históricas discriminatórias. **Direito UNIFACS–Debate Virtual**, n. 201, 2017.

SOUZA, Elisabeth Fernandes de, CAVALLEIRO, Eliane dos Santos(org). **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. 4 ed. São Paulo: Selo Negro, 2001.

SOUZA, Jessé. Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira. **Tempo social**, v. 12, n. 1, p. 69-100, 2000.

SCHUCMAN, Lia. Vainer. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo"**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. 122 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

SHUCMAN, Lia Vainer ; FARIAS, Marcio; OCARIZ, Maria Cristina Ocariz, STIEL NETO, Augusto (orgs). **Violência e sociedade**: o racismo como estruturante da sociedade e da subjetividade do povo brasileiro. São Paulo: Escuta, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Educação, sujeito e história**. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

SEYFERTH, Giralda. A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos. **Anuário antropológico**, v. 93, p. 175-203, 1995.

SILVA JÚNIOR, Hédio. **Discriminação racial nas escolas**: entre a lei e as práticas sociais. Brasília: UNESCO, 2002. Disponível em: [https://www.cairu.br/biblioteca/arquivos/Direito/Discriminacao\\_racial\\_nas\\_escolas.pdf](https://www.cairu.br/biblioteca/arquivos/Direito/Discriminacao_racial_nas_escolas.pdf). Acesso em: 15 mai. 2019.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed., 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Maria Lucia da; FARIAS, Marcio; OCARIZ, Maria Cristina Ocariz, STIEL NETO, Augusto (orgs). **Violência e sociedade**: o racismo como estruturante da sociedade e da subjetividade do povo brasileiro. São Paulo: Escuta, 2017.

SOUZA, Jessé. Democracia racial e multiculturalismo: a ambivalente singularidade cultural brasileira. **Revista Estudos Afro-Asiáticos**, v. 38, p. 135-155, 2000.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SPOSATI, Aldaíza. Mapa da exclusão/inclusão social. **Consciência**, n. 36, out. 2002.

UNICEF – Para criança. O impacto do racismo na infância. Por uma infância sem racismo, 2010. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/o-impacto-do-racismo-na-infancia>. Acesso em: 15 mai. 2019.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processo psicológicos superiores. (org) Michael cole et al. Tradução José cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – Transcrição da primeira entrevista com as professoras Isabel e Dandara

Pesquisadora: Uma das primeiras perguntas que quero fazer para vocês é em relação ao racismo se vocês é.., acreditam que existe racismo no Brasil?

Isabel: Com certeza

Dandara: Sim

Isabel: Infelizmente

Dandara: Sim

Isabel: Infelizmente sim

Pesquisadora: O que faz vocês pensarem assim na questão do racismo? Vocês veem no dia a dia é...

Isabel: Pela disparidade social que já existe. É .., pelas redes sociais, pela.., pela vivência que nós temos. A nossa sociedade ela é muito racista, ela é muito preconceituosa.

Dandara: E ela se.., ela

Isabel: E ela se reveste né?

Dandara: Sim. Contanto que quando, eu não sei a experiência da Isabel, mas eu lembro da Joaquina né? Da outra coordenadora da outra escola, que eu nunca fiz "JEIFE" aqui. Que ela sempre trazia esse tema para a gente estudar na "JEIFE". E muitos professores "de novo?". O "de novo?" acha que vai sabe.., que da pra saber.., então ta tudo certo. A gente não precisa mais estudar sobre isso? Então a gente já sabe tudo, a gente já sabe combater, não precisa mais, não existe mais racismo né?

Pesquisadora: Mas assim, em relação a esses professores , quando se é dito que tem que ser trabalhado a questão racial na escola e fica "ai, de novo?", vocês percebem que há uma diferença dos professores negros e brancos quando trata disso ou é num geral, a resposta é a mesma, essa.., essa indisposição é a mesma?

Dandara: Não, geralmente os professores negros são mais né? Engajados né?

Pesquisadora: Defendem a causa.

Isabel: Com certeza.

Dandara: Eu tive um caso assim de uma colega que é negra e que ela é uma que se irrita quando vai tratar esse tema né? Laura, vinte e dois anos de magistério. Uma que assim, ela fica assim irritada, que ela fala: "não precisa disso e tal, é vitimismo" Né? Mas uma só que tem esse perfil.

Pesquisadora: Entendi. E.., vocês já observaram práticas de racismo na escola? E se sim, como foram e quais foram as atitudes de vocês em relação a essas práticas?

Isabel: Sim, principalmente com as meninas né? Na fase da adolescência que umas quando querem ofender as outras aí entra na questão de... da aparência, do cabelo e aí você ter que sentar e fazer essa mediação explicando que nós somos diferentes e que num...né? E essa mudança de olhar porque que isso...não é? E que é tão, pra gente é tão claro que não tem que existir que pra eles é um processo assim... pra conseguir compreender que não tem porque. Porquê? Não existe o por quê fazer.

Pesquisadora: Você sente assim uma.., uma melhora? Você tem quantos anos assim de..,de...

Isabel: Magistério?

Pesquisadora: Magistério

Isabel: 15 anos de magistério

Pesquisadora: 15 anos. Nesses 15 anos você sente uma evolução, uma melhora no que diz respeito ao tratamento dos alunos em relação a .., a práticas racistas?

Isabel: É por que... Anteriormente a discussão não era muito superficial. A gente não trazia essa temática e era uma.., e o preconceito, na verdade o racismo, ele era muito velado. Hoje nós estamos numa sociedade que deixou de ser enrustida, de ser velada, pra uma sociedade extremamente declarada preconceituosa.

Dandara: Eu achei que a lei ajudou muito.

Isabel: Ah sim.

Dandara: A lei do ensino afro né? Nas escolas.

Pesquisadora: A lei 10.639?

Dandara: Nossa! Ela fez toda a diferença. Pode pensar antes e depois. Legitimou né?

Alessandra: Porque a temática é exata né? Existe a temática de...

Dandara: Legitimou trazer a temática. Ah, mas ... a gente (frase incompreensível), mas tá na lei trabalhar.

Pesquisadora: É.., a partir do momento que se torna lei...

Isabel: Mas é horrível a gente pensar nisso né? tudo bem que a lei .., a lei só existe porque não.., nada disso era cumprido né? mas assim.., é.., quando eu trabalhava até com formação de professores pra discutir a questão da lei, nós fazíamos um curso que era a cor da cultura.

Pesquisadora: Aham.

Isabel: Que até tem um material do ministério da.., não lembro qual era o ministério, mas era um material muito bom que.., eu acho que era do MEC mesmo.

Dandara: Acho que era do MEC né?

Isabel: Que vinha para trabalhar a cor da cultura e a gente falava assim: "Meu Deus! Quanto ainda precisa ser trabalhado", com os professores que não dominavam até o por quê da necessidade como você colocou de fazer isso, por que não se identifica, Por que não tem argumentos, porque não tinha formação. Tinha um..,um..,um coordenador que até desenvolveu uma pesquisa de mestrado, o Lopez Pacheco que foi do currículo e.., e a gente discutia muito isso no trabalho dele que ele falava.., (pequena pausa) o quão o professor estava familiarizado ou não com a lei, ao ponto de argumentar, ao ponto de levar pra a escola essa discussão ou deixar enquanto lei isso.

Pesquisadora: Entendi. Eu tô observando a sua fala e é assim, é.., vendo sua aparência né, você aparentemente é.., é branca, não sei como você se declara é importante a gente já chegar nisso porque inicialmente eu ia fazer essa pergunta à vocês. A sua declaração Isabel, você se declara como o quê? Branca, Negra....?

Isabel:- Como branca. Branca! Mas é complicado isso porque assim, é.., é difícil quando você tá numa.., (pequena pausa) quando muita coisa deixa de ser importante. pra mim não é importante a cor da minha pele. o mais importante pra mim é o que eu acredito, são minha crenças as minhas convicções e eu não... não.., e isso não é o que me faz me constituir enquanto pessoa.

Pesquisadora: E você assim por ser branca você.., nossa pergunta como foi a questão da prática, se você observava ou observou, já teve essa prática racista em sala e como você agiu diante disso? Você acha que sua cor de alguma forma intervém nisso? os aluno é.., de alguma forma ficam...

Isabel: Eu acho que a maior dor que eu senti e que nunca vou esquecer é o dia que uma menina chegou, pegou no meu cabelo e falou assim: “meu sonho era ter um cabelo igual o seu” (emocionada) E eu nunca vou esquecer porque eu tinha acabado de .., de me formar e aí ouvir isso de uma criança dói demais porque trás com ela uma história.., uma história que não deveria ser assim. E isso acho que é.., foi a frase que.., se você me perguntar o que mais hoje.., é.., isso que me levou acho que muitas outras questões. ouvir de uma criança isso... (pequena pausa) dói demais.

Pesquisadora: Bem no início do magistério?

Isabel: É porque você vem com aquele sonho sempre de fazer o melhor aí você ouve e naquele momento, você ter que desconstruir toda essa ideia de que .., é.., o que menos importa é isso.

Pesquisadora: Você já foi questionada alguma vez por algum aluno de alguma forma fazer essas intervenções dessas práticas racistas sendo que você tem a pele clara, e porque você esta defendendo sendo que você não vive o que eles vivem?

Isabel: Não porque eu acho que a discussão não tem que ser essa pele clara e pele escura. quando.., eu não gosto desse tipo de discussão, eu acredito na constituição do sujeito sabe? e o que menos importa é a cor (pequena pausa) porque não é isso que vai me constituir como pessoa, enquanto sujeito mesmo sabe? não é isso. Então não é.., acho que a gente não tem que ficar nessa discussão se você é branca se você é negra, isso é o que menos vai importar na vida. isso não é que vai me fazer um ser humano melhor, isso não é que vai me tornar um sujeito histórico, não é isso. o que menos importa é isso.

Pesquisadora: E esse pressuposto que você parte pra...

Isabel: Mas eu sei, mas eu entendo é.., que diante, a nossa história é importante que seja discutido. Eu entendo isso, mas pra mim Isabel não.., não é o que diferencia, não é o que tem que ser discutido sabe? eu sei que existe a causa e que a gente tem que sempre..,porque não fui eu quem sofri. (pequena pausa) eu tenho consciência disso, não fui eu que sofri. eu posso ter sofrido porque era gordinha, eu posso ter sofrido por outros motivos mas eu acho que a história deve muito. Então é.., é..,é uma coisa que eu sempre me políciei enquanto educadora, é deixar que algo seja muito maior, que seja pessoa...

Pesquisadora: Você passa para os seus alunos a seguinte é.., o seguinte aprendizado: “a questão da cor da cor não é o que importa”, então você sempre trabalha essa questão de que todos são iguais, que não há diferenciação, que não tem que discriminar se um é negro e outro é branco?

Isabel: Porque existe um princípio que é muito maior que é (fala incompreensível), que é o passo que eu me coloco no lugar do outro eu sei a dor dele. embora eu não tenha sofrido eu sei a dor dele. eu sei o que a história deve, eu sei como é a nossa sociedade, eu sei como é o olhar, eu sei como não deve ser fácil. Eu imagino por isso que a (fala incompreensível) e me colocar no lugar da pessoa que sofre, a pessoa que é o meu outro e que deve ter sofrido demais. Então eu não...

Dandara: Eu acho assim, o importante é sempre a gente tá voltando né? pra pensar o preconceito. Eu lembro que o ano passado no final do ano, na formatura do Teodoro (outra escola) os alunos resolveram homenagear algumas funcionárias da escola né? (aluna entra e interrompe a entrevista)

Aluna: Onde está o professor de Artes?

Isabel: Oh meu amor, ele deve estar na sala dos professores. Ta bom? Você está bem Iracema?

Iracema: E pra buscar o presente que ele vai me dar (sorrisos)

Pesquisadora: Que graça!

Dandara: E aí eu percebi gente, ali era nítida, mas é uma coisa que nós deveríamos ter pensado nisso. os alunos resolveram homenagear uma funcionária, só que essa funcionária não foi chamada no palco para compor a mesa né? e quando a gente olhava.., e tava as outras funcionárias porque elas estão com eles desde o 1º ano até o 9º ano, conhece muito mais às vezes até do que nós professores que acompanha a vida escolar inteira do aluno.

Pesquisadora: Mas a funcionária era negra? Ela trabalhava em qual setor da escola?

Dandara: Sim, e não é só ela. Ela era... é readaptada, é agente né? (palavra incompreensível). e a maioria lá no Teodoro são de.., né? de pessoas negras. E você vê assim o pessoal lá, elas vibrando com a formatura das crianças só que elas não tinham ninguém represen.., elas não tinham nenhuma representação naquela mesa né? eu acho que até aqui também no colégio Verde a gente precisa repensar isso também né? quem é que compõem essa mesa da formatura né? Que é significativo para o aluno, que tá no dia a dia do aluno. que às vezes a gente coloca uma pessoa que é tão distante, que nem eles queriam chamar o coordenador que era novo ele só não foi porque ele teve que sair e tal.., o coordenador que era novo, estaria ali na mesa e as meninas que fazem parte.., e ficou aquela divisão, você olhava né?

Pesquisadora: Uhum

Dandara: Pra mesa, a mesa tava realmente muito branca mesmo.

Pesquisadora: Deixa eu ver se eu entendi: Então ela foi..,a.., essa funcionária ela foi homenageada pelos alunos?

Dandara: Sim, foi chamada, recebeu as flores...

Pesquisadora: porém não compôs a mesa.

Dandara: Mas não compôs a mesa gente, olha como a gente faz a casa grade senzala várias vezes sem a gente perceber. que é tudo corrido, porque a gente não tem tempo pra pensar.., mas quando você para, para olhar, (palavra incompreensível), que absurdo, ela foi homenageada, ela tinha que tá na mesa né? eles estão preocupados com o coordenador que tá chegando na escola que não tem uma história ainda com aqueles alunos..,

Isabel: Não tem um vínculo né?

Dandara: Por que ele ocupa só o cargo de coordenador ele tem que tá ali? A gente precisa repensar algumas coisas, e como você falou, na nossa prática que é correria, tudo faz a gente fazer coisas que a gente acha “não, não sou preconceituosa”.

Pesquisadora: E falando das práticas né? a Isabel relatou a forma que ela faz as intervenções quando ela percebe as práticas racistas, eu queria saber um pouco de você Dandara. Você percebe essas ações racistas por parte dos alunos em sala de aula, quando isso ocorre e qual a sua forma de fazer intervenção?

Dandara: Eu sempre chamo para conversar, explico o quanto que aquilo é.., né.., dói no outro, se ele gostaria né? faço como a Isabel tava falando pra ele tentar se colocar um pouco no lugar do outro, isso não é normal, isso não é uma brincadeira porque quando você vai questionar eles: “mas professora, eu só fiz uma brincadeira”. eu falei: “mais uma brincadeira que um só se diverte não é brincadeira, isso é sério!” Eu já começo a.., né? a fazer...

Isabel: É porque esse processo de brincadeira eles se naturaliza né? ele se reveste de uma brincadeira carregada de maldade.

Dandara: Eu falo para eles logo no começo: “eu não aceito brincadeiras machistas, nem homofóbicas, racistas...” já nos combinados. então quando eles.., isso não quer dizer que não vai acontecer né? mas quando acontece eu já faço a intervenção na hora mesmo.

Pesquisadora: Tranquilo. E já aproveitando o que eu perguntei para a Isabel como ela se auto declara, você se auto declara como?

Dandara: Negra.

Pesquisadora: Negra. e quanto tempo de magistério você tem?

Dandara: 22 anos.

Pesquisadora: Nossa! muito tempo hein?

Dandara: É verdade.

Isabel: Tá velhinha hein (risos).

Dandara: trabalhando só aqui.

Pesquisadora: Tá. A próxima pergunta eu queria fazer, em relação a se vocês reconhece atitudes preconceituosas em relação a pessoa negra na escola?

Isabel: eu acho que.., assim, é difícil falar que hoje não mais né? isso a gente não pode negar, mas eu acho que.., eu acredito na verdade que na nossa escola tem diminuído muito esse discurso né?

Dandara: Sim.

Isabel: Até por conta do trabalho, de todos os trabalhos. a professora Dandara faz um trabalho muito legal com os alunos, a gente tem experiência de saraus tem.., o projeto que é batuque.., então tem várias ações que a gente faz., eu acho que isso envolve a comunidade, a gente já tem discutido há muito muito tempo então...

Dandara: Eu acho que tem uma troca bem bacana aqui.

Isabel: Bem legal, que a gente tá descontruindo assim.

Dandara: Eu vejo que aqui que eu consegui aceitar meu cabelo, quando eu vim pra essa escola que eu via que alunas usavam cabelo. Foi ao contrário, não foi as alunas que ficaram inspiradas na professora, a professora se inspirou nelas, principalmente Odara né? do cabelo bem crespo, para cima.., eu falei: " gente! olha que.., que bacana. Que coragem até né? E aí eu comecei a usar meu cabelo mesmo assim natural foi aqui. O batuque também logo quando cheguei aqui eu entrei no batuque isso também...

Pesquisadora: Você pode falar um pouquinho sobre o Batukerê, o que que é? E se a formação é só de alunos negros ou...

Isabel e Dandara: Não.

Dandara: São todos né? todos alunos que querem...

Pesquisadora: E existe há muito tempo esse grupo?

Dandara: Sim. Já tá o quê.., uns 13,14?

Isabel: 14 anos.

Dandara: 14 anos

Isabel: 14 ou 15 anos. por isso que eu digo, discussão que começou ontem na escola e nem veio com.., em função da lei (10.639/03) veio em função de uma demanda social e que me preocupa muito. quando eu vim pra escola que eu olhei o.., muro e tava lá: "centro de referência de cultura afro", e aqui dá um baita orgulho eu falava assim: " gente, esse projeto precisa chegar no currículo da escola, esse projeto não pode ser desvinculado de todas as nossas ações", esse projeto, se for para ser desvinculado, eu falava isso porque assim, eu fiquei um ano como professora e depois

como (fala incompreensível). se esse projeto não entrar no currículo da escola e a gente não passar a viver, vamos ter que pintar esse muro por que essa escola não é um centro de referência. e eu acho que..,que aos poucos isso a gente foi.., a gente foi mudando porque teve essa questão dessa conscientização dos.., dos docentes, as temáticas, em JEIFE, as discussões realizadas.., tem muito ainda que avançar óbvio...

Pesquisadora: A JEIFE é o quê?

Isabel: É um horário que.., de reunião de professores para formação.

Pesquisadora: Uhum.

Isabel: Então é nesse momento que assim, tem momentos de estudo, momento de troca de práticas.., é um momento de Formação docente.

Pesquisadora: Legal, bacana.

Isabel: Então, é.., pena que nem todos tem uma carga, porque depende de uma carga horária do professor para poder ter esse tempo de JEIFE, ter essa..,então não são todos os professores que tem direito a isso.Olha que coisa absurda né?

Dandara: É maravilhoso (incompreensível) é um espaço que a gente pode estudar né?

Isabel: É. Porque é um momento de estudo então, independe...

Pesquisadora: Conversar entre si, compartilhar informações...

Isabel: Claro, claro, até pra poder vivenciar a escola, mas.., é.., ainda me preocupa muito isso de como é.., tem que tá no chão da escola, tem que vir pra escola não adianta tá no muro!

Pesquisadora: Legal. em sua sala de aula você percebe atitudes em que as crianças discriminam algum amiguinho pela sua cor? Se sim, pode nos falar um pouco sobre? Se isso ocorre e como ocorre?

Isabel: Eu acho que mais ali essa fase da adolescência né? porque a infância, ainda que as crianças elas sim são carregadas de um discurso que vem dos próprios pais, a gente sabe disso que logo no inicial o primeiro contato que elas têm é com a família e aí se a família, e aí se a família, querendo ou não..,por que a gente fala.., é..,a gente fala não porque eu não falo, mas o nosso discurso ele é presente na nossa sociedade é presente a questão racista né? através de termos de tantas outras coisas, a criança já vem com isso. Mas eu acho que isso tem diminuído bastante. Na adolescência vem com essa questão de comparação, de cabelo, de corpo...

Dandara: Uma coisa que ajudou muito foram os livros também do "leituraço" que chegou na escola.

Pesquisadora: Leitura?

Isabel e Dandara: Leituraço

Pesquisadora: Leituraço?

Dandara: isso. Chegaram livros afros, indígenas né? de literatura periférica, isso com desenho né de.., livro ilustrado com personagens negros em várias situações. Isso ajudou muito a gente né? você lê, a própria aluna aquele negra, negro eles se vê outros papéis né? sociais.

Isabel: Sim, porque eu fico com pena. na infância quando pega uma boneca, pelo menos quando eu era criança eu não tinha.., eu tinha uma opção de boneca: magra, loira de olhos azuis. como uma criança se identifica? uma criança negra se identifica? como a criança com com.., enfim, se a gente levar em consideração todas as diferenças, quem que vai se identificar com esse padrão, com esse modelo?

Pesquisadora: Exatamente.

Isabel: Então tem uma foto que eu tenho guardada que eu achei bem interessante, quando o Roberto fez.., a gente tem um professor que ele desenvolve uma ação com..,ele tem uma ONG ele desenvolve essa.., ações Assim como.., na periferia em algumas épocas por exemplo, no inverno de levar cobertores, na Páscoa de chocolates, dia das crianças com brinquedo e tem uma menininha que ele me mandou essa foto, a menina olhando pra caixa e ela olhava e ela perguntou para ele: “mas cadê minha boneca?” mas por quê a boneca era negra e ela achou que era um espelho, que ela tava se vendo ali na caixinha né? e eu falo: “meu Deus!”e é linda a foto porque realmente até o penteado que a mãe fez um penteado diferente era igual o da boneca.e aquilo você vê assim, a identidade da criança como ué? então até os brinquedos.., é muito então.., como você me perguntou lá no início, a nossa sociedade é racista sim, a nossa indústria é racista é.., até a questão de.., não é horrível a gente pensa nisso? nessa exclusão, até na exclusão do ter, de se perceber não tem nenhuma ligação, o que vende então é o brinquedo.., o brinquedo modelo europeu né? mas assim, eu percebo que a gente através dessas discussões, através de.., das conversas quando a gente coloca pra pensar no outro, pra se ver no outro existe essa reflexão. Não é fácil. Não é fácil, mas a gente...

Dandara: Mas a gente percebe assim, na nossa escola a gente percebe que teve um amadurecimento né? quando a gente vê.., o ano passado a Fabi e a Fê tava com terceiro ano...

Isabel: Isso.

Dandara: Que elas fizeram o dia da mulher negra.

Isabel: É, foi lindo.

Dandara: Entendeu?

Isabel: Então, não tem ações isoladas assim, mas é que existem muitas.., já existem conversas, existem muitas coisas para gente desconstruir esse senso comum, esse diálogo.

Pesquisadora: E assim, vendo que vocês têm assim.., anos de docência, teve algum episódio com algum aluno que marcou é.., de discriminação assim que foi tão forte que marcaram vocês? fez vocês pensarem ou não tiveram nem reação de tão forte que foi? lembra de algum episódio assim semelhante? Dandara também?

Dandara: Eu acho que tem, mas é complicado por que as pessoas tentam falar “mas não foi isso”. né? (risos) você quer falar mas as pessoas não “mas você tá levando pro outro lado, não foi por causa disso.” a gente vê às vezes os colegas é um.., um olhar para aquele aluno, é um jeito que tá falando daquele aluno...

Pesquisadora: não teve nenhum caso por exemplo de algum pai que veio reclamar de alguma prática que houve na escola? que o filho chegou em casa contando?

Dandara: Aqui não. No Teodoro a gente já teve, o pai chegou e foi reclamar sim. A filha dele foi discriminada, e queria né? deixa isso pra lá.

Pesquisadora: E a escola tomou quais atitudes? quais ações?

Dandara: Então, eu queria saber mas eu nem fiquei sabendo porque acha que elas deixaram mais ali pra gestão né?

Pesquisadora: Aham.

Dandara: Então eu fiquei sabendo até onde chegou isso, mas achei bacana do pai defender a filha dele, não ficar envergonhado de defender a filha.

Isabel: Vergonha quem tinha que ter é quem fez.

Dandara: É. é quem fez, mas geralmente as pessoas ficam envergonhadas.

Isabel: Agora.., aqui na escola é.., eu.., causa algum estranhamento colegas às vezes né? com algumas frases que a gente.., não só na questão de cor, mas eles associam a muitas coisas e isso me preocupa. Eu acho que...

Pesquisadora: Quais coisas assim? associação você diz a.., objetos?

Isabel: É que houve muita mudança na nossa sociedade né? eu vejo assim, professores antigamente tinha um certo padrão social diferente de alunos, não sei se a gente consegue fazer essa análise. hoje os professores moram na comunidade com os alunos. (pequena pausa) então o fato de estar ali.

Dandara: De pertencer né?

Isabel: De pertencer pra aquele lugar então, eu já trabalhei numa periferia, bem extremo de periferia, na Brasilândia quê era muito interessante assim, quando a gente falava porque era tão paralelo tudo que acontecia, parecia que a gente estava em outro mundo, a verdade é essa. E aí era você olhar aquela questão de realmente está à margem de tudo, de direito de ter uma moradia, direito de ter um saneamento básico que atrás da escola tinha um riozinho era muito difícil assim, olhar pra aquela (pequena pausa) pra tudo aquilo e cê fala assim: “ meu Deus, um mundo alheio!” sabe? e tinha um professor que morava ali então quando a gente conversava, eu gostava muito do olhar dele para tudo por que era um.., o pessoal sempre tinha um olhar assim: “ ha, mas fulano veio, o caderno está incompleto e tá tudo.., tudo não sei o quê.., não obedece...” com zilhões de coisas: “ veio para dormir na escola, estão aqui...” então tem aquela ideia assim, de que o município era uma questão muito paternalista. “a criança entra aqui e já toma lanche, a criança não sei o quê e já almoça” e aí eu falava assim: “ Poxa mas...” e de repente pode ser a única refeição que essa criança tem, então...E ele defendia muito, isso eu achava bem bacana o que era um olhar mais próximo sabe? então assim, é difícil a gente mudar essa perspectiva de olhar porque se você não conseguiu ser humano para saber a dor do outro, para poder imaginar o que aquela pessoa tá passando, você nunca, nunca, nunca vai saber o que é, você nunca vai ter a ideia do que é racismo, você nunca vai ter ideia do que isso pode levar marcas pro resto da vida de uma pessoa. então assim, independente é.., eu penso.., eu penso tanto assim porque muitas vezes a gente fala assim: “ ah, mas aquele aluno, ele vem para sala, ele não participa das atividades, ele não..,” mas de repente não tem ninguém nem por ele e ninguém dá o que não tem. eu acho que fugi muito.

Pesquisadora: Não, não tem problema algum. vocês acham importante discutir as questões étnico-raciais no espaço escolar? Se acham, por quê?

Isabel: Eu acho que isso já ficou até respondido.

Dandara: da formação mesmo né? da identidade dele né?

Pesquisadora: Aham.

Dandara: a gente sempre arruma.., a Isabel falou, a gente sempre tava ali no eurocentrismo, valorizando todo aquele padrão, o padrão de beleza, o padrão de cultura, de saber e agora a gente né? tem oportunidade de fazer né? como a gente fala descolonizar o currículo. Então é super importante para ele se sentir sujeito da história.

Isabel: Já achar que a África não é sinônimo de pobreza.

Dandara: É. tem que ser sujeito mesmo da história dele né?

Pesquisadora: Assim, em relação a cor né? a Isabel Eu percebo que ela enfatiza muito isso “ nós somos todos iguais independente da cor” mas em algum momento da sua vida você se sentiu privilegiada por ser branca? você percebe isso no ambiente escolar, diante dos alunos? eu queria que você falasse um pouco disso, se você percebe isso ou não?

Isabel: Gente! isso é tão difícil por quê eu não sei se desde criança acho que eu sempre fui algo que fugiu a padrões graças a Deus. é.., os meus melhores amigos eram negros e...(pequena pausa) nossa, o que eu levava de bronca assim da minha mãe por quê é.., estranho falar isso, mas a minha lancheira, não era porque eu era gordinha, mas a minha lancheira era muito cheia, eu fazia questão

da partilha, eu fazia questão de tá ali e eu fiquei cha..., nunca vou esquecer tem umas coisas assim que marcam né? quando você..., quando eu fiquei até sabendo da pesquisa eu falei: “meu Deus do céu! quantas coisas vão desencadeando”. na minha época de alfabetização, tinha uns alunos que iriam pro reforço e os alunos que eram liberados do reforço. e aí, o que é diretora eu lembro que fez uma reunião de pais e nessa reunião ela falou: “ai, vai ter o ciclo básico e a gente vai ter o PROFIC”, que são as crianças que vão ficar um tempo a mais na escola porque eu estudei em escola pública. Ela falou: “ai, mas a nossa televisão, a nossa televisão tá queimada era interessante que a gente fizesse até um evento pra ter TV, na na na, na nana...” foi colocando algumas coisas lá, eu sei disso porque meus pais conversaram a respeito disso em casa, e lembro que até rolou uma..., uma..., houve uma doação lá para TV, mas eu ficava muito chateada porque eu queria ta nesse momento na escola. e eu nunca..., muito pelo contrário, eu acho que eu tive uma formação muito legal.

Pesquisadora: Mas você em relação à privilégios você não percebia essa diferença?

Isabel: Nunca senti, nunca senti de verdade assim, eu nunca é..., nunca senti.

Dandara: Já você Dandara, em relação a cor, a pele mais escura você percebia diferenças de tratamento tanto assim, na sua..., na sua formação, quanto professora ou no dia a dia da escola, com os funcionários ou até mesmo com alunos?

Dandara: Sim.de eles duvidarem do seu conhecimento é muito né? eu lembro..., é muito louco.

Isabel: É louco isso. é surreal.

Dandara: É duvidar tipo assim “ esse não era o lugar que você deveria ta”, “ será que você tá sabendo mesmo o que você tá fazendo aí na frente?” né? eu tinha um aluno que chegava para mim: “ ha professora, por que você não escolheu ser uma mulata numa escola de samba?” eu falei: “ não, poderia até dançar mas isso não seria a minha profissão, seria para mim um lazer,” mas pode também ser uma profissão, mas eu sou professora de história Tô dando minha aula de Sociologia ainda no Dantas né? e os próprios alunos veio comentar comigo depois “nossa professora, que atitude racista que ele teve com a senhora né?” os próprios alunos fizeram a ligação.

Pesquisadora: Em relação aos pais? você teve algum episódio de te confundirem? ao invés de ser professora ou uma outra função subalterna?

Dandara: Não, não cheguei né? se eles notaram o que fizeram foi muito bem camuflado que eu não consegui perceber com os pais né?

Pesquisadora: Legal.

Dandara: Mas com aluno e com os colegas sim. já teve algumas situações bem desagradáveis.

Pesquisadora: Eu vou falar um pouco assim em relação à infância de vocês. Há alguma recordação da qual vocês presenciaram alguma ação racista na escola? (pequena pausa) e se vocês lembram disso vocês podem falar um pouco? Na infância de vocês há muitos anos atrás?

Dandara: Eu olhando assim por que na minha época ainda tinha aquela coisa das fileiras dos fortes, dos fracos, lembra que os professores faziam? e não fui eu, até foi minha colega que percebeu ela falou assim: “ você percebeu que só tem a gente aqui?” só tinha os alunos negros nessas fileiras dos fortes, dos fracos né, que a professora fez na classe né? e eu peguei e falei: “ não ,acho que é besteira sua” .“você já notou que a professora não beija a gente?” eu peguei e falei: “ não, não sei né” E aí depois eu vi...

Senhor entra na sala e diz: Extintores, extintores! quer que eu acompanho, eu acompanho.

Isabel sai da sala.

**APÊNDICE B – Transcrição da segunda entrevista professora Joaquina**

Pesquisadora: Você pode me informar seu nome?

Joaquina: Carlota Joaquina.

Pesquisadora: E sua formação?

Joaquina: Letras e pedagogia.

Pesquisadora: Você se auto declara de qual cor?

Joaquina: Normalmente quando eu preencho alguma coisa é branca.

Pesquisadora: E a sua idade?

Joaquina: 51

Pesquisadora: Quantos anos de docência você tem?

Joaquina: 19

Pesquisadora: Tá! Eu vou fazer algumas perguntas pra você e aí você se sinta à vontade de responder. Não vai ser uma coisa assim muito fechada, mais ou menos como um bate-papo mesmo tá? a primeira pergunta que quero fazer em relação ao racismo no Brasil se você acredita que existe racismo no Brasil?

Joaquina: Eu acho que existe. Eu acho que existe o racismo tanto do lado branco em relação ao negro quanto ao contrário também, acho que existe racismo nos dois lados.

Pesquisadora: E você já observou práticas de racismo na escola? Se sim como foram e quais foram as suas atitudes?

Joaquina: Olha, pra ser sincera assim na escola não. Aqui dentro neste ambiente não até porque assim, nós temos crianças assim de todos os tipos com todas as características a gente tem bolivianos né? a gente tem orientais, a gente tem n tipos diferentes, a gente tem professores negros, funcionários negros, então é uma mistura grande e o pessoal interage numa boa não vejo isso aqui dentro.

Pesquisadora: E você reconhece atitudes preconceituosas em relação a pessoa negra na escola? Tipo com os alunos, funcionários, comentários de pais ou até mesmo fora da escola?

Joaquina: Comigo nunca aconteceu. É o que eu falo, aqui dentro não consigo te dar nenhum exemplo, não lembro de isso ter acontecido não.

Pesquisadora: E em sua sala de aula? você percebe atitudes em que crianças discriminam algum amiguinho pela cor? Se Sim podemos falar um pouco sobre? Ou aqui na escola ou em outros lugares que você deu aula? Teve alguma atitude que foi marcante que você lembra?

Joaquina: Então, como sempre dei aula para o infantil antes eu era de EMEI né? e agora eu tô ..., venho alguns anos com 4º ano o que que a gente costuma sempre comentar dos pequenos tanto EMEI como agora até o 4º, 5º ano eu não vejo essa discriminação essa atitude racista com os pequenos é..., eles interagem super bem são todos amiguinhos. Eles brincam se eles tiverem que brigar eles vão brigar com branco, com negro, com boliviano..., eles brigam com todo mundo! eles brigam pelo motivo e depende da cor da raça, entendeu? independe do gênero, eles não brigam assim por cor não existe isso às vezes é muito mais assim comum eles brigarem tirarem sarro, ficar ..., fazendo um bullynzinho por exemplo uma criança usa óculos, ou porque é o gordinho, ou porque é muito baixinho ou por que..., sabe? por outros motivos diversos do que pela cor porque a quantidade de crianças negras é grande e eles interagem. Para eles é normal, é comum, não existe essa diferenciação entre eles eu acho eu sempre penso assim, que as crianças não têm essa maldade na

cabecinha delas, elas não vêem diferenças quando existe alguma coisa na criança eu penso que algum adulto familiar, na rua ou até pessoa desconhecida que fala sabe? às vezes é de ouvir de fora alguém ali tá plantando aquilo na cabeça da criança porque eu não consigo imaginar uma criança inocente ali tendo alguma atitude que partiu dela, que ela formatou aquilo na cabecinha dela que ela pensou sabe com grau assim de maldade em fazer um bullying, em tirar um sarro, em cutucar, em provocar uma criança por diferença de cor ou por diferença de raça. Na criança não consigo ver isso

Pesquisadora: Leciona para quais séries?

Joaquina: Já faz uns 7, 8 anos que eu dou aula para o quarto ano tem idade entre 9 e 10 anos.

Pesquisadora: Ah tá o Fund II você não dá aula?

Joaquina: Não, não o Fund II não.

Pesquisadora: Ah tá, é..., mas com as crianças você não percebe nada assim em relação a tiração de sarro por exemplo, pela questão do cabelo, pela questão do estereótipo nariz, boca. Eles não fazem nenhum tipo de...

Joaquina: Não nas minhas aulas eu nunca percebi isso é o que eu te falei ,eles como são crianças, eles interagem entre eles sem problemas. Eu acho que isso começa acontecer mais pra frente quando eles estão maiores, eles começam a ver mais, a pensar mais, já vai acumulando aquilo que eles ouvem em casa ou ouvem na rua e aí eles vão maquinando né? fica aquela coisa que eles vão desenvolvendo isso, mas nos pequenos isso não acontece. Eu tenho uma sala que 80% sei lá conta ali 70, 80% é negro né? todos brincam juntos, fazem atividades juntas, conversam, interagem ali tem o menor problema

Pesquisadora: E você assim nunca teve experiência com os maiores? Nunca deu aula?

Joaquina: Não. Então, eu sempre trabalhei com o infantil ou com fundamental I.

Pesquisadora: Ah tah, Legal.

Joaquina: Então, nessa faixa de idade a gente ainda não consegue identificar muito né? é difícil.

Pesquisadora: E você acha importante discutir as questões étnicos raciais no espaço escolar e porque?

Joaquina: Eu acho importante justamente pra isso, pra conscientizar, pra não deixar que que..,os adultos às vezes até fora da escola comecem a colocar na cabecinha dessas crianças coisas que vão transformá-las em pessoas racistas, preconceituosas. Então a gente costuma ler livros, fazer comentários de matérias de coisas que acontecem às vezes de algum jornal né? algum fato, algum acontecimento. Então a gente consegue ainda fazer rodas de conversa, algum trabalho de interação que a gente consiga trabalhar o assunto para que não deixe isso aumentar né?

E você acha que sofre menos preconceito pela questão da sua cor de pele ser mais Pesquisadora: Claro! Você Já identificou em algum momento da sua vida que você teve privilégio por ser branca? Já percebeu isso em algum momento?

Joaquina: Privilégio... privilégio não. O que é... até porque por exemplo, eu trabalho, prestei um concurso, então passei no concurso. Qualquer outra pessoa passa independente da cor..., acho que isso não diz nada, o que eu percebo tanto em relação a mim ou qualquer outra pessoa né? mais branca ainda mais eu, branca de olho azul né? aí ferrou! É...é que o pessoal assim, fala "hossa ela é branca" então já imagina assim: a branca, inteligente, tem dinheiro, que pode estudar né? aí entra a questão que eu falo para você de..., que existe tanto preconceito do branco em relação ao negro, quanto do Negro em relação ao branco porque muitas vezes o próprio negro também vê o branco de forma diferente e põe ali uma barreira, não vai querer saber que eu..., meu pai era..., tinha..., era soldado é um emprego só, minha mãe com 5 filhos lavava roupa pra fora eu estudei minha vida inteira em colégio público né? nunca estudei em colégio particular então é...eu vejo algumas diferenciações assim na forma de olhar e muitas vezes essa diferenciação que eu vejo no olhar parte

de um negro que já imagina eu ou qualquer outra pessoa branca, que com um monte de privilégios e benefícios que nem sempre todos os brancos tiveram. Eu conheço muitos negros que tiveram muito mais privilégios do que eu como branca né? e vice-versa e ao contrário também é verdadeiro né?

Pesquisadora: E na sua infância há alguma recordação da qual você presenciou alguma ação racista na escola? Se sim, pode nos contar um pouco sobre?

Pesquisadora: Não, na verdade assim não lembro, não lembro mesmo de nada que tenha acontecido. Que nem eu te falei, eu nunca estudei em colégio particular, eu sempre estudei em colégio do Estado né? sempre público, então eu também convivia com pessoas de todos os tipos né? de todas as raças então era tudo junto a gente não tinha esses problemas, criança eu falo, criança não tem essa maldade não tem esse olhar o que tem é um adulto e começa sabe? Ler, falar, ouvir, um falar, ouvir outro e começa a tirar conclusão errada.

Pesquisadora: No Brasil Costuma se relacionar a imagem da pessoa negra com falta de saúde, a preguiça e criminalidade. Qual a sua opinião sobre isso? Você acha que as crianças apesar de pequenas podem associar os negros dessa maneira?

Joaquina: Não. Criança não. Criança eu não acho que pensa assim.

Pesquisadora: E você consegue perceber se há rejeição das crianças de pele mais clara frente às crianças de pele mais escura?

Joaquina: Não. Não criança é ...

Pesquisadora: Quando vai fazer alguma atividade em grupo?

Joaquina: Não. Então, eu não tenho.., a gente não tem esses problemas aqui em sala de aula ou dentro da escola, eles se interagem super bem em todas as atividades, não tem essa distinção.

Pesquisadora: E quanto aos funcionários da escola? Você já presenciou alguma prática racista por parte deles?

Joaquina: Não. Também não. A gente também tem funcionários negros né? É.., eles tratam todo mundo igual.

Pesquisadora: Algum comentário pejorativo “aquele neguinho” enfim.

Joaquina: Não, nem comentário não.

Pesquisadora: Você já se percebeu cometendo alguma prática racista na escola? Se sim pode nos contar um pouco sobre?

Joaquina: Não, porque assim, gente eu vejo isso como uma coisa assim tão absurda tá. Vou te.., até vou te falar um exemplo familiar assim, é bem pessoal. O meu irmão é casado com uma negra, então eu tenho uma sobrinha negra linda maravilhosa, minha paixão, tem 23 anos agora tá até grávida, então assim, eu convivo, faz parte da minha família. Eu tenho muitos amigos negros, convivo, para mim não tem diferença gente se o cara é branco, preto, azul, amarelo. Eu tenho amigo japonês sabe? eu tenho amigo indiano, indiano tem uma pele diferente também né? cabelo bem preto tal, ele é bem moreno assim bem escurinho e.., gente! pra mim é a mesma coisa (risos). Não importa.

Pesquisadora: E que ações ocorrem na escola com a intenção de promover uma educação que problematize a questão étnico-racial?

Joaquina: Ó, a gente tem as reuniões em JEIFE né? e treinamento. Então, tem vários textos que a gente discute, que a gente conversa e tem o batuque que é uma ação, tem um projeto que faz de sábado aqui né? que tem um grupo de professores e um pessoal de fora que fazem oficinas também. A gente costuma fazer muita leitura, muita roda de conversa, muito livro com as crianças né? então a gente seleciona literaturas do assunto e lê e discute.., então, sempre tem alguma coisa que a gente tá falando com eles.

Pesquisadora: Legal. E de tudo assim que a gente falou agora, tem algo que não foi dito na nossa conversa que você queria nos contar?

Joaquina: Não. Não é isso que te falei.

Pesquisadora: Experiência até mesmo de fora?

Joaquina: Então, uma experiência de fora que eu falo, tenho irmão né eu te falei o irmão casado com a negra e tal ,tenho sobrinhos e tal. O que eu vejo realmente é isso, entre as crianças ainda sabe? Não tem desenvolvido ainda esse preconceito e racismo, esse bullying entre os pequenos é muito mais fácil você conversar, você conscientizar mas assim, eu realmente não sei o que que acontece que chega numa certa idade além do ponto meu! parece que eles surtam né? eles tiram coisas não sei da onde, começa a falar um monte de besteira, começam a se agredir sabe? começam a se ofender e do nada! então eu queria.., eu até.., eu gostaria de entender realmente assim, da onde parte isso que eles vêm aí fora ? porque né? quem enfia isso na cabeça desses aí.., vamos já para os adolescentes, não é as crianças menores né? tem os jovens mais para faixa etária dos seus 15, 16 anos talvez que acho que já começa a ter essa maldade, colocar essa barreira separar o A é branco ou B é preto, o branco é assim o preto é assim gente! é tudo igual.Então eu não entendo graças ..,eu falo graças a Deus, acho que eu não ia conseguir trabalhar com o Fund II né? ou com ensino médio eu acho que.., eu não saberia enfrentar esses problemas porque eu ia achar tão absurdo que eu ia acertar.., eu já ia arrumar encrenca(risos)

Pesquisadora: Tá certo.Joaquina Obrigada pela entrevista. Mais alguma coisa você gostaria de falar?

Joaquina: Não.Tranquilo

Pesquisadora: Obrigada pela colaboração tá?

### **APÊNDICE C – Transcrição da terceira entrevista com a professora Bandeira**

Pesquisadora: Professora Qual é a sua formação

Bandeira: Bacharel em ciências políticas e sociais

Pesquisadora: Ok, e qual é a disciplina que você leciona?

Bandeira: História

Pesquisadora: História? Quantos anos de docência?

Bandeira: Ai, 30 anos pra arredondar (risos)

Pesquisadora: 30 anos. Sua idade?

Bandeira: É 6.1

Pesquisadora: 61. E você se auto declara de qual cor?

Bandeira: Negra

Pesquisadora: Negra. Ok.

Pesquisadora: Vou iniciar as perguntas tá? Lembrando que assim é... Nós temos as perguntas é... Mas se você tiver necessidade de falar algo que não esteja dentro do que eu te pergunte ou um caso que você recorde e queira compartilhar, não há problema algum.

Bandeira: Ok

Pesquisadora: Primeira pergunta é se no Brasil você acredita que existe racismo?

Bandeira: Acredito não, vejo que existe uma coisa histórica né? a todo momento a gente é... presença apesar de todo o avanço que a gente já tem um pouco mais nessa discussão mas tem racismo e muito.

Infelizmente né?

Pesquisadora: Ok. E você já observou práticas de racismo na escola?E como foram? Quais foram as suas atitudes em relação a elas?

Bandeira: Já. A gente observa isso constantemente apesar de... a minha experiência na escola ter sido a maior parte na escola pública periférica, a discriminação, preconceito em relação à questão da cor é presente né? e a gente procura conversar, parar tudo conversar para entender o por quê da onde vem essa atitude.

Pesquisadora: E geralmente assim.., o que os alunos falam? Os que cometem essa prática?

Bandeira: Não né! É.., o João Grilo é assim, só sei que é assim e pronto né? como se é.., já viesse fazendo parte da cultura deles e é natural você ter uma atitude discriminatória por conta de é.., se é gordo, se é gay , se é negro enfim.., principalmente o negro né?

Pesquisadora: Você conhece atitudes preconceituosas em relação a pessoa negra na escola?

Bandeira: Sim. Com certeza é.., muito embora a gente né.., tenha um ganho, um avanço nessa questão mas ainda hoje olha aquela negrinha é.. algumas pessoas também têm a dificuldade de usar a expressão é.. uma pessoa negra é um moreninho, é mulatinho ... sabe essas denominações assim paliativas para esconder olha aquele, aquela criaturinha de tal cor.

Pesquisadora: Aí assim, em relação a isso quando a gente fala das atitudes preconceituosas no que diz respeito aos alunos, funcionários, comentários de pais ou até mesmo fora da escola ,você já presenciou algum episódio que te marcou ou que te chamou atenção?

Bandeira: Olha a gente tem essa experiência na escola diariamente é.. mas assim, tudo me chateia nesse sentido.Tudo pra mim é uma coisa assim que toma uma proporção é.., grande porque a gente é fruto de uma mistura muito grande e a gente é mestiço, a gente não é negro retinto há.., a gente não é branco que nem o dinamarquês, a gente é uma mistura legal mas isso não é compreendido, ainda existe aquela coisa do branco em cima da calçada né, coitado do mestiço com pé em cima e outro embaixo é.. e aí ele é tratado de acordo com as circunstâncias dependendo ele é até respeitado do contrário, ele é colocado na condição de subalterno... (som de carro passando na rua)Inferior né coisas do gênero.

Pesquisadora: Em sua sala de aula você percebe atitudes em que as crianças discriminam algum amiguinho pela sua cor?Se sim pode nos falar um pouco sobre?

Bandeira: Olha o ano passado a gente teve... há.., eu tive uma experiência que chamou bastante atenção né? O menino negro da sala é muito extrovertido, muito e havia alguns coleguinhas que não aceitava o fato de ele fazer intervenções mesmo que não tivesse nada a ver sabe? que ele tiver fora do contexto coisas assim mas pelo fato de ser o menino negro né? que era aquela coisa ele já era sempre assim...pelos colegas colocado... Ha, " você senta lá no fundo da sala".

Pesquisadora: Mas nunca foi explícito isso? Sempre de forma velada?

Bandeira: Não. Velada, de forma velada.

Pesquisadora: Você acha importante discutir as questões étnicos raciais no espaço escolar e porquê?

Bandeira: Nossa importantíssimo é.., a.., meus alunos inclusive tem alguns que reclamam muito pelo fato de "porque que a gente tá falando de preto?" "mas de novo?" "Não você não vai acabar com isso" olha a professora o ano passado né? o tempo inteiro mas assim, a grande maioria deles são mestiços é..são pessoas que moram em comunidade em condições ruins é.., não tem acesso a praticamente a nada saúde é.., lazer enfim mas é.., ele ainda sabe vem com aquele ranço de que ele

não é negro de que ele não é preto entendeu? “E por que a gente tem que tá falando isso se a minha pele é marrom” Como diz um aluno “a senhora não é negra a senhora é café com leite”.

Pesquisadora: Já teve um episódio assim na sala?

Bandeira: Já. Já né? o que eu caracterizei eu falei: “olha a forma do meu nariz o meu cabelo né?” Aí o menino falou: “não! Você é café com leite, você não é negra”. Então não é claro para a maior parte deles se bem assim que é.., eu tenho insistido e pouquíssimas pessoas se chateiam com o fato da gente conversar a respeito a maior parte aceita é.., quer entender melhor e eu tive até uma experiência que essa me marcou um aluno é.., branco feito uma folhinha de papel, nós conversando a respeito da origem do homem da África como se espalhou, como ocorreu as modificações é, na cor da pele, formato do nariz enfim aquela coisa toda e aí ele ao final da conversa ele falou assim: “o meu avô é negro” (pequena pausa) então ele assim..,ele.., aquilo encorajou, talvez ele nunca dissessem que o avô dele é negro porque ele é nossa.., transparente! Eu falei: “mas a questão do DNA isso se carrega” Eu falei “você pode ter um filho negro” porque seu avô como você diz é negro né? Então ainda é super importante para ele se contextualizar em entender a onde eles estão quem são eles né? da onde eles vieram né? o que eles podem fazer para contribuir que essas ações preconceituosas e discriminatórias é.., com tempo isso tem né? tem que sumir,não sei o quanto mais ir amenizando né essa questão..

Pesquisadora: E assim, na sua infância há alguma recordação da qual você presenciou alguma ação racista na escola? Se você lembra pode nos falar um pouco sobre?

Bandeira: Olha, não foi exatamente na escola que eu sofri preconceito é.., e por incrível que pareça de pessoas negras.

Pesquisadora: Mas em qual situação? Em qual lugar?

Bandeira: É.. assim, eu morava numa vilinha de casas onde tinha várias crianças e numa das residências tinha uma família de negros e havia duas garotas. Elas assim, não aceitavam a questão talvez né da..,da..,da... de elas serem negras.Então elas discriminavam sabe? as mais crianças e eu sentia isso muito forte né? de querer isolar de não.., não ter , não...assim, participação nas brincadeiras ou se houvesse essa.., a condição era de..,sabe? inferior do lago, marginalizado não era sempre na, assim, no núcleo principal eu lembro disso assim foi muito forte.

Pesquisadora: E no espaço escolar você não tem nenhuma recordação de alguma prática racista vindo de algum amiguinho, de um professor, funcionário?

Bandeira: Não olha.., não me lembro sinceramente né.., de eu..,de assim na infância ter presenciado isso.

Pesquisadora: Você com outro amiguinho?

Bandeira: Não lembro mesmo.Pode até ter ocorrido mas talvez eu não tivesse nenhum tipo de entendimento e ter passado batido né?

Pesquisadora: No Brasil costuma- se relacionar a imagem da pessoa negra com a falta de saúde, a preguiça e criminalidade. Qual a sua opinião sobre isso? Você acha que as crianças apesar de pequenas podem associar os negros dessa maneira?

Bandeira: Depende do ambiente que elas estão.Infelizmente a gente é, presenciei isso né nos meios de comunicação né nas redes sociais é.., que o negro ele é.., tem esse espaço que tem porque foi concedido não porque ele tem o direito de ou por que ele tenha competência para né? então essa, esse avanço na, nas conversas é, nas discussões a temática tá mais presente é como se é.., fosse um benefício “Olha a gente vai permitir que vocês conversem ,mas não saio muito do quadrado”. E eu percebo que as crianças é..,as mestiças, aquelas com tom de pele mais escuro, elas se sentem um pouco retraída por isso tá? parece que não tem o espaço para ela elas, tem que se contentar “olha contente-se com isso”. Né? E é aonde a gente tem que começar a esperar.

Pesquisadora: E você consegue perceber se há rejeição das crianças de pele mais clara frente as crianças que tem a pele mais escura?

Bandeira: É, aquela coisa sutil, assim aberto declarado é, a gente dificilmente talvez tenha presenciado, mas olhar no comportamento se é uma atividade que você propõe por exemplo em dupla, em grupo é.., numa brincadeira que você observa no..,no pátio né? algumas crianças isoladas né? por conta disso então é presente e é forte infelizmente né?

Pesquisadora: E quanto aos funcionários da escola, você já presenciou alguma prática racista por parte deles?

Bandeira: Já. (risos)

Pesquisadora: Quer falar um pouco?

Bandeira: Colegas (risos) "aí aquele negrinho catarrento" Sabe? É.., referências negativas "ai, é pobre!" Né? " Ah, "também olha a cor da criatura" Sabe? Observações desse tipo o que assim eu tenho vontade de voar no pescoço do.., que que tá fazendo no espaço em que você vai encontrar a maioria das crianças sabe? com esse perfil? né vai dar aula lá no Sacramento, no,(risos) Sabe? em outros lugares. infelizmente a gente observa sim tá?

Pesquisadora: Entendi.

Bandeira: Um pouco mais sutis mas outros assim sabe?

Pesquisadora: Mais agressivos.

Bandeira: Mais agressivos e assim principalmente porque na nossa escola a gente tem um projeto é.., buscando sabe? a integração desse caldeirão né? é um projeto que se fosse alguma coisa muito ruim ele não estaria presente há mais de 10 anos lá né? Tudo bem que com brigas né de faca e facões e foices mas tá lá (risos)

Pesquisadora: Você já percebeu... se percebeu cometendo alguma prática racista na escola e algum momento?

Bandeira: Não porque isso para mim é uma coisa muito cara. Eu sou brava, eu sou a professora chata que pega no.., mas é o que eu digo para eles, a pessoa que está ali ela tem que ser respeitada não importa da onde ela venha e qual a história dela.Então seria extremamente contraditório eu ta dentro de um projeto pra gente valorizar essa questão né? no sentido de contribuir né pra que práticas né? sejam é.., extintas ter qualquer tipo de atitude né pelo menos nesse sentido né.

Pesquisadora: Que ações ocorrem na escola com a intenção de promover uma educação que problematiza as questões étnico-raciais? O que a escola busca fazer?

Bandeira: Então a gente tem esse projeto é.., chamado o Batuque Erê, nasceu em 2005 por conta dos próprios alunos, sentiram uma necessidade de fazer alguma coisa em frente o que a gente tinha na época que era muita, agressividade entre eles, uma violência assim desmedida é.., também essa de racismo e .., através né, de um colega é.., foi proposto o que que a gente pode fazer né? então nasceu dessa maneira esse projeto é.., assim, por iniciativa dos alunos aonde a gente tem que conversar a respeito e fazer com que atitudes e ações, elas sejam sempre no crescente para que a gente.., pelo menos esse nosso ambiente termine essa questão. Os alunos integrantes, eles possam assimilar e levar isso para o cotidiano deles fora da escola e ir plantando sementinhas pelo mundo afora né? (risos).

Pesquisadora: Bem legal. E assim, partindo de você em algum momento nesses 30 anos de docência você já percebeu alguém é.., te olhar de forma diferenciada ou até mesmo ser confundida com cargos subalternos por você ser negra?

Bandeira: Deixa eu ver aqui, deixa eu tentar lembrar (pequena pausa). Olha, eu me lembro de me senti mal( pequena pausa) quando eu participei de um congresso acho que era congresso, seminário é em que se discutia e.., como estava sendo a questão das leis a 10.000 e a 11.000 dentro das universidades e a gente foi representando a escola pública aquela coisa toda e.., aí eu percebi que assim, existe o também uma elite negra, sabe uma galerinha que se coloca no patamar um

pouquinho mais acima e as falas, a postura é.., sim, é diferenciada e aí ele vai lá para discutir Como que tá a questão da inserção do negro dentro da sociedade de uma forma mais concreta tá? como né, a academia também está contribuindo além dos movimentos sociais, além dos movimentos populares né? De que maneira isso está ocorrendo? E aí eu me senti mal não assim, não foi questão de ser discriminada né? mas assim eu não me senti confortável pela fala, a postura, os olhares...

Pesquisadora: Não se sentiu acolhida de...

Bandeira: Não.

Pesquisadora: essa sensação de igual pra igual...

Bandeira: Não.

Pesquisadora: Que nós estamos no mesmo caminho...

Bandeira: não, não eu não senti isso né? E aí eu fiquei até chateada comentando com um colega que tava comigo, falei: "não entendi" né? E é, não foi apenas uma coisa em relação ao negro porque se discute também a questão indígena, e quase ao final do evento uma pessoa levantou e perguntou: "E o índio?"(pequena pausa) "até agora eu não ouvi falar do índio" O negro da terra né que os europeus né? colocaram então assim.., esse evento foi uma coisa que me marcou por conta disso, por perceber essa pequena Elite Negra. E assim, já tive contato com colegas que trabalham também na sabe? no dia-a-dia ali que tem essa postura mesmo sendo negro né? Tem uma... uma..,uma atitude assim um pouco.., um pouco.., sabe? é como se pra... pra falar sobre isso pra.., é.., assim, acolher as pessoas trazer mais gente pra.., pra conversa, é.., sabe? fosse.., ter que ser selecionado. Não é todo mundo né? Então aí é algum tipo de desconforto a quem é negro a quem não é negro, a quem é mestiço, a quem não sabe o que.., Enfim, uma situação meio chata né?

Pesquisadora: Entendi. e assim, de tudo que nós conversamos aqui tem alguma coisa que não foi dita que você queira compartilhar falar?

Bandeira: Olha, assim... é... esse projeto que a gente tem lá na escola é uma coisa que me deixa muito feliz eu gostaria.., to né.., em final de carreira vou sair mas eu não gostaria que morresse né e a gente vem batalhando a mais de 10 anos para que assim, o grupo né? de pessoas que estão desde gestão até o vigia, todo mundo tivesse sabe? uma assim.., uma pequena contribuição porque o fortalecimento seria maior né? a gente faz isso com dificuldade, é.., com atropelo, é.., mas é tão importante pras crianças porque assim a gente tem resultados digamos assim desses mais de 10 anos eu posso dizer se tiver 5% de coisa que não deu certo com essas pessoas eu posso até estar exagerando não é? Então, eu acho que é isso, eu acho que pequenas ações como a gente tem é.., contribuiu muito né? Pra que as pessoas possam crescer mais com auto estima melhor né? a gente encontrar mais meninas na rua né? achando-se lindas maravilhosas, os meninos também né? Não sei enfim, acho que é isso né? não sei se a gente (risos)

Pesquisadora: Tá certo olha! eu quero agradecer muito pela entrevista e a gente vai se falando por aí. sim

#### **APÊNDICE D –Transcrição da quarta entrevista com a aluna Odara**

Pesquisadora: Professora Qual é a sua formação

Bandeira: Bacharel em ciências políticas e sociais

Pesquisadora: Ok, e qual é a disciplina que você leciona?

Bandeira: História

Pesquisadora: História? Quantos anos de docência?

Bandeira: Ai, 30 anos pra arredondar (risos)

Pesquisadora: 30 anos. Sua idade?

Bandeira: É 6.1

Pesquisadora: 61. E você se auto declara de qual cor?

Bandeira: Negra

Pesquisadora: Negra. Ok.

Pesquisadora: Vou iniciar as perguntas tá? Lembrando que assim é... Nós temos as perguntas é... Mas se você tiver necessidade de falar algo que não esteja dentro do que eu te pergunte ou um caso que você recorde e queira compartilhar, não há problema algum.

Bandeira: Ok

Pesquisadora: Primeira pergunta é se no Brasil você acredita que existe racismo?

Bandeira: Acredito não, vejo que existe uma coisa histórica né? a todo momento a gente é... presença apesar de todo o avanço que a gente já tem um pouco mais nessa discussão mas tem racismo e muito. Infelizmente né?

Pesquisadora: Ok. E você já observou práticas de racismo na escola?E como foram? Quais foram as suas atitudes em relação a elas?

Bandeira: Já. A gente observa isso constantemente apesar de... a minha experiência na escola ter sido a maior parte na escola pública periférica, a discriminação, preconceito em relação à questão da cor é presente né? e a gente procura conversar, parar tudo conversar para entender o porquê da onde vem essa atitude.

Pesquisadora: E geralmente assim..., o que os alunos falam? Os que cometem essa prática?

Bandeira: Não né! É..., o João Grilo é assim, só sei que é assim e pronto né? como se é..., já viesse fazendo parte da cultura deles e é natural você ter uma atitude discriminatória por conta de é..., se é gordo, se é gay, se é negro enfim..., principalmente o negro né?

Pesquisadora: Você conhece atitudes preconceituosas em relação a pessoa negra na escola?

Bandeira: Sim. Com certeza é..., muito embora a gente né..., tenha um ganho, um avanço nessa questão mas ainda hoje olha aquela negrinha é... algumas pessoas também têm a dificuldade de usar a expressão é... uma pessoa negra é um moreninho, é mulatinho ... sabe essas denominações assim paliativas para esconder olha aquele, aquela criaturinha de tal cor.

Pesquisadora: Aí assim, em relação a isso quando a gente fala das atitudes preconceituosas no que diz respeito aos alunos, funcionários, comentários de pais ou até mesmo fora da escola, você já presenciou algum episódio que te marcou ou que te chamou atenção?

Bandeira: Olha a gente tem essa experiência na escola diariamente é... mas assim, tudo me chateia nesse sentido. Tudo pra mim é uma coisa assim que toma uma proporção é..., grande porque a gente é fruto de uma mistura muito grande e a gente é mestiço, a gente não é negro retinto há..., a gente não é branco que nem o dinamarquês, a gente é uma mistura legal mas isso não é compreendido, ainda existe aquela coisa do branco em cima da calçada né, coitado do mestiço com pé em cima e outro embaixo é... e aí ele é tratado de acordo com as circunstâncias dependendo ele é até respeitado do contrário, ele é colocado na condição de subalterno... (som de carro passando na rua) Inferior né coisas do gênero.

Pesquisadora: Em sua sala de aula você percebe atitudes em que as crianças discriminam algum amiguinho pela sua cor? Se sim pode nos falar um pouco sobre?

Bandeira: Olha o ano passado a gente teve... hã.., eu tive uma experiência que chamou bastante atenção né? O menino negro da sala é muito extrovertido, muito e havia alguns coleguinhos que não aceitava o fato de ele fazer intervenções mesmo que não tivesse nada a ver sabe? que ele tiver fora do contexto coisas assim mas pelo fato de ser o menino negro né? que era aquela coisa ele já era sempre assim...pelos colegas colocado... Ha, "você senta lá no fundo da sala".

Pesquisadora: Mas nunca foi explícito isso? Sempre de forma velada?

Bandeira: Não. Velada, de forma velada.

Pesquisadora: Você acha importante discutir as questões étnicas raciais no espaço escolar e porquê?

Bandeira: Nossa importantíssimo é.., a.., meus alunos inclusive tem alguns que reclamam muito pelo fato de "porque que a gente tá falando de preto?" "mas de novo?" "Não você não vai acabar com isso" olha a professora o ano passado né? o tempo inteiro mas assim, a grande maioria deles são mestiços é...são pessoas que moram em comunidade em condições ruins é.., não tem acesso a praticamente a nada saúde é.., lazer enfim mas é.., ele ainda sabe vem com aquele ranço de que ele não é negro de que ele não é preto entendeu? "E por que a gente tem que tá falando isso se a minha pele é marrom" Como diz um aluno "a senhora não é negra a senhora é café com leite".

Pesquisadora: Já teve um episódio assim na sala?

Bandeira: Já. Já né? o que eu caracterizei eu falei: "olha a forma do meu nariz o meu cabelo né?" Aí o menino falou: "não! Você é café com leite, você não é negra". Então não é claro para a maior parte deles se bem assim que é.., eu tenho insistido e pouquíssimas pessoas se chateiam com o fato da gente conversar a respeito a maior parte aceita é.., quer entender melhor e eu tive até uma experiência que essa me marcou um aluno é.., branco feito uma folhinha de papel, nós conversando a respeito da origem do homem da África como se espalhou, como ocorreu as modificações é, na cor da pele, formato do nariz enfim aquela coisa toda e aí ele ao final da conversa ele falou assim: "o meu avô é negro" (pequena pausa) então ele assim..,ele.., aquilo encorajou, talvez ele nunca dissessem que o avô dele é negro porque ele é nossa.., transparente! Eu falei: "mas a questão do DNA isso se carrega" Eu falei "você pode ter um filho negro" porque seu avô como você diz é negro né? Então ainda é super importante para ele se contextualizar em entender a onde eles estão quem são eles né? da onde eles vieram né? o que eles podem fazer para contribuir que essas ações preconceituosas e discriminatórias é.., com tempo isso tem né? tem que sumir,não sei o quanto mais ir amenizando né essa questão...

Pesquisadora: E assim, na sua infância há alguma recordação da qual você presenciou alguma ação racista na escola? Se você lembra pode nos falar um pouco sobre?

Bandeira: Olha, não foi exatamente na escola que eu sofri preconceito é.., e por incrível que pareça de pessoas negras.

Pesquisadora: Mas em qual situação? Em qual lugar?

Bandeira: É... assim, eu morava numa vilinha de casas onde tinha várias crianças e numa das residências tinha uma família de negros e havia duas garotas. Elas assim, não aceitavam a questão talvez né da..,da..,da..., de elas serem negras.Então elas discriminavam sabe? as mais crianças e eu sentia isso muito forte né? de querer isolar de não.., não ter , não...assim, participação nas brincadeiras ou se houvesse essa.., a condição era de..,sabe? inferior do lago, marginalizado não era sempre na, assim, no núcleo principal eu lembro disso assim foi muito forte.

Pesquisadora: E no espaço escolar você não tem nenhuma recordação de alguma prática racista vindo de algum amiguinho, de um professor, funcionário?

Bandeira: Não olha.., não me lembro sinceramente né.., de eu..,de assim na infância ter presenciado isso.

Pesquisadora: Você com outro amiguinho?

Bandeira: Não lembro mesmo. Pode até ter ocorrido mas talvez eu não tivesse nenhum tipo de entendimento e ter passado batido né?

Pesquisadora: No Brasil costuma-se relacionar a imagem da pessoa negra com a falta de saúde, a preguiça e criminalidade. Qual a sua opinião sobre isso? Você acha que as crianças apesar de pequenas podem associar os negros dessa maneira?

Bandeira: Depende do ambiente que elas estão. Infelizmente a gente é, presenciei isso né nos meios de comunicação né nas redes sociais é.., que o negro ele é.., tem esse espaço que tem porque foi concedido não porque ele tem o direito de ou por que ele tenha competência para né? então essa, esse avanço na, nas conversas é, nas discussões a temática tá mais presente é como se é.., fosse um benefício "Olha a gente vai permitir que vocês conversem ,mas não saio muito do quadrado". E eu percebo que as crianças é..as mestiças, aquelas com tom de pele mais escuro, elas se sentem um pouco retraída por isso tá? parece que não tem o espaço para ela elas, tem que se contentar "olha contente-se com isso". Né? E é aonde a gente tem que começar a esperar.

Pesquisadora: E você consegue perceber se há rejeição das crianças de pele mais clara frente as crianças que tem a pele mais escura?

Bandeira: É, aquela coisa sutil, assim aberto declarado é, a gente dificilmente talvez tenha presenciado, mas olhar no comportamento se é uma atividade que você propõe por exemplo em dupla, em grupo é.., numa brincadeira que você observa no..,no pátio né? algumas crianças isoladas né? por conta disso então é presente e é forte infelizmente né?

Pesquisadora: E quanto aos funcionários da escola, você já presenciou alguma prática racista por parte deles?

Bandeira: Já. (risos)

Pesquisadora: Quer falar um pouco?

Bandeira: Colegas (risos) "aí aquele negrinho catarrento" Sabe? É.., referências negativas "ai, é pobre!" Né? " Ah, "também olha a cor da criatura" Sabe? Observações desse tipo o que assim eu tenho vontade de voar no pescoço do.., que que tá fazendo no espaço em que você vai encontrar a maioria das crianças sabe? com esse perfil? né vai dar aula lá no Sacramento, no,(risos) Sabe? em outros lugares. infelizmente a gente observa sim tá?

Pesquisadora: Entendi.

Bandeira: Um pouco mais sutis mas outros assim sabe?

Pesquisadora: Mais agressivos.

Bandeira: Mais agressivos e assim principalmente porque na nossa escola a gente tem um projeto é.., buscando sabe? a integração desse caldeirão né? é um projeto que se fosse alguma coisa muito ruim ele não estaria presente há mais de 10 anos lá né? Tudo bem que com brigas né de faca e facões e foices mas tá lá (risos)

Pesquisadora: Você já percebeu... se percebeu cometendo alguma prática racista na escola e algum momento?

Bandeira: Não porque isso para mim é uma coisa muito cara. Eu sou brava, eu sou a professora chata que pega no.., mas é o que eu digo para eles, a pessoa que está ali ela tem que ser respeitada não importa da onde ela venha e qual a história dela. Então seria extremamente contraditório eu ta dentro de um projeto pra gente valorizar essa questão né? no sentido de contribuir né pra que práticas né? sejam é.., extintas ter qualquer tipo de atitude né pelo menos nesse sentido né.

Pesquisadora: Que ações ocorrem na escola com a intenção de promover uma educação que problematiza as questões étnico-raciais? O que a escola busca fazer?

Bandeira: Então a gente tem esse projeto é.., chamado o Batuque Erê, nasceu em 2005 por conta dos próprios alunos, sentiram uma necessidade de fazer alguma coisa em frente o que a gente tinha na época que era muita, agressividade entre eles, uma violência assim desmedida é.., também essa de racismo e .., através né, de um colega é.., foi proposto o que que a gente pode fazer né? então nasceu dessa maneira esse projeto é.., assim, por iniciativa dos alunos aonde a gente tem que conversar a respeito e fazer com que atitudes e ações, elas sejam sempre no crescente para que a gente.., pelo menos esse nosso ambiente termine essa questão. Os alunos integrantes, eles possam assimilar e levar isso para o cotidiano deles fora da escola e ir plantando sementinhas pelo mundo afora né? (risos).

Pesquisadora: Bem legal. E assim, partindo de você em algum momento nesses 30 anos de docência você já percebeu alguém é.., te olhar de forma diferenciada ou até mesmo ser confundida com cargos subalternos por você ser negra?

Bandeira: Deixa eu ver aqui, deixa eu tentar lembrar (pequena pausa). Olha, eu me lembro de me senti mal( pequena pausa) quando eu participei de um congresso acho que era congresso, seminário é em que se discutia e.., como estava sendo a questão das leis a 10.000 e a 11.000 dentro das universidades e a gente foi representando a escola pública aquela coisa toda e.., aí eu percebi que assim, existe o também uma elite negra, sabe uma galerinha que se coloca no patamar um pouquinho mais acima e as falas, a postura é.., sim, é diferenciada e aí ele vai lá para discutir Como que tá a questão da inserção do negro dentro da sociedade de uma forma mais concreta tá? como né, a academia também está contribuindo além dos movimentos sociais, além dos movimentos populares né? De que maneira isso está ocorrendo? E aí eu me senti mal não assim, não foi questão de ser discriminada né? mas assim eu não me senti confortável pela fala, a postura, os olhares...

Pesquisadora: Não se sentiu acolhida de...

Bandeira: Não.

Pesquisadora: essa sensação de igual pra igual...

Bandeira: Não.

Pesquisadora: Que nós estamos no mesmo caminho...

Bandeira: não, não eu não senti isso né? E aí eu fiquei até chateada comentando com um colega que tava comigo, falei: "não entendi" né? E é, não foi apenas uma coisa em relação ao negro porque se discute também a questão indígena, e quase ao final do evento uma pessoa levantou e perguntou: "E o índio?"(pequena pausa) "até agora eu não ouvi falar do índio" O negro da terra né que os europeus né? colocaram então assim.., esse evento foi uma coisa que me marcou por conta disso, por perceber essa pequena Elite Negra. E assim, já tive contato com colegas que trabalham também na sabe? no dia-a-dia ali que tem essa postura mesmo sendo negro né? Tem uma... uma..,uma atitude assim um pouco.., um pouco.., sabe? é como se pra... pra falar sobre isso pra.., é.., assim, acolher as pessoas trazer mais gente pra.., pra conversa, é.., sabe? fosse.., ter que ser selecionado. Não é todo mundo né? Então aí é algum tipo de desconforto a quem é negro a quem não é negro, a quem é mestiço, a quem não sabe o que.., Enfim, uma situação meio chata né?

Pesquisadora: Entendi. e assim, de tudo que nós conversamos aqui tem alguma coisa que não foi dita que você queira compartilhar falar?

Bandeira: Olha, assim... é.. esse projeto que a gente tem lá na escola é uma coisa que me deixa muito feliz eu gostaria.., to né.., em final de carreira vou sair mas eu não gostaria que morresse né e a gente vem batalhando a mais de 10 anos para que assim, o grupo né? de pessoas que estão desde gestão até o vigia, todo mundo tivesse sabe? uma assim.., uma pequena contribuição porque o fortalecimento seria maior né? a gente faz isso com dificuldade, é.., com atropelo, é.., mas é tão importante pras crianças porque assim a gente tem resultados digamos assim desses mais de 10 anos eu posso dizer se tiver 5% de coisa que não deu certo com essas pessoas eu posso até estar exagerando não é? Então, eu acho que é isso, eu acho que pequenas ações como a gente tem é.., contribuiu muito né? Pra que as pessoas possam crescer mais com auto estima melhor né? a gente

encontrar mais meninas na rua né? achando-se lindas maravilhosas, os meninos também né? Não sei enfim, acho que é isso né? não sei se a gente (risos)

Pesquisadora: Tá certo olha! eu quero agradecer muito pela entrevista e a gente vai se falando por aí. sim

#### **APÊNDICE E –Transcrição da quinta entrevista com a aluna Leopoldina**

Pesquisadora: Minha primeira pergunta pra você Leopoldina é se você acredita que existe racismo no Brasil?

Leopoldina: Eu acredito que exista muito por causa que é assim, muita gente assim, tem preconceito com as pessoas negras e isso é muito errado por causa assim, é.., nós somos iguais! A única coisa que muda é a cor mas no.., só por causa disso uma pessoa não pode ir xingar a outra e fazer bullying.

Pesquisadora: Uhum. E assim, na escola você consegue identificar ações é.., práticas racistas com os amigos entre tantos os alunos ou funcionários com comentários que você percebe “oh, esse comentário não foi legal”?

Leopoldina: Então, é.., pelo que vivenciei é.., eu nunca escutei assim alguém xingando, maltratando.

Pesquisadora: Uhum.

Leopoldina: Mas eu já ouvi falar e tal e perto de mim eu nunca ouvi ninguém xingando. Às vezes falando assim brincando, mas nada para maltratar, xingar mesmo.

Pesquisadora: Há, nenhum xingamento que você conseguiu identificar que foi um xingamento racista?

Leopoldina: Isso.

Pesquisadora: Mais voltado pro bullying então no caso?

Leopoldina: Isso.

Pesquisadora: Entendi. E aqui você gosta de estudar? Você falou que esta desde do 1º ano né?

Leopoldina: Isso. Exatamente.

Pesquisadora: Você é feliz na escola?

Leopoldina: Sim.

Pesquisadores: Gosta dos professores?

Leopoldina: Sim. Eu estava numa antiga sala que lá tinha muito bullying também. Isso eu identifique bastante na antiga sala que eu tinha.., que eu tava tinha muito bullying e por conta disso eu não conseguia estudar direito, tinha muita bagunça e eu consegui me mudar e agora tô mais tranquila pra estudar.

Pesquisadora: Sim. E praticavam bullying com você em especial ou você identificava bullying com outros amiguinhos e isso te deixava de alguma forma desconfortável?

Leopoldina: Eu identificava com outras pessoas, mas comigo nunca fizeram.

Pesquisadora: E você se sentia como quando isso acontecia?

Leopoldina: Há, sentia chateada assim né? Por causa .., a pessoa fazer bullying com a outra isso é muito errado.

Pesquisadora: Entendi. E você tem muitos amigos aqui na escola?

Leopoldina: Sim.

Pesquisadora: Tem mais amizade com meninos, meninas ou misturado?

Leopoldina: É! Meninas, meninos, tenho bastante amizades.

Pesquisadora: E olhando pra você aparentemente você é branca né?

Leopoldina: Isso.

Pesquisadora: Você auto se declara como?

Leopoldina: Branca.

Pesquisadora: Como sendo branca?

Leopoldina: Isso.

Pesquisadora: Legal. E... é...eu comentei com você né? se você já identificou na escola algum..., alguma ação racista de algum amiguinho ? Você já identificou na escola algum apelido, tanto no recreio ou até mesmo em sala de aula?

Leopoldina: Apelidos eu já identifiquei bastante.

Pesquisadora: Quais tipos?

Leopoldina: Ah, por conta que um é.., tinha o cabelo grande era apelido, o outro era é.., como eu posso dizer? (pequena pausa) um até que era mais forte , vamos dizer assim. Era apelido por conta que um era mais magro, era apelido, por conta de algumas.., até nome virava apelido.

Pesquisadora: Mas você percebia se alguns tipos de apelidos, referente ao cabelo, referente à boca, ao nariz por ser diferente?

Leopoldina: Identificava também.

Pesquisadora: Uhum. Você não lembra mais ou menos como que as crianças apelidavam?

Leopoldina: Então...(pequena pausa) eu não lembro muito, mas tinha um que, tinha um monte de gente que é.., fazia bullying com ele por conta que ele tinha o cabelo um pouquinho maior.

Pesquisadora: Pra cima no caso?

Leopoldina :Uhum.

Pesquisadora: Ta. Só um minutinho , que eu vou ver aqui ( barulho de folhas de caderno). Hum, tah. E quando você percebia esse tipo de ação racista, tiração de sarro, ora pelo cabelo ou por outras coisas, como você se sentia frente a isso? Presenciando essas ações?

Leopoldina: Me sentia assim, é.., com pena da pessoa também assim, por causa que ela tinha um cabelo diferente, o nariz diferente, boca diferente, ela era, ela.., conhecido maltratada. Isso é chateável entendeu? Por causa que as pessoas que fazem bullying com a outra, ela não põem no lugar da outra. Ela não se põem no lugar.

Pesquisadora: E você percebia alguma ação do professor quando isso acontecia? Quando isso ocorre é mais em sala de aula? Mais quando não tem adulto por perto?

Leopoldina: Isso acontecia quando não tinha adulto por perto ou então em sala de aula mesmo, mas aí os professores tomavam providencias.

Pesquisadora: Pra poder de alguma forma cessar né?

Leopoldina: Isso.

Pesquisadora: E artistas de televisão quais você gosta mais assim? Você tem uma paixão ou vê tanto de novela ou até mesmo artista musical, você geralmente é fã?

Leopoldina: Não, eu só.., eu gosto de várias .., é.., atriz, cantor, mas eu não tenho um assim enfim, que eu mais gosto.

Pesquisadora: Que musicas você curte?

Leopoldina: Eu gosto mais assim de músicas eletrônicas, músicas puxado pro rock, músicas é, um pouco antigas também, gosto bastante.

Pesquisadora: E assim artista assim favorito você não tem nenhum?

Leopoldina: Não, no entanto não tenho não.

Pesquisadora: Legal. É...você assim, em algum momento da sua vida você já pegou um livro com personagens negros ou com histórias africanas?

Leopoldina: Já. Já peguei com histórias africanas.

Pesquisadora: E foi aonde essa experiência?

Leopoldina: Em sala de leitura

Pesquisadora: Aqui na escola mesmo?

Leopoldina: Isso.

Pesquisadora: Legal. E já ouviu alguma história, mito ou lenda africana?

Leopoldina: Acho que se eu ouvi foi quando eu era mais pequenininha. Aí eu ouvia bastante na sala de leitura.

Pesquisadora: Uhum. Durante as aulas você aprende algo sobre a África ou cultura afro-brasileira? E se sim o que você acha dessas aulas?

Leopoldina: Aprendemos também e eu acho isso ótimo porque a gente conhece outras culturas, outras coisas sobre a África, africanas, tudo.

Pesquisadora: Uhum. E na sua família vocês costumam conversar sobre racismo, às vezes vocês veem na televisão alguma notícia que alguma pessoa foi discriminada pela cor ou até mesmo no cotidiano? Vocês costumam conversar?

Leopoldina: Costuma, costuma é.., as vezes tá vendo até uma reportagem é.., ou então tamo conversando sobre o assunto aí toca, aí a gente começa a conversar sobre o racismo. É bem chato isso.

Pesquisadora: Uhum. E você já presenciou algum amigo.., isso aqui acho que eu já perguntei né? Sofrendo racismo na escola eu já perguntei. Quando tem atividades em dupla, qual amigo você costuma chamar para participar com você? Você tem costume de chamar sempre as mesmas pessoas ou você tem uma facilidade pra ter amizade então sempre você tá diferenciando?

Leopoldina: Eu procuro é.., eu chamo às vezes a mesma pessoa e eu tenho facilidade com amizades assim, eu é., na sala eu conheço todo mundo, converso com todo mundo.

Pesquisadora: Legal. Se fosse pra você escolher ser alguém da sala, que você seria?

Leopoldina: Alguém da sala?

Pesquisadora: Isso

Leopoldina: (pausa) Eu acho que eu não escolheria assim, eu acho que eu mesma.

Pesquisadora: Não tem ninguém assim que você “Nossa, aquela pessoa é bem bacana” se fosse pra escolher?

Leopoldina: Hum hum.

Pesquisadora: Não. E se...

Leopoldina: Tem pessoas bacanas, legais, bem companheiras, mas assim é.., mudaria.., se pudesse escolher não escolheria.

Pesquisadora: E se fosse para escolher uma pessoa que você não gostaria de ser? Tem alguém?

Leopoldina: (aluna pensando) Tem umas, tem algumas pessoas.

Pesquisadora: É um menino ou uma menina?

Leopoldina: É um menino assim.

Pesquisadora: Como que ele é assim, aparentemente?

Leopoldina: (aluna pensando)

Pesquisadora: Magro, alto, branco, negro? Bagunceiro?

Leopoldina: Bagunceiro é. Bagunceiro, ele é magro, é mais ou menos da minha altura também, meio moreno (fala incompreensível).

Pesquisadora: Uhum. E você, por ter a pele mais clara você acha que sofre menos preconceito do que seus amigos negros?

Leopoldina: Sim. Eu acredito que sim por causa a.., eu tenho alguns amigos negros, morenos, mas eles.., por conta que eu vi, eles não sofreram nenhum preconceito assim.

Pesquisadora: Você que por ter.., por ser branca você tem alguns privilégios tanto aqui na escola como na sociedade mesmo, quando você está em algum lugar as pessoas é.., vamos supor assim, você entra numa loja você tem a tranquilidade de que um segurança não vai ficar te seguindo ou algo do tipo?

Leopoldina: Tenho.

Pesquisadora: Então você acredita que por ser branca é.., você tem alguns privilégios da cor?

Leopoldina: Sim. Isso que eu acho meio chato por causa.., tem algumas pessoas negras também que entram em loja alguma coisa assim, e a pessoa passa a ver a pessoa diferente e isso é chato pras pessoas também, aí o branco ele pode entrar normal, a pessoa não vai desconfiar de nada e tal mas assim, não é por causa da cor que a pessoa pode fazer bullying, discriminar as pessoas.

Pesquisadora: E você em algum momento você já se pegou com comentários racistas, mesmo que de forma inconsciente depois você se percebeu “nossa o que eu falei não foi legal”. Em algum momento você já foi uma pessoa racista, mesmo que por acidente?

Pesquisadora: Olha, (pequena pausa) não. Não.

Pesquisadora: Sim. E tem alguma coisa que não foi dita que você gostaria de falar, alguma vivência? Algum comentário?

Leopoldina: Não, no momento não.

Pesquisadora: Ta bom então, obrigada Leopoldina.

Leopoldina: Eu que agradeço pela entrevista.

Pesquisadora: Imagina.

#### **APÊNDICE F –Transcrição da sexta entrevista com a aluno Menelik**

Pesquisadora: Eu estou aqui com o Menelik do 7º? Qual é o sétimo que vc tá?

Menelik: 7º B.

Pesquisadora: 7ºB. Você se auto declara de qual cor Menelik?

Menelik: Negro.

Pesquisadora: Você se declara negro. Eu vou fazer algumas perguntas pra você tá? É mais um bate papo que nós vamos fazer tá? Você se sinta à vontade pra querer falar outras coisas caso você lembre. E a primeira pergunta que eu quero fazer é se vc acredita que existe racismo no Brasil.

Menelik: Sim.

Pesquisadora: E o que faz você pensar nisso?

Menelik: Bom, é.., como eu posso falar? Acaba que, várias pessoas brancas.., tipo, eu já vi vários vídeos de pessoas brancas ofendendo negro. Tipo um caso famoso foi na praia,tinha uma mulher negra que foi zuada por uma pessoa branca.

Pesquisadora: E você vê esses vídeos geralmente onde? Noticiários é...

Menelik: Youtube assim, internet. Essas coisas.

Pesquisadoras: Ah tah. E aqui na escola você percebe que a cenas de racismo entre alunos ou professores? Como é que é na escola essa questão?

Menelik: Eu nunca vi tipo racismo dos professores, mas de aluno eu acho que já vi alguns.

Pesquisadora: Mas é de forma explícita? Como que você identifica?

Menelik: Tipo que meio na zueira entendeu?

Pesquisadora: Mas essa zueira quais são assim os apelidos que você consegue identificar mais?

Menelik: Ah, tipo negro, macaco, essas coisas.

Pesquisadora: Esses xingamentos né? E em relação assim a aparência física você percebe algum tipo de xingamento também? Cabelo...

Menelik: Sim, já chamaram de tipo negro é bandido, essas coisas.

Pesquisadora: uhum. E aqui na escola? Você gosta de estudar aqui?

Menelik: Sim, aqui é legal.

Pesquisadora: Como é que você se sente aqui na escola?

Menelik: É que eu já fiz vários amigos aqui, eu não queria estudar aqui, mas já fiz vários amigos e me acostumei aqui.

Pesquisadora: Você está aqui a quanto tempo?

Menelik: É, acho que já faz uns três anos

Pesquisadora: Ah, já faz um tempo. Mas por que que você não queria vir pra cá?

Menelik: É que eu não.., não gosto daqui de São Paulo assim, essas coisas.

Pesquisadora: Ah! você não é de São Paulo? De qual região você é?

Menelik: Eu sou da Paraíba.

Pesquisadora: Paraíba? Mas você veio.., você está em São Paulo a quanto tempo?

Menelik: Eu vim pra cá em 2013, voltei pra Paraíba em 2014 e voltei em 2017 e tô estudando aqui desde 2017.

Pesquisadora: E está sua família toda aqui ou tem gente que ficou lá?

Menelik: Não, só meu pai e minha mãe.

Pesquisadora: Ah Tah.

Menelik: E uns primos da minha mãe e do meu pai.

Pesquisadora: Você tem muitos amigos aqui?

Menelik: Sim, bastante.

Pesquisadora: Tem algum que você gosta mais?

Menelik: Sim.

Pesquisadora: Qual que é? Você pode falar?

Menelik: É pra falar o nome mesmo?

Pesquisadora: Pode.

Menelik: É o Renato, o Felipe, o Talles...

Pesquisadora: Ah, tem bastante.

Menelik: O Yago, Dani, Daniela, Fernanda, Marcia, Bia...

Pesquisadora: Nossa! Bastante mesmo. E você sendo negro já foi vítima de racismo na escola?

Menelik: Já, várias pessoas me zoam assim.

Pesquisadora: Mas isso aí é no dia a dia, no cotidiano?

Menelik: É, tem dias que sim e tem dias que não.

Pesquisadora: Bom, é..., você sendo negro já foi vítima de racismo na escola?

Menelik: Já.

Pesquisadora: E como que foi? Você pode contar um pouquinho pra gente?

Menelik: Assim, é..., eu tô falando com a pessoa né? aí vem uns "sua preta" às vezes "seu preto" e eles falam que eu venho sem roupa, tipo que eu coloco uma fita assim na perna, essas coisas.

Pesquisadora: Geralmente quem fala essas coisas são amigos da sua sala, ou no geral a escola?

Menelik: Não, são da minha sala às vezes.

Pesquisadora: Entendi. Aqueles amigos que você citou, que são seus amigos e tal, eles tem esse tipos de brincadeira com você também?

Menelik: Não.

Pesquisadora: Ah tah, só os que são assim mais afastados.

Menelik: É.

Pesquisadora: E quando isso ocorre qual que é a sua reação, como você reage?

Menelik: Eu viro as costas e não ligo.

Pesquisadora: Você ignora?

Menelik: É.

Pesquisadora: Você comenta com os seus pais sobre isso?

Menelik: Não.

Pesquisadora: E eles não perguntam nada também?

Menelik: Hum hum.

Pesquisadora: E quando isso ocorre, tem algum adulto, algum professor por perto?

Menelik: Não.

Pesquisadora: Eles se aproveitam da situação então?

Menelik: É, não tipo geralmente eles ficam um pouquinho, tipo na educação física eles ficam um pouquinho afastado...

Pesquisadora: Uhum.

Menelik: Aí eles não veem entendeu?

Pesquisadora: E como você se sentiu sendo vítima de racismo?

Menelik: Ah! Não sei como explicar tipo, eu só viro as costas, fico um pouco triste e vou embora.

Pesquisadora: Entendi.

Menelik: Aí depois eu fico animado de novo.

Pesquisadora: E isso ocorre com frequência?

Menelik: Não, raramente.

Pesquisadora: Um vez ou outra?

Menelik: É.

Pesquisadora: Aí você ..., sua atitude sempre é ignorar?

Menelik: Uhum.

Pesquisadora: Tá certo. E você já viu alguém na escola ser destrutado por ser negro?

Menelik: Não.

Pesquisadora: Só com você? Outros alunos que são negros você nunca percebeu?

Menelik: Tipo, só esses tipos de brincadeira tipo "Ah! Seu negro" seu o quê entendeu?

Pesquisadora: Uhum.

Menelik: Só essas brincadeiras assim.

Pesquisadora: Os xingamentos mesmo. E eles ocorrem mais aonde? Na sala ou em um trabalho?

Menelik: Ah! Às vezes na sala assim, essas coisas.

Pesquisadora: O professor percebe algumas vezes? Você percebe que ele...

Menelik: Não sei, acho que não.

Pesquisadora: Não. É... vamos falar um pouco assim de artistas de televisão. Você tem algum que você gosta mais? Você acompanha cantor?

Menelik: Cantor? Eu gosto mais do Lil Peep e do X

Pesquisadora: Lil Peep e?

Menelik: O X, são cantores de rapper.

Pesquisadora: Ah, cantores de rapper? Mas eles são nacionais ou internacionais?

Menelik: São internacionais.

Pesquisadora: Ah, legal. São negros?

Menelik: O X é, o Lil Peep não.

Pesquisadora: Entendi. É... Você já pegou algum livro com personagens negros?

Menelik: Hum...Não.

Pesquisadora: Já ouviu alguma história, mito ou lenda africana?

Menelik: Acho que já, acho que já.

Pesquisadora: E onde que você ouviu? Você lembra? Foi na escola? Em casa?

Menelik: Não lembro, acho que foi na internet, eu acho.

Pesquisadora: Internet? E quanto ao seu cabelo, você gosta do seu cabelo?

Menelik: Às vezes. É ! Gosto.

Pesquisadora: Se assim , pudesse mudar como você gostaria de usá-lo?

Menelik; Ah, fazendo umas tranças nele pra deixar (fala incompreensível).

Pesquisadora: Legal. E dos professores aqui? Você gosta?

Menelik: Uhum.

Pesquisadora: Te tratam bem?

Menelik: Sim.

Pesquisadora: E... durante as aulas você aprende algo sobre a África ou cultura afro-brasileira?

Menelik: No ano passado nós aprendemos bastante.

Pesquisadora: Em quais aulas? Você lembra?

Menelik: Acho ..,peraí... acho que era história eu acho.

Pesquisadora:Uhum. E o que você achou dessas aulas?

Menelik: Ah! Achei interessante e legal.

Pesquisadora: Você já presenciou algum amigo sofrendo racismo na escola?

Menelik: Algum amigo?

Pesquisadora: Isso. Amigo seu mais próximo? Se sim qual que foi sua reação?

Menelik: Não. Nunca vi não.

Pesquisadora: Quando tem atividades em dupla, qual amigo você costuma chamar para participar com você?

Menelik: Ah! Costumo às vezes eu faço só e as vezes faço com uma amiga minha que é a Beatriz.

Pesquisadora: Amiga Beatriz? E como que ela é fisicamente a Beatriz?

Menelik: Ela é... é igual eu, negra é... cabelo meio cacheadinho e bonita também.

Pesquisadora: Legal. E se você pudesse escolher quem você seria dos seus amigos?

Menelik: Nenhum. Me contento comigo mesmo.

Pesquisadora: Hum, bacana. E se você pudesse escolher, que você não seria na sua sala?

Menelik: A cara! Todos são iguais, eu não tenho discriminação com ninguém assim.

Pesquisadora: Mas assim, eu falo em relação a comportamento...

Menelik: Ah! Eu nunca seria o ... deixa eu ver aqui...o Naldo.

Pesquisadora: Por que? O que ele faz ?

Menelik: Ele é esse menino que fica fazendo essas brincadeiras assim...

Pesquisadora: Ah, ele é o menino que faz é.., as práticas racistas com vc né?E ele é como esse Naldo?

Menelik: Ele é meio branco e gordinho.

Pesquisadora: Hum, entendi. E você acha que por ter a pele mais escura sofre mais preconceito do que seus amigos brancos?

Menelik: Não.

Pesquisadora: Você acha que tanto aqui na escola quanto lá fora na sociedade você não percebe isso?

Menelik: Uhum.

Pesquisadora: e de tudo que a gente conversou aqui, tem algo que não foi dito que você queira compartilhar, falar? Alguma coisa que você lembrou, algum episódio?

Menelik: Não.Não tenho não.

Pesquisadora: Tah, é isso então obrigada.

#### **APÊNDICE G –Transcrição da sexta entrevista com a aluno Pedro**

Pesquisadora: Bom, eu estou aqui com o Pedro, o Pedro é de qual ano?

Pedro: A data que nasci?

Pesquisadora: Não, qual é o ano que você esta? A série?

Pedro: 8º A.

Pesquisadora: 8º A. Você tem quantos anos?

Pedro: Tenho 13.

Pesquisadora: Você tá aqui na escola já faz algum tempo?

Pedro: Desde o 1º ano.

Pesquisadora: Ah, você esta aqui desde pequenininho?

Pedro: É.

Pesquisadora: Ah Que bom! Então você conhece bem a escola né?

Pedro: É.

Pesquisadora: Eu vou começar com as perguntas. A primeira pergunta que eu quero fazer pra você é se você acredita que tem racismo no Brasil?

Pedro: Eu acredito.

Pesquisadora: O que faz você pesar nisso?

Pedro: É que também já passou no repórter já. Tipo tem um ator que teve uma filha que ela é adotada e ela e negra, e fizeram racismo contra a filha dele.

Pesquisadora: Entendi. Então você acredita porque você vê muito na televisão né?

Pedro: É.

Pesquisadora: E... é.., você já presenciou alguma cena de racismo fora da escola ou no dia a dia.

Pedro: É, no dia a dia mas é tipo na brincadeira tipo fala: "vem cá nego".

Pesquisadora: Uhum.

Pedro: Aí é tipo, na minha opinião é na brincadeira, a pessoa não se sente ofendida nessa forma.

Pesquisadora: E você gosta de estudar aqui?

Pedro: Gosto.

Pesquisadora: É... como você se sente na escola?

Pedro: Me sinto bem, conheço quase todo mundo então não tem problema nenhum.

Pesquisadora: você não tem problema nenhum com ninguém né?

Pedro: É.

Pesquisadora: E você tem muitos amigos aqui?

Pedro: Tenho.

Pesquisadora: Tem algum que você goste mais?

Pedro: Tenho. Tenho o que eu chamo de melhor amigo.

Pesquisadora: Hum, quem que é ?

Pedro: É o Marcelo.

Pesquisadora: E ele é assim bonito que nem você?

Pedro: É, não acho muito beleza em homem né, acho meio estranho. (pesquisadora ri).

Pesquisadora: Como que ele é mais ou menos fisicamente assim?

Pedro: É, ele é quase igual a eu, cabelo é a mesma coisa, é branco. Quase a mesma coisa.

Pesquisadora: Legal. E você já sofreu bullying na escola?

Pedro: Já, mas aí foi praticamente apelido, então eu não levava a sério.

Pesquisadora: Tinha algum apelido que você não gostava?

Pedro: Não.

Pesquisadora: Entendi. Aí olhando pra você aparentemente você é branco. Você se auto declara como branco?

Pedro: Sim.

Pesquisadora: Tranquilo. E você acha que há diferenças entre racismo e bullying?

Pedro: Acho. Porque o racismo dói mais na pessoa.

Pesquisadora: Mas assim, o bullying se a pessoa é gordinha e não gosta de ser gorda, você acha que ela não sofre também por isso?

Pedro: Sofre.

Pesquisadora: E qual que é a diferença que você consegue assim identificar entre o racismo e o bullying?

Pedro: A cor.

Pesquisadora: Que o racismo está relacionado a cor da pele da pessoa?

Pedro: Isso.

Pesquisadora: Entendi. E você já viu alguém na escola ser destrutado por ser negro?

Pedro: Não.

Pesquisadora: Aqui na escola você nunca presenciou?

Pedro: Não.

Pesquisadora: E se você presenciasse essa cena? Como que você ia se sentir?

Pedro: Ah, eu não ia tipo gostar, também não ia me intrometer.

Pesquisadora: Entendi.

Pedro: Mas eu ia falar pra aquela pessoa não ligar.

Pesquisadora: Hum, você ia conversar com quem sofreu o racismo no caso?

Pedro: É.

Pesquisadora: E...você assim, curte alguns artistas, cantor? Você curte alguma coisa assim no mundo artístico?

Pedro: Isso daí não. Que todos fazem coisa certa também.

Pesquisadora: Mas você não tem nenhum artista favorito? Ator, atriz?

Pedro: Tenho, mas são ingleses.

Pesquisadora: São todos internacionais?

Pedro: É.

Pesquisadora: Quais que são assim? Você sabe mais ou menos falar?

Pedro: Nome eu não sei, eu sei o nome dele sendo personagem.

Pesquisadora: Uhum.

Pedro: É sobre os vingadores.

Pesquisadora: Ah tah, mais de filme então.

Pedro: É.

Pesquisadora: Hum, mas qual que é.., é o super herói?

Pedro: É! Tipo homem de ferro, esse daí.

Pesquisadora: Ah! Legal. E você já pegou algum livro com personagens negros?

Pedro: Posso até já ter pegado, mas eu acho que esqueci.

Pesquisadora: não se recorda.

Pedro: Já. Foi na .., foi esse ano mesmo na ... sala de leitura. Sobre o que nós estava lendo.

Pesquisadora: Legal. E já ouviu alguma história, mito ou lenda africana?

Pedro: Eu acho que já, mas esqueci.

Pesquisadora: e você assim, em relação a sua aparência, você gosta da sua aparência? Do seu cabelo?

Pedro: Gosto.

Pesquisadora: E se você fosse pra mudar assim sua aparência você mudaria?

Pedro: Não, não mudaria.

Pesquisadora: Você gosta do jeito que você é ?

Pedro: Isso.

Pesquisadora: E durante as aulas você aprende algo sobre a África ou cultura afro-brasileira?

Pedro: Eles não passam muito isso daí na escola, eles.., no caso que também tem a professora tá explicando outra coisa sobre o quê aconteceu no passado.

Pesquisadora: Ah!

Pedro: Ah, isso eu aprendi bem no ano passado sobre o negócio de africano.

Pesquisadora: Aí quando vocês aprendem é mais sobre o quê assim? Qual que é o tema que a professora costuma falar?

Pedro: Sobre os brancos que brigavam com os negros sobre as terras, os portugueses.

Pesquisadora: Uhum. E quais aulas assim que vocês aprendem mais sobre... qual disciplina que é?

Pedro: História.

Pesquisadora: História? E o que você acha dessas aulas?

Pedro: Acho boas.

Pesquisadora: Você gosta?

Pedro: Eu gosto.

Pesquisadora: E você costuma conversar com a sua família sobre racismo?

Pedro: Eu converso sobre o que passou na aula.

Pesquisadora: Sobre o que passou na aula?

Pedro: É.

Pesquisadora: Mas aí em relação tipo a noticiários, como você mesmo havia comentado, quando vê alguma coisa, alguma prática racista é..., noticiário vocês costumam conversar sobre isso em casa?

Pedro: Não.

Pesquisadora: E... eu perguntei se você já presenciou alguém na escola sofrendo racismo e você falou que não. Nem algum amigo próximo na sala de aula no dia a dia?

Pedro: Não.

Pesquisadora: É se... ah não, já perguntei isso pra você. Vamos lá! Quando tem atividades em dupla, qual amigo você costuma chamar para participar com você?

Pedro: Meu melhor amigo, o Marcelo.

Pesquisadora: Você já havia falado né?

Pedro: Mas agora não tem como por causa que eu tô em outra sala.

Pesquisadora: Ah, vocês mudaram de sala.

Pedro: Isso, me trocaram de sala.

Pesquisadora: Mas se fosse pra escolher seria ele.

Pedro: Seria ele.

Pesquisadora: É assim, na sala têm muitas crianças?

Pedro: Tem.

Pesquisadora: Você consegue me falar se a maioria é negra ou não? É tudo misturado?

Pedro: Na sala ninguém negro, tem mais moreno.

Pesquisadora: Ah tah, negro assim da minha cor você não consegue identificar?

Pedro: (pequena pausa) Ah, acho que tem uma menina lá.

Pesquisadora: Uma menina!

Pedro: Mas um pouco mais clara.

Pesquisadora: Tah. E se pudesse escolher alguém da sala quem você seria assim? Uma pessoa bacana, legal que você se inspiraria pra ser se fosse pra escolher?

Pedro: O Renato.

Pesquisadora: O Renato? Por quê? O que que ele tem de qualidades assim...

Pedro: Ah, ele nunca brigou comigo, é legal, sabe fazer as aulas. Ele não é... como eu posso falar? Se interessa quando é alguma coisa importante.

Pesquisadora: Hum, Legal.

Pedro: Eu escolheria ele.

Pesquisadora: E se fosse pra escolher alguém que você não gostaria de ser? Quem você escolheria? Mal exemplo, você acha que “ah essa pessoa não é bacana”.

Pedro: (pequena pausa) Deixa eu pensar...

Pesquisadora: Os nomes deles também vão ficar anônimos tah (risos).

Pedro: Tah (pequena pausa). Que não faz nada, nada?

Pesquisadora: É. uma pessoa que você não acha legal assim que se fosse pra escolher você não gostaria.

Pedro: Leandro.

Pesquisadora: Ah tah. Mas ele não faz lição? É bagunceiro?

Pedro: Não faz nada, entra nas aulas dando risada.

Pesquisadora: É como que ele é assim fisicamente?

Pedro: Fisicamente ele entra na sala e ele fica como... não vou usar essa palavra! Fica... como é que eu posso falar isso aí? Ele não...ele não se interage na aula, ele não leva nada a sério.

Pesquisadora: Uhum.

Pedro: Ele fica mongando.

Pesquisadora: Entendi. Mas fisicamente assim ele é como? Se fosse pra descrever ele assim, como que ele é?

Pedro: Ah, ele chega na sala, ele não faz lição, a professora pergunta o nome dele quando ele não faz lição e ele fica quieto, ele não se interessa tipo em nenhum esporte na aula de educação física, ele fica conversando mas não sobre as coisas certas.

Pesquisadora: E ele é alto, magro, gordo...

Pedro: Ele é alto, ele é magro, ele é branco igual eu.

Pesquisadora: Aham.

Pedro: E só.

Pesquisadora: E assim, em relação a privilégios, você por ser branco você acredita que tem mais privilégios do que as pessoas que têm o tom de pele mais escura? Do quê os negros?

Pedro: Não, tem que ter o mesmo direito pra mim, na minha opinião.

Pesquisadora: Você assim, se você saindo na rua você observa, vamos supor..., é num shopping quando você entra numa loja você acha que o olhar pra você que é branco é o mesmo olhar quando um negro entra por exemplo?

Pedro: Não.

Pesquisadora: Você sente diferença nos olhares?

Pedro: Das pessoas sim, e não do meu olhar.

Pesquisadora: não você, mas você percebe que outras pessoas as vezes tem esse tipo de atitude?

Pedro: Sim.

Pesquisadora: Entendi. Mas então assim, você sendo branco e um negro, você acha que quando você se tornar um adulto, é... vamos supor numa entrevista de emprego se tiver você e um negro, você acha que vão discriminá-lo, vão dar mais é...chances pra você por causa da sua aparência? Você acha que a sua aparência às vezes pode fazer com que as pessoas discriminem a pessoa negra?

Pedro: Acho, porque algumas pessoas que discriminam pela cor, não pelo caráter da pessoa.

Pesquisadora: Entendi. E tem mais alguma coisa que você queira falar que a gente não conversou?

Pedro: Não.

Pesquisadora: Só isso mesmo. Acho que é basicamente isso Pedro, obrigada por você ter um tempinho aí tá.

#### **Apêndice H – Quadro de indicadores e pré-indicadores dos professores**

##### **Professora Isabel**

<b>INDICADORES</b>	<b>PRÉ-INDICADORES</b>
O racismo existe de uma forma escancarada.	Com certeza. Infelizmente sim. A nossa sociedade ela é muito racista. [...] na verdade o racismo, ele era muito velado. Hoje nós estamos numa sociedade que deixou de ser enrustida, de ser velada, pra uma sociedade extremamente declarada preconceituosa. [...] na nossa sociedade é presente a questão racista né? [...] a criança já vem com isso. [...] nossa sociedade é racista sim, a nossa indústria é racista.
O corpo humano é objeto de racismo.	Na fase da adolescência que umas quando querem ofender as outras, aí entra na questão da aparência, do cabelo, de corpo.
O professor não está preparado para trabalhar com a Lei 10.639.	[...] a gente falava assim: “Meu Deus! Quanto ainda precisa ser trabalhado com os professores que não dominavam [...] até o porquê da necessidade de fazer isso (trabalhar a lei 10639) ...o quão o professor estava familiarizado ou não com a lei ao ponto de argumentar e levar para a escola essa discussão.
Dificuldades para trabalhar as questões raciais.  (mistura de <i>bullying</i> e racismo).	[...]aquí na escola é.., causa algum estranhamento colegas às vezes né? Com algumas frases que a gente.., não só a questão de cor, mas eles associam a muitas coisas e isso me preocupa. [...] eu vejo assim, professores antigamente tinham um certo padrão social diferente de alunos [...]hoje os professores moram na comunidade com os alunos. [...] muitas vezes a gente fala assim: “Ah! Mas aquele aluno, ele vem pra sala, ele não participa das atividades, ele não..,” mas de repente não têm ninguém por ele e ninguém dá o que não tem.
O cabelo é objeto de sofrimento.	Eu acho que a maior dor que eu senti e que nunca vou esquecer é o dia que uma menina chegou, pegou no meu cabelo e falou assim: “meu sonho era ter um cabelo igual o seu” [...] ouvir isso de uma criança dói demais porque traz com ela uma história.., uma história que não deveria ser assim.
Brincadeira que traz consigo o racismo velado.	É porque esse processo de brincadeira ele se naturaliza né? Ele se reveste de uma brincadeira carregada de maldade.
O professor não está preparado	[...] mas é horrível a gente pensar nisso, né? tudo bem que

para aplicar a lei 10.639.03 e suas contribuições.	a lei só existe porque nada disso era cumprido né? [...] quando eu trabalhava até com formação de professores pra discutir a questão da lei, nós fazíamos um curso que era a cor da cultura. [...] o quão o professor estava ou não com a lei, ao ponto de argumentar, ao ponto de levar pra escola essa discussão ou deixar enquanto lei isso.
Reconhece a importância em trabalhar as questões raciais na escola.	[...] eu acho que a discussão não tem que ser essa de pele clara, pele escura [...] eu não gosto desse tipo de discussão, eu acredito na constituição do sujeito sabe? E o que menos importa é a cor. Porque não é isso que vai me constituir como pessoa, como sujeito Mas eu sei, mas eu entendo é.., que diante da nossa história é importante que seja discutido. [...] eu tenho consciência disso, não fui eu que sofri. Eu posso ter sofrido porque era gordinha, eu posso ter sofrido por outros motivos, mas eu acho que a história deve muito. [...] embora eu não tenha sofrido, eu sei a dor dele. Eu sei o que a história deve, eu sei como é a nossa sociedade, eu sei como é o olhar, eu sei como não deve ser fácil.
Relata práticas na escola que promovem uma educação antirracista.	[...] eu acredito que na nossa escola tem diminuído muito esse discurso... até por conta do trabalho de todos...saraus... um projeto que é o batuque! [...] tem várias ações que a gente faz..., eu acho que isso envolve a comunidade, a gente já tem discutido há muito, muito tempo. [...] é um momento de formação docente. (JEIFE) [...] é um momento de estudo. [...] já existem conversas, existem muitas coisas pra gente desconstruir esse senso comum, esse diálogo.
Expressa a importância do projeto Batuque	[...] quando eu vim pra escola que eu olhei o.., o muro e tava lá: “centro de referência de cultura afro” e aqui dá um baita orgulho, eu falava assim: “gente, esse projeto precisa chegar no currículo da escola, esse projeto não pode ser desvinculado de todas as nossas ações”. [...] se esse projeto não entrar no currículo da escola e a gente não passar a viver, vamos ter que pintar esse muro porque essa escola não é um centro de referência.
A relação afetiva: sentimentos constituídos, vivências e tensões acerca do racismo.	[...] porque eu fico com pena [...] pelo menos quando eu era criança e não tinha.., eu tinha uma opção de boneca: magra, loira de olhos azuis. [...] Como uma criança negra se identifica?
Sentimentos frente a discriminação racial cometida com o outro	[...] se a gente levar em consideração todas as diferenças, quem vai se identificar com esse padrão, com esse modelo? [...]... a nossa sociedade é racista, a nossa indústria é racista e ... o que vende é o brinquedo europeu [...] se você não consegue ser humano para saber a dor do outro, para poder imaginar o que aquela pessoa tá passando, você nunca, nunca vai ter ideia do que isso pode levar marcar pro resto da vida de uma pessoa.

### Professora Dandara

INDICADORES	PRÉ-INDICADORES
Reconhece a existência do racismo na sociedade brasileira.	Sim
Reconhece práticas racistas na	Eu acho que tem[...] às vezes os colegas (professores) e

escola.	um.., um olhar para aquele aluno, é um jeito que ta falando daquele aluno...
A relação entre os professores é tensa quando o tema é racismo na escola.	[...] muitos professores: “de novo?”. [...] a gente não precisa mais estudar sobre isso?então a gente já sabe tudo, a gente já sabe combater, não precisa mais, não existe mais racismo né? [...] geralmente os professores negros são mais né? Engajados né? Eu tive um caso assim, de uma colega que é negra e que ela é uma que se irrita quando vai tratar esse tema né?[...] ela fica irritada, que ela fala assim: “não precisa disso e tal, é vitimismo”.
O aluno denomina de brincadeira uma prática racista.	Eu sempre chamo pra conversar, explico o quanto aquilo é.., né.., doí no outro. [...] por que quando você vai questionar eles: “mas professora, eu só fiz uma brincadeira”. Eu falei: “mas uma brincadeira que um só se diverte não é brincadeira, isso é sério! ”.
Diante de falas racistas a professora intervém pedagogicamente.	Eu falo pra eles logo no começo: “eu não aceito brincadeiras machistas, nem homofóbicas, racistas...” [...] isso não quer dizer que não vai acontecer né? Mas quando acontece eu já faço a intervenção na hora mesmo.
A lei 10.639.03 ajuda na superação do racismo.	Eu achei que a lei ajudou muito. A lei do ensino afro né? Nas escolas. Nossa! Ela fez toda a diferença. Pode pensar antes e depois. Legitimou né?
A escola desenvolve práticas racistas automaticamente.	[...] na formatura do Teodoro os alunos resolveram homenagear algumas funcionárias da escola...[...] só que essa funcionária não foi chamada no palco para compor a mesa. [...] (ela era negra) e a maioria lá no Teodoro são de .., né? De pessoas negras. [...] e a mesa tava realmente muito branca mesmo. [...] olha como a gente faz a casa grande senzala várias vezes sem perceber, que é tudo corrido, porque a gente não tem tempo para pensar.., mas quando você para pra olhar, que absurdo! Ela foi homenageada, ela tinha que estar na mesa né?
A professora apreendendo com as alunas a sua identidade negra.	Eu vejo que aqui (na escola) eu consegui aceitar meu cabelo, quando eu vim pra essa escola que eu via que as alunas usavam cabelo. Foi ao contrário, não foi as alunas que ficaram inspiradas na professora, a professora se inspirou nelas. [...] aí eu comecei a usar meu cabelo mesmo assim natural foi aqui.
Expressa a importância do projeto Batuque.	O batuque também logo quando cheguei eu entrei no batuque.
Práticas na escola que vão ao encontro do combate ao racismo: progressos, valorização e quebra de padrões.	É maravilhoso, é um espaço que a gente pode estudar né? (a JEIFE). Chegaram livros afros, indígenas né? De literatura periférica. [...] livro ilustrado com personagens negros em várias situações. Isso ajudou muito a gente né? Você lê, a própria aluna aquela negra, negro, eles se veem em outros papeis né? Sociais. [...] a gente sempre tava ali no eurocentrismo, valorizando todo aquele padrão, o padrão de beleza, o padrão de cultura, de saber e agora a gente né? Tem oportunidade de fazer né? Como a gente fala, descolonizar o currículo. [...] é super importante ele (aluno) se sentir sujeito da história
Desqualificação da professora e tratamento diferenciado por	[...] deles (alunos) duvidarem do meu conhecimento, é muito né? Eu lembro .., é muito louco.

ser negra.	É duvidar tipo assim: “esse não é o lugar que você deveria tá”, “será que você tá sabendo mesmo o que você tá fazendo aí na frente? ”. [...] eu tinha um aluno que chegou pra mim: “ ah! professora, por que você não escolheu ser uma mulata numa escola de samba? ” Eu falei: “não, poderia até dançar, mas isso não seria minha profissão” [...] Eu sou professora de história. [...] os próprios alunos vieram comentar comigo depois: “nossa professora, que atitude racista que ele teve com a senhora né? ” Os próprios alunos fizeram a ligação. Mas com alunos e colegas (professores) sim. Já teve algumas situações bem desagradáveis.
Os alunos negros são avaliados como fracos e são discriminados inclusive afetivamente.	[...] na minha época ainda tinha aquela coisa das fileiras dos fortes, dos fracos. [...] até foi minha colega que percebeu, ela falou assim: “você percebeu que só tem a gente aqui? ”. Só tinha os alunos negros nessas fileiras. [...] e eu peguei e falei: “ não, acho que é besteira sua”. [...] “você já notou que a professora não beija a gente? ” eu peguei e falei: “não, não sei né?”. E depois eu vi.

### Professora Bandeira

INDICADORES	PRÉ-INDICADORES
Reconhece a existência do racismo na sociedade brasileira.	Acredito não, vejo. [...] tem racismo e muito.
Reconhece práticas racistas na escola.	A gente observa isso constantemente. [...] a discriminação, preconceito em relação à questão da cor é presente né? Sim. Com certeza, muito embora a gente tenha um ganho, um avanço nessa questão, mas ainda hoje, “olha aquela negrinha”. [...] essas denominações paliativas para esconder “olha aquele, aquela criaturinha de tal cor”. Olha, a gente tem essa experiência na escola diariamente. Colegas “ai, aquele negrinho catarrento” sabe? Referências negativas, “ “ai, é pobre!” “ah, também olha a cor da criatura”. Como se é.., já viesse fazendo parte da cultura deles e é natural você ter uma atitude discriminatória por conta de é.., se é gordo, se é gay, se é negro, efim.., principalmente o negro né?
Explica as ações na escola que podem promover o combate do racismo na sociedade.	[...] e tem o “batuque” que é uma ação, tem um projeto que faz de sábado. Então, a gente tem esse projeto é.., chamado “batuque”, nasceu em 2005 por conta dos próprios alunos.
A relação cotidiana: dificuldades encontradas para abordar o racismo na escola.	Eu tive uma experiência que chamou bastante atenção né? O menino negro da sala é muito extrovertido e havia alguns coleguinhas que não aceitava o fato de ele fazer intervenções. [...] pelo fato de ser o menino negro né? que era aquela coisa, ele já era sempre assim.., pelos colegas colocados.[...] “ você senta lá no fundo da sala.” [...] meus alunos inclusive tem alguns que reclama. [...] “ por que a gente tá falando de preto ?”, “mas de novo?”, “não, você não vai acabar com isso?”. [...] eles ainda vem com aquele ranço de que não é negro, de que ele não é preto entendeu? né? “É por que a gente tá falando isso se a minha pele é marrom? “Olha a forma do meu nariz, o meu cabelo né? aí o menino

	<p>falou: “ não, você é café com leite, você não é negra.”</p> <p>[...] um aluno e.., branco feito uma folhinha de papel, nós conversando a respeito da origem do homem da África. [...] aí ele no final da conversa, ele falou assim: “o meu avô é negro”. [...] aquilo encorajou, talvez ele nunca dissesse que o avô dele é negro porque ele é nossa! transparente.</p> <p>E eu percebo que as crianças... [...] aquelas com o tom de pele mais escura, elas sentem um pouco retraídas por isso tá? Parece que não tem o espaço para elas, tem que se contentar. “olha, contente-se com isso.</p>
Explica rejeição dos alunos de pele mais clara frente às crianças negras.	É aquela coisa sutil. [...] mas olhar no comportamento se é uma atividade que você propõem por exemplo em dupla, em grupo...[...] você observa no pátio né? algumas crianças isoladas né? por conta disso (por ser negra).

### Professora Joaquina

INDICADORES	PRÉ-INDICADORES
Reconhece a existência do racismo na sociedade brasileira.	Eu acho que existe. Os adultos às vezes até fora da escola começam a colocar na cabecinha dessas crianças coisas que vão transformá-las em pessoas racistas, preconceituosas.
Não reconhece práticas racistas na escola.	Olha, pra ser sincera assim, na escola não. [...] aqui dentro não consigo te dar nenhum exemplo. [...] eu não vejo essa discriminação, essa atitude racistas nos pequenos.
Razões para a inexistência do racismo na escola.	Aqui dentro nesse ambiente não porque a gente tem crianças assim, de todos os tipos. [...] a gente tem bolivianos, a gente tem orientais, a gente tem n tipos diferentes. [...] então é uma mistura grande e o pessoal interage numa boa. Na criança não consigo ver isso. Eu tenho uma sala que 80% sei lá, conta de 70,80% é negro né? A gente também tem funcionários negros né? E eles tratam todo mundo igual.
Confunde racismo com bullying ok	Não tem desenvolvido ainda esse preconceito, esse racismo, esse bullying entre os pequenos é muito mais fácil você conversar, você conscientizar.
A interação entre as crianças é harmoniosa.	[...] eles interagem super bem, são todos amiguinhos. [...] todos brincam juntos, fazem atividades juntos, conversam é..., interagem ali sem o menor problema.
Negação do racismo entre crianças pequenas. Apenas o bullying é visto como brincadeiras que discriminam.	Às vezes é muito mais assim comum eles brigarem, tirarem sarro, ficar..., fazendo um bullyingzinho.” [...]uma criança usa óculos, ou porque é o gordinho, ou porque é muito baixinho. [...] eu não consigo imaginar uma criança inocente ali tendo alguma atitude que partiu dela. [...]que ela pensou sabe, com grau assim de maldade em fazer um bullying, em tirar um sarro, em cutucar, em provocar uma criança por diferença de cor.
Explica as brigas por razões outras que o racismo.	[...] por outros motivos diversos do que pela cor porque a quantidade de crianças negras é grande e eles interagem. [...] as crianças não têm essa maldade na cabecinha delas.
Ações na escola que podem promover o combate do acismo na sociedade.	Então, a gente consegue ainda fazer rodas de conversa, algum trabalho de interação que a gente consiga trabalhar o assunto para que não deixe isso (o racismo) aumentar né? A gente tem as reuniões em “JEIFE” né? e treinamento.
Negação de privilégios em	Privilégio...privilégio não. [...] eu prestei concurso, então

relação aos que possuem pele clara.	<p>passsei no concurso, Qualquer outra pessoa passaria independente da cor.</p> <p>Eu conheço muitos negros que tiveram muito mais privilégios do que eu como branca né?</p>
Existência do racismo reverso na sociedade brasileira.	<p>[...] eu vejo algumas diferenciações assim na forma de olhar e muitas vezes essa diferenciação que eu vejo no olhar parte de um negro, que já imagina eu ou outra pessoa branca com um monte de privilégios e benefícios que nem sempre todos os brancos tiveram.</p> <p>Existe tanto do lado branco em relação ao negro quanto ao contrário.</p> <p>[...] o que eu percebo tanto em relação a um ou qualquer outra pessoa né? Mais branca, ainda mais eu, branca de olho azul né? Aí ferrou! [...] fala: “nossa! Ela é branca.” Então já imagina assim: a branca, inteligente, tem dinheiro, que pode estudar né?</p> <p>[...] muitas vezes o próprio negro também vê o branco de forma diferente.</p>
Intervenções que são realizadas quando se é identificada práticas racistas no cotidiano escolar.	<p>A gente procura conversar, parar tudo, conversar para entender o por quê? Da onde vem essa atitude.</p>

#### Aluna Odara

INDICADORES	PRÉ-INDICADORES
Reconhece práticas racistas na escola.	<p>Eu percebo muitas coisas assim sobre o racismo, em muito lugar por aqui, ainda mais porque teve uma vez que a minha amiga da escola falou que já sofreu com isso, e já aconteceu com ela e eu fiquei muito triste.</p>
O racismo provoca sofrimentos.	<p>Já aconteceu comigo também na minha antiga escola. Em muitas escolas que eu já estive já aconteceu isso comigo também, isso me magoou demais.</p> <p>Então, teve uma vez que eu fui..., sabe um penteadinho que a pessoa aprende aqui e deixa o resto solto do cabelo? [...] aí uma menina chegou pra mim e me chamou de macaca.</p> <p>Aí eu fiquei muito triste, eu contei pra minha mãe, aí eu falei pra ela que já tava acontecendo já fazia um tempo, aí eu falei pra ela que queria mudar de escola.</p>
Justifica as várias mudanças de escolas por não suportar as práticas racistas que sofria.	<p>Eu não me adaptei mesmo, não tava muito bem naquela escola lá...</p> <p>É que muitas pessoas falavam coisas horríveis pra mim que eu não gostava muito, aí eu falei pra minha mãe que queria mudar de escola e aí pedi transferência para outra escola.</p> <p>Eles eram racistas comigo por conta da cor da minha pele.</p>
O cabelo da pessoa negra é fonte de sofrimento.	<p>Então, teve uma vez que eu fui..., sabe um penteadinho que a pessoa aprende aqui e deixa o resto solto do cabelo? [...] aí uma menina chegou pra mim e me chamou de macaca.</p> <p>Aí eu fiquei muito triste, eu contei pra minha mãe, aí eu falei pra ela que já tava acontecendo já fazia um tempo, aí eu falei pra ela que queria mudar de escola.</p>
O racismo provoca silêncio e medo.	<p>Não cheguei a comentar com ninguém.</p> <p>[...] a pessoa fazia essas coisas comigo eu não contava por conta da pessoa se encrencar ou acontecer alguma coisa.</p>
Não reconhece ter sofrido racismo na atual escola, não	<p>Então, aqui na escola eu nunca sofri assim de racismo, mas minhas antigas amigas do ano passado elas sofreram</p>

presenciou, porém amigas relatam a ela que já foram vítimas de racismo.	bastante [...]
A intolerância para com as religiões de matriz africana é ainda maior.	como minha amiga ela é de uma religião diferente, muita gente ficava falando que: “ah, sua macumbeira, que não sei o quê” aí ela brigava assim com a pessoa e a pessoa começava tipo a xingar ela e a mãe dela assim. Não, nem no intervalo. Nunca percebi nada
Na familiar a aluna é orientada para enfrentar as práticas racistas na escola.	Sim, a gente conversa bastante sobre isso, minha mãe sempre fala que se algo acontecer alguma coisa na escola é pra me avisar, que ela vem aqui na escola e conversa com a diretora pra falar sobre isso.
Afirma gostar do cabelo crespo, porém prefere o cabelo alisado.	Eu amo o meu cabelo, só que o meu cabelo não é liso de verdade, ele era cacheado, era tipo o seu ,só (risos) que como dava muito trabalho para pentear eu passei progressiva nele e agora ele tá liso.
Afirma ter tido pouca convivência com livros contendo histórias africanas ou personagens negros.	Não muito, mais ou menos não tem aquela convivência com esses livros assim mas às vezes.
Não reconhece nenhum professor que trabalhe nas aulas a cultura Africana ou afro-brasileira.	Na verdade não. As professoras nunca passaram sobre isso.
Acredita que por ter a pele mais escura sofre mais discriminação do que seus amigos brancos.	É, porque como o meu pai fala, nossa cor não é muito bem-vinda aqui né então muita gente...
A discriminação leva a identificar os brancos como ricos e os negros como pobres.	[...]uma vez quando eu acho que era do 1º ou do 2º ano, uma amiga assim, quer dizer, não era minha amiga né? Ela chegou pra mim e falou que pessoa branca era rica e pessoa negra era pobre assim sabe?
Os brancos possuem mais privilégios que negros.	[...] acho que os brancos, eu acho que eles.., tipo, recebem mais atenção, mais respeito

### Aluna Leopoldina

INDICADORES	PRÉ-INDICADORES
Reconhece a existência do racismo na sociedade brasileira.	Eu acredito que exista muito. [...] muita gente assim, tem preconceito com as pessoas negras e isso é muito errado por causa assim, é.., nós somos iguais! A única coisa que muda é a cor
Identifica o <i>bullying</i> como sendo manifestação de racismo.	Apelidos eu já identifiquei bastante. [...]eu não lembro muito, mas tinha um que, tinha um monte de gente que é.., fazia <i>bullying</i> com ele por conta que ele tinha o cabelo um pouquinho maior.
Sentimentos diante de práticas racistas cometidas no interior da escola.	Me sentia assim, é.., com pena da pessoa também assim, por causa que ela tinha um cabelo diferente, o nariz diferente, boca diferente, ela era, ela.., conhecido maltratada.
Diante de ações racistas, os professores intervinham.	Isso acontecia quando não tinha adulto por perto ou então em sala de aula mesmo, mas aí os professores tomavam providencias.
Afirma convivência com livros e histórias africanas ou afro-brasileiras.	Já peguei com histórias africanas. Acho que se eu ouvi (lenda africana) foi quando eu era mais pequenininha. Aí eu ouvia bastante na sala de leitura.
Reconhece e relata a importância das aulas de cultura Africana e afro-brasileira nas aulas.	Aprendemos também e eu acho isso ótimo porque a gente conhece outras culturas, outras coisas sobre a África, africanas, tudo.

Na família ocorrem conversas sobre racismo.	[...]as vezes tá vendo até uma reportagem é.., ou então tamo conversando sobre o assunto aí toca, aí a gente começa a conversar sobre o racismo. É bem chato isso.
Reconhece os privilégios de ser branca e admite sofrer menos discriminação do que os negros.	Sim. Eu acredito que sim Sim. Isso que eu acho meio chato por causa.., tem algumas pessoas negras também que entram em loja alguma coisa assim, e a pessoa passa a ver a pessoa diferente e isso é chato pras pessoas também, aí o branco ele pode entrar normal, a pessoa não vai desconfiar de nada e tal mas assim, não é por causa da cor que a pessoa pode fazer <i>bullying</i> , discriminar as pessoas.

**Aluno Menelik**

INDICADORES	PRÉ-INDICADORES
Reconhece e existência do racismo na sociedade brasileira.	Sim. Bom, é..., como eu posso falar? Acaba que, várias pessoas brancas..., tipo, eu já vi vários vídeos de pessoas brancas ofendendo negro.
Reconhece práticas racistas de alunos na escola.	Eu nunca vi tipo racismo dos professores, mas de aluno eu acho que já vi alguns. Ah, tipo negro, macaco, essas coisas. Sim, já chamaram de tipo negro é bandido, essas coisas.
O racismo aparece sob a forma de agressões verbais.	Já, várias pessoas me zoam assim. [...] aí vem uns "sua preta" às vezes "seu preto".
Não reconhece práticas racistas com outros alunos negros.	Tipo, só esses tipos de brincadeira tipo "Ah! Seu negro" seu o quê entendeu? Não. Nunca vi não.
O racismo causa silêncio. Diante do racismo muitas vezes a pessoa ofendida não responde.	Eu viro as costas e não ligo. Ah! Não sei como explicar tipo, eu só viro as costas, fico um pouco triste e vou embora. Aí depois eu fico animado de novo.
Os alunos se aproveitam da ausência dos professores para cometer as práticas racistas.	[...] tipo na educação física eles (professores) ficam um pouquinho afastado... [...] aí eles não veem entendeu?
Tem sentimentos positivo para com o seu cabelo.	Às vezes. É! Gosto.
Demonstra interesse e afirma ter tido aulas que trabalham a cultura africana e afro-brasileira. ok	No ano passado nós aprendemos bastante. Ah! Achei interessante e legal.

**Aluno Pedro**

INDICADORES	PRÉ-INDICADORES
Reconhece a existência do racismo na sociedade brasileira.	Eu acredito. É que também já passou no repórter. Tipo tem um ator que teve uma filha que ela é adotada e ela é negra, fizeram racismo contra a filha dele.
Reduz o racismo na escola a simples brincadeiras.	É, no dia a dia mas é tipo na brincadeira tipo fala: "vem cá nego". Aí é tipo, na minha opinião é na brincadeira, a pessoa não se sente ofendida nessa forma.
Admite ter sofrido <i>bullying</i> e não ter dado importância.	Já, mas aí foi praticamente apelido, então eu não levava a sério.
Diferencia <i>bullying</i> de racismo.	Acho. Porque o racismo dói mais na pessoa.
O racismo provoca silêncio e indiferença.	Ah, eu não ia tipo gostar, também não ia me intrometer. Mas eu ia falar pra aquela pessoa não ligar.
Reconhece ter pouco contato com a cultura Africana e afro-brasileira no espaço escolar.	Posso até já ter pegado (livros afro-brasileiros), mas eu acho que esqueci. Ah, isso eu aprendi bem no ano passado sobre o negócio de africano. Sobre os brancos que brigavam com os negros sobre as terras, os portugueses.
Demonstra interesse pelas aulas de cultura africana e afro-brasileira.	Acho boas. Eu gosto.
No ambiente familiar o racismo não está em pauta.	Eu converso sobre o que passou na aula.

Não identifica quase nenhum aluno como sendo negro em sua sala de aula.	Na sala ninguém é negro, tem mais moreno. Ah, acho que tem uma menina (negra) lá.
Não acredita no privilégio por possuir a pele mais clara.	Não, tem que ter o mesmo direito pra mim, na minha opinião.
Identifica o racismo do outro, mas não se declara racista.	(observa olhares diferentes para brancos e negros?)  Das pessoas sim, e não do meu olhar. (brancos têm mais oportunidades?) Acho, porque algumas pessoas que discriminam pela cor, não pelo caráter da pessoa.

**ANEXOS**

**ANEXO – A**  
**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Eu \_\_\_\_\_, Rg nº \_\_\_\_\_ e CPF \_\_\_\_\_, consinto em participar da pesquisa sobre “ **Significações constituídas por professores e alunos do Ensino Fundamental sobre o racismo na escola**” O objeto de estudo desta pesquisa é apreender os sentidos e significados que professores e alunos do ensino fundamental I apresentam sobre práticas racistas que ocorrem no espaço escola.

Fui informada (o) sobre a metodologia. Que constará da observação do participante, aplicação de entrevistas semiestruturadas, havendo garantias de que receberei os esclarecimentos necessários antes e durante a pesquisa. As entrevistas serão realizadas de preferência no próprio ambiente escolar ou em outro local a ser acordado entre entrevistada(o) e a pesquisadora.

Fui informada (o) que este estudo, de caráter acadêmico será conduzido pela mestranda **Priscila da Silva Oliveira** do Programa de Pós- Graduação em Psicologia da Educação Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC-SP, sob a orientação do **Prof. Dr. Antonio Carlos Caruso Ronca**.

Declaro ainda, ter compreendido que não sofrerei nenhum prejuízo de ordem psicológica ou física e que será preservada minha privacidade.

Concordo que os dados, mantidos o sigilo sobre a minha participação, sejam publicados com fins acadêmicos ou científicos.

São Paulo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 201\_\_

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador: \_\_\_\_\_

Assinatura do Orientador: \_\_\_\_\_

## ANEXO – B

### SUGESTÕES DE QUESTÕES ORIENTADORAS Roteiro Para Entrevista semi-estruturada

Entrevistada: Professora do Ensino Fundamental I (autodeclarada branca)

Sexo: \_\_\_\_\_ Classificação-cor: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

- Você pode se apresentar e contar um pouco da sua trajetória de como decidiu ser professora, o que foi determinante para isso acontecer. Fale um pouco de você.
- Você se autodeclara ser de qual cor?
- O que é racismo para você?
- O que você entende por atitudes discriminatórias ou preconceituosas?
- Você já observou práticas de racismo na escola? Como foram? E quais foram suas atitudes?
- Você reconhece atitudes preconceituosas em relação à pessoa negra na escola? (com alunos, funcionários, comentários de pais? Ou até mesmo fora da escola?)
- Em sua sala de aula você percebe atitudes em que as crianças discriminam algum amiguinho pela sua cor? Se sim pode nos falar um pouco sobre?
- Você acha importante discutir as questões étnico-raciais no espaço escolar? Por quê?
- Você acha que sofre menos preconceito por ter a pele mais clara? Explique.
- Na sua infância há alguma recordação da qual você presenciou alguma ação racista na escola? Se sim Pode nos contar um pouco sobre?
- No Brasil, costuma-se relacionar a imagem da pessoa negra com a falta de saúde, a preguiça e criminalidade. Qual sua opinião sobre isso? Você acha que as crianças, apesar de pequenas podem associar os negros dessa maneira?
- Você consegue perceber se há rejeição das crianças de pele mais clara frente às crianças de pele mais escura? Explique.
- E quanto aos funcionários da escola? Você já presenciou alguma prática racista por parte deles?
- Você já se percebeu cometendo alguma prática racista na escola? Se sim pode nos contar um pouco sobre?
- Que ações ocorrem na escola com a intenção de promover uma educação que problematiza as questões étnico-raciais?
- Tem algo que não foi dito em nossa conversa que você queira nos contar?

Roteiro adaptado, tendo como base os instrumentos utilizados na seguinte pesquisa:

MARTINS, Telma Cezar da Silva et al. **O branqueamento no cotidiano escolar: práticas pedagógicas nos espaços da creche**. Tese "(Doutorado em Educação)" Universidade nove de julho, São Paulo, 2017.

## ANEXO – C

### SUGESTÕES DE QUESTÕES ORIENTADORAS

#### Roteiro Para Entrevista Semi-estruturada II

Entrevistada: Professora do Ensino Fundamental I (autodeclarada negra)

Sexo:\_\_\_\_\_ Classificação-cor:\_\_\_\_\_ Idade:\_\_\_\_\_

- Você pode se apresentar e contar um pouco da sua trajetória de como decidiu ser professora, o que foi determinante para isso acontecer. Fale um pouco de você.
- Você se autodeclara ser de qual cor?
- O que é racismo para você?
- O que você entende por atitudes discriminatórias ou preconceituosas?
- Você já observou práticas de racismo na escola? Como foram? E quais foram suas atitudes?
- Você reconhece atitudes preconceituosas em relação à pessoa negra na escola? (com alunos, funcionários, comentários de pais? Ou até mesmo fora da escola?).
- E quanto aos funcionários da escola? Você já presenciou alguma prática racista por parte deles?
- Em sua sala de aula você percebe atitudes em que crianças discriminam algum amiguinho pela sua cor? Se sim pode nos falar um pouco sobre?
- Você acha importante discutir as questões étnico-raciais no espaço escolar? Por quê?
- E você? Já sofreu racismo na escola por algum aluno, mãe de aluno o funcionários? Conte-nos um pouco sobre.
- Na sua infância houve algum momento em que você se lembra sofrer racismo? Se sim pode nos contar um pouco sobre? E sua família? Como lidava com o racismo quando você era criança?
- Você acredita que as ações racistas sofridas na infância a prejudicou em algo durante a passagem para a vida adulta?
- No Brasil, costuma-se relacionar a imagem da pessoa negra com a falta de saúde, a preguiça e criminalidade. Qual sua opinião sobre isso? Você acha que as crianças, apesar de pequenas podem associar os negros dessa maneira?
- Você consegue perceber se há rejeição das crianças de pele mais clara frente às crianças de pele mais escura? Explique. Que ações que ocorrem na escola com a intenção de promover uma educação que problematiza as questões étnico-raciais?
- Tem algo que não foi dito em nossa conversa que você queira nos contar?

Roteiro adaptado, tendo como base os instrumentos utilizados na seguinte pesquisa:

MARTINS, Telma Cezar da Silva et al. **O branqueamento no cotidiano escolar: práticas pedagógicas nos espaços da creche**. Tese "(Doutorado em Educação)" Universidade nove de julho, São Paulo, 2017.

## ANEXO – D

### SUGESTÕES DE QUESTÕES ORIENTADORAS

#### Roteiro Para Entrevista Semi-estruturada III

Entrevistado (a): Aluno (a) do Ensino Fundamental I (autodeclarado (a) branco (a))

Sexo:\_\_\_\_\_ Classificação-cor:\_\_\_\_\_ Idade:\_\_\_\_\_

- Você gosta da sua escola? Como se sente nela?
- Tem muitos amigos na escola? De qual gosta mais?
- Você já sofreu bullying na escola?
- Você acha que há diferenças entre racismo e bullying?
- Você já viu alguém na escola ser destrinado por ser negro? Como você se sentiu?
- Quais artistas da televisão você gosta mais?
- Qual é o seu super-herói favorito?
- Você já pegou algum livro com personagens negros?
- Já ouviu alguma história, mito ou lenda africana?
- Você gosta do seu cabelo? Se pudesse mudá-lo como gostaria de usá-lo?
- Você gosta da sua professora?
- Durante as aulas você aprende algo sobre a África ou cultura afro-brasileira? O que acha dessas aulas?
- Você costuma conversar com sua família sobre racismo?
- Você já presenciou algum amigo sofrendo racismo na escola? Qual foi a sua atitude?
- Quando tem atividades em dupla, qual amigo você costuma chamar para participar com você?
- Se pudesse escolher, quem você seria dos seus amigos?
- Se pudesse escolher, quem você não seria dos seus amigos?
- Você acha que por ter a pele mais clara sofre menos preconceito do que seus amigos negros?
- Tem algo que não foi dito em nossa conversa que você queira nos contar?

Roteiro adaptado, tendo como base os instrumentos utilizados na seguinte pesquisa:

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) " Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

## ANEXO – E

### SUGESTÕES DE QUESTÕES ORIENTADORAS

#### Roteiro Para Entrevista Semi-estruturada Vi

Entrevistada: Aluna /o do Ensino Fundamental IV (autodeclarada/o negra/o)

- Você gosta da sua escola? Como se sente nela?
- Tem muitos amigos nela? De qual gosta mais?
- Você sendo negro já foi vítima de racismo na escola?
- Como se sentiu sendo vítima de racismo? Conversou com sua família sobre?
- Você já viu alguém na escola ser destrutado por ser negro? Como você se sentiu?
- Quais artistas da televisão você gosta mais?
- Qual é o seu super-herói favorito?
- Você já pegou algum livro com personagens negros?
- Já ouviu alguma história, mito ou lenda africana?
- Você gosta do seu cabelo? Se pudesse mudá-lo como gostaria de usá-lo?
- Você gosta da sua professora?
- Durante as aulas você aprende algo sobre a África ou cultura afro-brasileira? O que acha dessas aulas?
- Você já presenciou algum amigo sofrendo racismo na escola? Qual foi a sua atitude?
- Quando tem atividades em dupla, qual amigo você costuma chamar para participar com você?
- Se pudesse escolher, quem você seria dos seus amigos?
- Se pudesse escolher, quem você não seria dos seus amigos?
- Você acha que por ter a pele mais escura sofre mais preconceito do que seus amigos brancos?
- Tem algo que não foi dito em nossa conversa que você queira nos contar?

Roteiro adaptado, tendo como base os instrumentos utilizados na seguinte pesquisa:

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) " Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.